



EX-LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES



CARTAS CHILENAS

(TREZE)

P O E M A

ATRIBUIDO A

THOMAZ ANTONIO GONZAGA

CARTAS CHILENAS

(TREZE)

EM QUE O POETA CRITILLO CONTA A DOROTHÉO
OS FACTOS DE

FANFARRÃO MINEZIO

GOVERNADOR DO CHILE

Copiadas de um antigo manuscrito de Francisco Luiz
Saturnino da Veiga, e dadas á luz

COM UMA INTRODUÇÃO

POR

LUIZ FRANCISCO DA VEIGA

Bacharel formado em sciencias juridicas e sociaes pela
Faculdade do Recife.



RIO DE JANEIRO

PUBLICADAS EM CASA DOS EDITORES

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda, 77

1863



CARTA

AO SR.

DR. L. F. DA VEIGA

ACERCA DO AUTOR DAS « CARTAS CHILENAS »

ESCRITA POR

F. A. VARNHAGEN.



Illm. Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga.

Graças á minha recente vinda a esta côrte, acabo de estudar de novo as *Cartas Chilenas*, valendo-me desta vez da bella edição com que V. S. mimoseou as lettras patrias em 1863, e da qual nem a noticia me tinha chegado além dos Andes, onde até os nossos proprios jornaes, começando pelo *Diario Official*, recebia sempre, pelas irregularidades dos correios intermedios, com desesperantes demoras e interrupções.

Creio que faltaria a um dever se, felicitando a V. S. pelo seu valioso trabalho, não lhe agradecesse desde já a benevola distincção que me fez ao contemplar no seu prologo, de um modo para mim tão honroso, o meu pobre nome.

Nem devia esperar de V. S. menos quem ainda ha sete annos, em 1860, deveu, em grande parte, a V. S. o obsequio de uma collecção de folhetos raros, impressos entre nós desde 1808, com uma pequena porção dos quaes enriqueci meu peculio, enviando outros (alguns até incompletos ou roídos do bixo) ao Sr. Innocencio Francisco da Silva, para serem por elle contemplados no seu *Diccionario Bibliographico* varios escriptores ou traductores nossos, que não o houverão sido sem essa nobre generosidade do Sr. João Pedro da Veiga e de seus dignos filhos.

Todos estes favores de V. S. obrigão-me tanto,

que tendo de consignar quanto antes, por escripto, as impressões deixadas por semelhante estudo em meu animo, prefiro fazê-lo por meio desta carta, que poderá ser publicada, se nisso V. S. assentir.

Devo começar por confessar a V. S. que, se nunca acreditei que fossem de Gonzaga as *Cartas Chilenas* (a que no *Florilegio* propuz dessemos o nome de *Mineiras*), ao lê-las agora de novo, sinto a este respeito uma convicção inabalavel, não só pelo modo como nellas se nomêa mais de uma vez a Dircêo, em terceira pessoa (revelando até um incidente que elle por certo não estimaria muito), mas principalmente pelos pensamentos e pelo estylo, que desdizem completamente da gravidade, resignação, suavidade e estro que todos reconhecemos no cantor de Marilia, já depois da época em que deve ter sido o poema composto, época de que adiante me occuparei.

Pelas mesmas razões não me é possível hoje admittir que fosse das mesmas *Cartas* antor o coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto. Delle como de terceira pessoa, se trata nas novas cartas com o nome de *Alcêo*, e os versos que tambem delle possuimos, posteriores á época do poema, na prisão, antes e depois de conhecer que lhe fôra commutada a sentença, tem, felizmente para o seu bom conceito de poeta, muito mais estro e numen.

Se em virtude da « facilidade da metrificacão, naturalidade de estylo e propriedade da linguagem » tive sempre, como V. S. sabe, tendencias para attribuir esta composicão a Claudio Manoel da Costa, hoje que melhor o conheço, até pelos seus depoimentos no processo (*), sinto em mim vencidas, pelos muitos argumentos a

(*) No depoimento de Claudio em villa-Rica, no dia 2 de Julho de 1789, elle é o proprio que reconhece « o genio gracejador que tinha » e que confessa como fôra amigo da « maledicencia. »

favor delle , as duvidas que abrigava para admitti-lo como verdadeiro autor.

Sem me occupar , porém , agora da linguagem , castiça e de boa lei , e do estylo natural , facil , mas viciado pelo abuso das duplicações , os novos argumentos são por mim deduzidos da falta de estro que se nota nas *Cartas* , do pouco enthusiasmo do autor pela sua *terra natal* , de certas referencias que lhe escapárão , e finalmente do proprio pseudonymo de *Critillo* . Considerarei por partes cada um destes pontos .

Falta de estro . Claudio é o proprio que confessa que desde que se vira em Minas , longe das Musas do Tejo e do Mondego , não podia mais poetar ; e prova patente dessa verdade a deu no prosaico poema que intitulou *Villa-Rica* , por todos reconhecido como producção authentica da sua penna .

Pouco enthusiasmo pela terra natal . Tambem

é confessado pelo proprio Claudio no prologo do tomo de poesias que de Minas mandou imprimir em Portugal. Bastante chamei sobre essas palavras a attenção, transcrevendo-as pela primeira vez no *Florilegio*. Ora, que o autor das cartas era filho de Minas, o revela elle claramente, quanto a mim, no fim da carta 10ª (pag. 179), dizendo:

« Talvez, prezado amigo, que nós hoje
 Sintamos os castigos dos insultos
 Que *nossos pais* fizeram.

 Aqui os *Europeas* se divertião

 Que muito pois que Deos levante o braço,
 E puna os *descendentes* de uns tyrannos. »

Bem sabe V. S. que em Minas os poetas brasileiros, conhecidos e celebres, como Critillo é declarado na Epistola alheia que precede as cartas, não erão por certo numerosos.

Referencias que lhe escapdrão. Na pag. 111
diz o autor :

A minha, a minha Nise , está vestida
Da côr mimosa com que o céu se veste

.
A minha doce Nise, qual menino,
Os olhos nella fito cheios d'agua

Logo depois (pag. 113) vê na phantasia um
caduco Adonis que offerta

« A Nise uma das flôres, e que Nise
Com ar risonho no peito a prega.»

e mais adiante, ao começar a carta 10ª, volta
a commemorar a longa ausencia da sua bella,
dizendo :

« Perdôa, minha Nise, etc. .

Agora bem : sabemos que Nise havia sido o
o nome da amada, ideal ou verdadeira, — da
deidade poetica, a quem votára Claudio os
seus versos, ao chegar da Europa; mas já
não havia indiscrição em designa-lo, quando
tantos outros poetas versejavão pelo mesmo

tempo a outras Nises ; da mesma fôrma que outros, sem ser Gonzaga, farião coetaneamente com elle versos a outras Marilias, e outros, sem ser Silva Alvarenga , a outras Glauras. Demais as *Cartas* não eram destinadas a ver a luz da imprensa. Escrevia-as o autor a um amigo seu que estava na Côrte, e provavelmente teria bem cuidado de dirigil-as, até o Rio de Janeiro pelo menos , em carta fechada e por algum proprio de confiança ; de modo que não corressem risco de cahir nas mãos dos mandões em Minas. Mas se chegassem a cahir, não deverião elle comprometter a Claudio, que já então poetava á sua Eulina. Assim, com a lembrança da antiga Nise (alguma Ignez provavelmente), dirigindo-se a Dorotheo, que talvez tambem tivesse della noticia em Portugal, bem poderia o poeta julgar que nenhuma revelação fazia ; ao passo que, para com o seu amigo, guardava a lei dos trovadores, ao ter, como os antigos cava-

lheiros andantes, continuamente presente a sua Dulcinéa.

Nome de Critillo. Neste nome era necessario maior disfarce, pois que o de Glauceste devia ser mui conhecido. Dest'arte pela mesma razão com que o poeta, por prudencia, dissera *Cartas Chilenas* em vez de *Mineiras*, *Chile* em vez de *Minas*, *Santiago* em vez de *Villarrica*, substituições todas como calculadas para poderem, a todo o tempo, entrar nos versos, sem prejuizo da metrificacão, escreveu *Critillo* em lugar de *Glauceste*, com igual disfarce. Um e outro nome entrão no verso da mesma fórma.

Por ventura, se *Critillo* fosse nome de Arcadia, havia de por meio d'elle revelar-se o autor, que em tudo o mais, para não chegra a comprometter-se em caso de alguma violacão do correio, buscava guardar tantos mysterios?

Cabe-me ainda para mais, accrescentar que

alguma tradição devião haver recolhido a favor de Claudio Manoel da Costa os redactores dos *Annaes Fluminenses* de 1822, quando propondo-se a imprimir as *Cartas* no «*Jornal scientifico, economico e litterario*», publicado por elles nesta côrte em 1826, não duvidarão associar a ellas, desde logo, bem que mysteriosamente, o nome de Claudio, publicando-o com as suas iniciaes deste modo:—*De C. M. da C.*

Passando agora a tratar da época em que forão escriptas as *Cartas*, direi que, pela propria leitura dellas, se reconhece que não se compozerão de um jacto, mas sim successivamente, mediando largas interrupções. Forão ao que parece escriptas as primeiras em quanto ainda o Minesio permanecia no governo, e por consequencia talvez em 1784 ou 1785; seguirão a 5ª e 6ª depois dos festejos pelos desposorios dos Infantes em 1786; e as seguintes á 7ª que começa:

XIII

Ha tempo , Dorotheo , que não prosigo
Do nosso Fanfarrão a longa historia

depois de partido , em 1788 , o governador D. Luiz da Cunha e Menezes, a quem Claudio não podia querer muito , quando não se vira por elle tratado como no tempo de seus antecessores desde o Conde de Valladares.

Quanto ao Dorothêo , que estava na côrte , a quem erão dirigidas as mesmas *Cartas* , e que deve sem duvida ser o autor , (não residente em Minas como della se deprehende) da Epistola em resposta a ellas , e que na edição as precede , propendo a suspeitar , que seria elle o Conselheiro Theotonio Gomes de Carvalho , de idéas liberaes , companheiro de Claudio em Coimbra , poeta como elle, e seu conhecido Mecenas, pela grande influencia de que gozava não só no tempo de Pombal , como junto dos ministros de Maria I.

Penso , permittindo-me Deos , dedicar-me a

estudar e esclarecer este ponto ; pois não me faltão motivos para suspeitar que era tambem filho do Brazil o mesmo Theotonio Gomes de Carvalho , cuja naturalidade declara ignorar o dito meu douto e préstante amigo Sr. Innocencio F. da Silva , no Tom. 7º pag. 313 do seu *Diccionario Bibliographico*.

Seja como fôr , o que não ha duvida é que se as chamadas *Cartas Chilenas* não têm grande merito poetico , não lhes falta o merito litterario, e bem que em verso, são em todo caso um importantissimo documento historico, não só para a monographia de Minas, como para a propria historia geral do paiz ; visto que nellas se vê pintado o modelo de outros governadores e capitães-generaes tanto do Norte, como do Sul, e dos Sertões , — que nada valião ; pois como diz o autor da epistola a Critillo na pag. 28 :

« Destro pintor , em um só quadro, a muitos
Soubeste descrever. Sim , que o teu Chefe
As maldades de todos comprehende. »

Com effeito a critica das *Cartas Chilenas* vinha servir a justificar a consulta do Conselho Ultramarino, quando, mais de meio seculo antes, em 11 de Março de 1712, referindo-se á vergonhosa rendição do Rio de Janeiro a Duguay Trouin, dizia ao rei que « não era menos para considerar a idade do Governador, o qual não devia ser rapaz, ainda que de illustre sangue, porque dos poucos annos não se podia esperar muita prudencia nem muita experiencia, antes pelo contrario muitas vezes, com damno da honra dos vassallos, os quaes irritados concebem odio contra os governadores e por consequencia *tumultuam contra elles.* »

Aqui termino por hoje, repetindo a V. S.

que com todas as veras sou :

De Vossa Senhoria

Attento venerador e amigo

F. A. DE VARNHAGEN.

Rio de Janeiro, 30 de Novembro de 1867.

CONVEM LER

Em uma especie de archivo de minha familia, que tem quasi meio seculo, existião e existem, cobertos de poeira, alguns manuscriptos e impressos de tempos muito remotos de nossa historia politica e de nossa historia litteraria. Esse reservatorio interessante do que produzirão os nossos avós conterraneos e ultramarinos não tem sido, entretanto, inteiramente impenetravel aos que amão sinceramente as cousas patrias, aos que zelão a honra e as glorias da nossa nascente nacionalidade.

Meu venerando e fallecido pai, o Sr. João Pedro da Veiga, reunia a muitas virtudes que o ornavaõ como homem e como cidadão, illimi-

tada liberalidade: assim foi gratuitamente franqueado esse curioso deposito de antiguidades brasileiras a illustres cultores da archeologia. O Sr. Dr. Mello Moraes foi o primeiro explorador nestes ultimos tempos: ignoro porém o que o incansavel litterato retirou de suas pesquisas. Seguiu-se-lhe immediatamente o Sr. Martins que, como procurador da Bibliotheca Fluminense, arrecadou mais de quatrocentos folhetos. O Sr. Varnhagen, em sua ultima estada no Rio de Janeiro, visitou tambem essa sala, e colligio muitos centos de brochuras concernentes á historia e litteratura patria, sendo muitas impressas em diversas provincias do Brasil em época mui afastada de nós; e ultimamente o distincto ex-plenipotenciario da Republica Oriental do Uruguay, o Sr. André Lamas, séga, para a sua naturalmente curiosa Bibliotheca Sul-Americana, a já muito ceifada messe. S. Ex. pouco encontrará, porque, sem duvida, os seus predecessores não se descuidarão, pois, com a autorisação ampla que tiverão, naturalmente colhêrão o melhor, a flôr da sementeira.

Foi em um recanto desse archivo, occulto ás vistas dos visitantes, que encontrei tres cópias do

poema *As Cartas Chilenas*, sendo a mais completa da penna de meu avô, o Sr. Francisco Luiz Saturnino da Veiga; é della que me servi para a presente edição, se é que pôde ter esse nome uma publicação *incompletissima e inçada de erros palmares* feita em 1845 pela redacção da *Minerva Brasiliense*.

Quem é o autor das *Cartas Chilenas*? Eis uma pergunta de maxima importancia, á qual, éntretanto, não posso dar resposta tão satisfactoria, como desejára. Alguns litteratos brasileiros (raros), tem-se occupado com este assumpto interessante; e nenhum até hoje, que eu saiba, descobrio a incognita, o verdadeiro autor de tão notavel e eloquente satyra.

O laborioso chronista e distincto litterato o Sr. Varnhagen assim se exprime no seu *Florilegio da Poesia Brasileira*, vol. 1, pag. xli da Introduccção :

« O governador Luiz da Cunha de Menezes não soubéra ganhar as sympathias da capitania cujo governo lhe fôra confiado em 1783. O seu genio vaidoso, os seus erros administrativos, e o

prestar-se elle em pequenas cousas ao ridiculo, derão assumpto para a violenta satyra que em *nove* epistolas, intituladas *Cartas Chilenas*, contra elle escreveu um dos poetas de Villa Rica. A facilidade da metrificacão, a naturalidade do estylo, e a propriedade da linguagem farião attribuir esta obra a Claudio, a não desmentirem da sua penna algumas expressões chulas e pouco decorosas. Tão pouco nos atrevemos a attribui-las a Alvarenga Peixoto, de quem nenhuns versos possuímos deste genero: é porém, sem duvida que os taes versos erão de pessoa exercitada em os fazer, e não havia então em Minas poetas neste caso, mais que os dous, e Gonzaga, que fica excluido, por se fallar delle nas mesmas cartas. As epistolas suppoem-se dirigidas por Critillo a um Dorotheo (Theodoro?) que estava na côrte. Correm precedidas de uns versos de outro autor que em certo lugar nos previne a favor da nomeada de Critillo, como escriptor conhecido. Não faltão nas cartas verdades que devião de ser duras aos ouvidos não só do governador presente como até de todos os mandões máos que lhe succedessem. A satyra foi escripta provavelmente em 1786, isto é,

depois das festas por occasião dos casamentos dos infantes de Portugal e Hespanha.

As *Cartas Chilenas*, que melhor podemos chamar *mineiras*, são o corpo de delicto de Cunha de Menezes, cujo desgoverno foi a origem da primeira fermentação em Minas, para a conspiração em que apparecêrão complicados, como chefes e cabeças, os poetas de que ultimamente fizemos menção, Claudio, A. Peixoto e em apparencia Gonzaga. Talvez nenhuma outra historia litteraria offereça a novidade de se vêr assim inseparavel de uma conspiração politica, em que, segundo parece, tiverão os poetas a principal parte. »

O Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva, tão vantajosamente conhecido por seus escriptos litterarios e por seus discursos no parlamento, em sua obra *Plutarco Brasileiro*, vol. 1, pag. 206, Thomaz Antonio Gonzaga, em nota, diz assim : « Ha quem tambem attribua a Thomaz Antonio Gonzaga o poema satyrico das *Cartas Chilenas*, que appareceu pelo seu tempo na capitania de Minas-Geraes e que contém passagens bem escriptas e desenhadas ; nós, porém, combinando-o com as poesias

de Gonzaga, consideramos não ser tal poema composição sua. »

O mesmo Sr. Dr. Pereira da Silva assim se exprime na segunda edição da citada obra, a que deu o título *Os Varões Illustres do Brasil durante os tempos coloniaes*, vol. 2, pag. 84. Ignacio José de Alvarenga Peixoto : « Foi em 1786, durante o governo de Luiz da Cunha e Menezes, successor do conde de Cavalleiros (*) que apparecêrão as *Cartas Chilenas*, critica fina e vehemente, que ainda hoje se ignora de quem seja composição, se de Thomaz Antonio Gonzaga, se de Claudio Manoel da Costa, se de Ignacio José de Alvarenga Peixoto, ou se de todos tres em liga e combinação. »

O distincto litterato o Sr. Santiago Nunes Ribeiro em uma nota que inserio na primeira pagina das sete cartas que deu á luz em 1843, e que fazem parte de uma collecção intitulada *Bibliotheca Brasilica*, publicada sob o patrocínio dos redactores da *Minerva Brasiliense*, assim se exprime : « Estas cartas merecem a attenção dos

(*) D. Rodrigo José de Menezes.

poetas e amadores da poesia, não só pelo seu merecimento intrinseco, mas por serem attribuidas ao celebre autor da *Marilia de Dirceu*. Aos criticos pertence examinar-lhes o estylo, a feitura metrica, o balanço e movimento do periodo poetico, e vêr se estas e outras qualidades são analogas ás de igual genero, peculiares ao poeta, nas suas obras genuinas e authenticadas por todas as provas exigiveis. Cotejar pois estas cartas no phraseado, maneira e textura rhythmica, com as lyras, seria um trabalho curioso, e mostraria em quem o fizesse cabalmente, um grande conhecimento da lingua, dos estylos e locução harmonica da poesia. Inclinando-nos a crer que effectivamente estas cartas são do infeliz Gonzaga, não ousamos fundar-nos em provas tiradas desse exame litterario, porque temos um testemunho, que se não é irrecusavel, pelo menos é muito poderoso e digno de respeito. Um ancião entusiasta da litteratura brasileira, depositario de muitos de seus thesouros, e o que é mais, depositario que não os tem accumulados em seu provento, e sim para os ir dando ao publico, um ancião, por estes e outros titulos, benemerito das

letras brasileiras, a quem a *Minerva* deve esta obra (que em attenção ao Sr. Dr. Maia foi-nos permittido imprimir) declara o seguinte ácerca d'ella :

« Tenho motivos para certificar que o Dr. Thomaz Antonio Gonzaga é o autor das *Cartas Chilenas*. — *Francisco das Chagas Ribeiro*. »
« Tanto basta em nosso sentir, para que razoavelmente não se possa dizer, sem outras provas, que esta obra é apocrypha. »

Na cópia que possuo do Sr. Francisco Luiz Saturnino da Veiga, e que serve de base á presente edição, encontra-se no fim da dedicatoria (em prosa) o seguinte : « Villa Rica, 9 de Fevereiro de 1789. Tomaz Anttonio Gonzaga. » A letra é differente, assim como singular o character dos algarismos ; parece que o copista conhecendo a letra do poeta, tratou de imita-la. Thomaz está escripto, como se vê, sem *h* e Antonio tem dous *tt*. Na setima carta existe tambem a seguinte nota do mesmo senhor : « Dizem que continha esta carta 299 versos até ao que diz :

« Que não busques cobri-los »

« como adiante se mostra copiado no resto da

« mesma carta ; e que ao copiar do original esta
« carta, o autor (Thomaz Antonio Gonzaga) dis-
« séra que já estava reformado o que nella falta,
« mas não em estado de se poder copiar. O mesmo
« succedeu com o fim da 13^a, *que é a ultima* ; e
« que poucos dias depois fôra preso, sem que haja
« quem dê noticia de tal manuscripto. » Esta
nota foi reproduzida tal qual, sem alteração de
uma virgula, inclusive o nome de Thomaz Antonio
Gonzaga , entre parenthesis , como existe na
mesma nota.

Do que fica dito, conclue-se que os litteratos
e amadores da litteratura brasileira não estão
accordes sobre a paternidade das presentes car-
tas. O Sr. Varnhagen as attribue a Claudio ou
a Alvarenga Peixoto, e põe fóra do litigio o nome
de Gonzaga, *por se fallar nelle nas mesmas cartas*.
O Sr. Pereira da Silva, na primeira edição do seu
Plutarco Brasileiro, depois de combinações e
comparações, *considera não ser tal poema com-
posição do Gonzaga*, mas não o attribue a poeta
algum. Na segunda edição da citada obra, o mes-
mo escriptor já não afiança não serem as cartas
da penna de Gonzaga ; mas, pelo contrario, diz

que não se sabe a qual dos tres poetas pertencem (Gonzaga, Claudio e Alvarenga Peixoto), podendo ser de todos tres em liga e combinação. O Sr. Saggiado inclina-se a crer serem ellas de Gonzaga, fundado na opinião do Sr. Francisco das Chagas Ribeiro. O Sr. Chagas Ribeiro certifica muito positivamente que taes cartas são do autor da *Marília de Dirce*; e o Sr. Francisco L. S. da Veiga faz implicitamente a mesma asseveração.

A asseveração do Sr. Francisco L. S. da Veiga tem, para o caso, maximo valor, é da maior importancia.

Em primeiro lugar, a cópia do Sr. Saturnino da Veiga (como era geralmente conhecido) é a mais completa e a mais exacta (*); o que prova que elle obteve informações de fonte mais pura, de pessoa ou pessoas conhecedoras da historia desta producção litteraria; e quem conheceu o Sr. Saturnino da Veiga, sabe que elle não era nenhum nescio, nenhum estulto, sendo, pelo contrario, homem de muito espirito, muito labo-

(*) Disso me occuparei mais adiante.

rioso (como provão muitos volumes manuscriptos de sua lavra), e homem notavelmente incredulo nas cousas deste mundo (menos em religião e cousas da Igreja, em que era jubilado), para ser facilmente illudido. Em segundo lugar, o Sr. Saturnino da Veiga, residindo em Villa-Rica (Ouro-Preto) desde Setembro de 1788 até fins de 1789, foi testemunha presencial de todo o facto da frustrada conspiração *Tira-Dentes*; conheceu naturalmente nessa villa os tres mencionados poetas, heróes daquela infeliz insurreição, inclusive Gonzaga, ouvidor, residente naquelle lugar; naturalmente tambem ahi soube da existencia e da paternidade do poema; e assim, tem a sua asseveração todos os requisitos para ser reputada a verdade nesta controversia (*)

(*) O Sr. Francisco Luiz Saturnino da Veiga, nascido em Lisboa a 30 de Novembro de 1771, chegou ao Rio de Janeiro em 1783, onde se conservou até 1788, em que partio para Villa-Rica, onde residio até fins de 1789; tendo, por consequencia, nestas ultimas datas de 17 a 18 annos. Vivia já de seu trabalho, ensinando o latim, a grammatica e a arithmetica, materias estas em que se tornou peritissimo. De tudo isto tenho documentos comprobatorios.

Em conclusão, parece que sobráo-me razões muito poderosas para acreditar, se não para certificar, que as *Cartas Chilenas* forão escriptas por Thomaz Antonio Gonzaga, o autor da *Marilia de Dirceô*. E nem destróe esta minha crença o facto, apontado pelo Sr. Varnhagen como decisivo, de se fallar em Dirceô (Gonzaga) nas mesmas *Cartas*, naquelles bellos tempos em que o governo era o arbitrio, e a liberdade uma mentira, era enão deiza hoje de o ser) um meio muito habil para arredar de si toda a suspeita e responsabilidade, o tratar-se da propria pessoa como se de outrem, em uma satyra vehementê dirigida contra o fanfarrão e omnipotente governador, que mesmo nesta dorada éra da Constituição tem tido incriveis e gloriosos imitadores. E tanto assim é, que o autor deu ás presentes *Cartas* o titulo de *Chilenas*, apresenta-as como traducção, e como sendo dirigidas a um governador do Chile, de nome Minezio, que é claramente uma contrafeição de Menezes, nome do governador da capitania de Minas Geraes. Portanto, o fallarem as *Cartas* em Dirceô, não prova não serem ellas de sua lavra, sendo isso, pelo contrario, um disfarce muito natural

em plena harmonia com outros de que lançou mão o poeta para occultar-se.

Agóra, duas palavras sobre a presente edição.

As *Cartas* publicadas pela *Minerva Brasiliense*, na collecção intitulada *Bibliotheca Brasilica*, são em numero de *sete*; no final da setima vem declarado — Fim —; o que prova que o Sr. Chagas Ribeiro, tão conhecedor das cousas patrias, como assegura o Sr. Santiago (e eu o acredito), ignorava a existencia das outras *Cartas* que hoje dou á luz; e isso não admira, quando o Sr. Varnhagen, o nosso mais profundo chronista, diz serem *nove* as mencionadas *Cartas*. E não ha só isso; na sexta carta, impressa em 1845, entre o verso que diz:

« Da luzente armadura longos annos »

e o seguinte, houve uma omissão de vinte e oito versos, o que pôde vêr quem quizer confrontar os dous impressos; a setima carta não foi publicada, mas, em lugar della, publicárão a oitava com aquelle titulo; a setima encontrará o leitor na presente edição. Na oitava, publicada em 1845 como setima, entre o verso que diz:

« Esta santa verdade com exemplo »

e o seguinte, houve uma omissão de trinta e quatro versos, o que também se pôde verificar; emfim, existe na publicação das *sete cartas* feita em 1845, um grande numero de erros, muitos dos quaes devem ser attribuidos á typographia que as imprimio. Entretanto, convem dizê-lo, o meu manuscripto é ainda incompleto como, em nota, o afiança o Sr. Saturnino da Veiga, o qual até no caderno em que copiou o poema, deixou nos lugares competentes, espaços em branco, que infelizmente nunca pôde preencher. Nesta edição não faço senão daguerreotypar, se assim me posso exprimir, o manuscripto que encontrei, não me julgando autorisado a fazer a menor alteração ou correcção em um escripto do qual não sou autor, e que devia respeitar, tornando-o publico em toda a sua integridade e com perfeita fidelidade.

No trabalho da revisão e confrontação dos tres manuscriptos que possuo, para o fim de conhecer qual delles era o mais completo e o mais perfeito, valeu-me muito a intelligente coadjuvação do Sr. Dr. José Joaquim do Carmo.

Eis o que tenho a dizer sobre a presente edição das *Cartas Chilenas*.

Quanto ao merecimento intrinseco da obra, valor artistico dos versos, propriedade e pureza da linguagem, belleza dos desenhos, elevação das idéas, espirito das facecias e dos epigrammas, elegancia e naturalidade da locução, e acerto dos *similes*, nada posso accrescentar ao que, a respeito, disserão os Srs. Varnhagen, Pereira da Silva e Santiago Nunes Ribeiro, autoridades competentes nesta materia, os quaes (como de outro livro e de A. Herculano disse um escriptor contemporaneo *) « salvárão as *Cartas Chilenas* do prurido de mesquinhas invejas com que a mediocridade pretende abafar sempre as explosões intellectuaes que a deslumbrão. »

Rio, 29 de Setembro de 1862.

LUIZ FRANCISCO DA VEIGA.



* Lopes de Mendonça, *Memorias de Litteratura Contemporanea*. G. Dias.

EPISTOLA A CRITILLO

Vejo, ó Critillo, do Chileno Chefe
Tão bem pintada a historia nos teus versos,
Que não sei decidir, qual seja a cópia,
Qual seja o original. Dentro em minha alma
| Que diversas paixões, que affectos vários
A um tempo se suscitão ! Gélo, e tremo,
Umás vezes de horror, de mágoa, e susto,
Outras vezes do riso apenas posso
Resistir aos impulsos : igualmente
Me sinto vacillar entre os combates
Da raiva, e do prazer. | Mas ah ! | que disse !
Eu retracto a expressão, nem me subscrevo
Ao suffragio daquelle, que assim pensa
Alheio da razão, que me surprende.
Tracta-se aqui da humanidade afflicta :
Exige a natureza os seus deveres :

Nem da mófa ou do riso pôde a idéa
Jámais nutrir-se, emquanto aos olhos nossos
Se propõe do teu Chefe a infame historia.
¿ Quem me dirá, que da estultice as obras
Infestas á virtude, e dirigidas
A despertar o escandalo, conseguem
No prudente varão mover o riso ?
Eu vejo, que um Caligula se empenha,
Em fazer, que de Roma ao Consulado
Se jure o seu cavallo por collega :
Vejo, que os cidadãos, e as tropas arma
O filho de Agrippina, que os transporta
Em grossos vasos sobre o Tibre ; e lógo,
Por inimigos lhes assigna os matos,
Que atacár manda com guerreiro estrondo :
¿ Direi, que me recrêa esta loucura ?
¿ Que devo rir-me, e suffocar o pranto,
Que pula nos meus olhos ? Não, Critillo,
Não é ésta a moção, que n'alma próvo,
Por entre estes delirios insensivel
Me conduz a razão brilhante, e sábia,
A gemer igualmente na desgraça
Dos miseros vassallos, que honrar devem
De um Tyranno o poder, o throno, o sceptro.

Se Thalia, e Melpómene nos pintão
Nos seus theatros as paixões humanas
Ao ridiculo gésto, ou ao semblante
Da Scena, que o Cothurno me apresenta,
Eu me conformo ao interesse, quando
Aborreço a maldade, e quando rendo
Á Formosa virtude os dignos votos.
Despedáce Medéa os charos filhos ;
Guise Atreo de seus netos as entranhas ;
Eu terei sempre horror ás impiedades.
Jámais da irreligião, da fé mentida
Me hão de enganar os pérfidos rebuços,
Ou da fingida scena os vãos adornos.
Devo pois confessar, Critillo amado,
Que teus escriptos de uma idade a outra
Passaráõ sempre de esplendor cingidos :
Que a humanidáde emfim desaggravada
Das injúrias, que soffre, por teu braço
Os ferros soltará, que desaffrouxa,
Tintos do fresco, gotejado sangue.

Subditos infelices, que provastes
Os estragos da barbara desordem,
Respirai, respirai : ao beneficio

Deveis do bom Critillo a paz suave,
Que a vossa liberdade alegre goza.

Sim, Critillo, são estes os agouros,
Que lendo a tua historia, ao mundo faço.
De pêjo, e de vergonha os bons Monarchas,
Que pias intenções sempre alimentão,
De reger como filhos os seus povos,
Tocados se verão. Prudentes, sabios,
Consultarão primeiro sobre a escolha
Daquelles Chefes, que a remotos climas
Determinão mandar, delles fiando
A importante porção do seu governo :
Prevenidos, que a vãa brutal soberba
Só nas obras influe destes monstros,
Pelo escrutinio da Virtude espero,
Que regulados os seus votos sejam.

De uma esteril mortal genealogia,
Que o merito produz de seus maiores,
Elles, Amigo, argumentar não devem
Propagados talentos. A virtude
Nem sempre aos netos por herança desce.
Póde o pãe ser piedoso, sabio, e justo,

Manso, affavel, pacifico, e prudente :

Não se segue daqui, que um impio filho,

Perverso, infame, discolo, e malvado,

Não desordene de seus páes a gloria.

Nem sempre as aguias de outras aguias nascem ,

Nem sempre de leões leões se gérão :

! Quantas vezes as pombas, e os cordeiros

São partos dos leões, das aguias partos !

Para reger, ó Reis, os vossos povos,

Debalde ides buscar brazões, e escudos

Entre os vossos Dynastas. Roma, Roma

As fascas, as secures, mais as outras

Imperiaes insignias só tirava

Da provada virtude. Se das Togas

Distinguia uma, e outra especie, Athenas

É quem a todas o character dava :

Igualmente Civil Juris-consulto,

Que instruido guerreiro, era mandado

Um cidadão, que da provincia as rédeas

Manejasse fiel. Daqui os Fabios,

Daqui os Scipiões, e os bons Emilios,

Os Cesares daqui, que os fastos ornão.

! Quão differentes hoje os nossos Grandes !

É filho do Marquez, do Conde é filho ;
Vá das Indias reger o vasto Imperio.
| O' Deus ! | e que infelicés os vassallos
Que tão longe do Throno prostitúe
O vosso Imperio aos abortivos Chefes !
Lá vai aquelle, que de avara sêde
É por genio arrastado : | que thesouros
Não espera ajuntar ! Do alheio cofre
Se ha de esgotar a aferrolhada somma :
| Desgraçada Justiça ! Da igualdade
Tu não sabes o ponto : é a balança
Do interesse, que só por ti decide.
| Que despachos injustos, que dispensas,
Que mercês, e que postos não se comprão
Ao grave peso de sellada firma ?

Outro vai, que lascivo, e desenvolto
Só de carne as paixões adora, e segue :
Honras, decoros, vós sereis despojos
Do seu bruto appetite. Em vão cançados,
Pães de familias, zelareis vós outros
Da vossa casa o pundonor herdado :
Aos vis ataques do atrevido orgulho
Hão de ceder as prevenções mais fortes :

Victimas da voraz sensualidade
Vossas filhas serão , vossas mulheres.
| Que direi do soberbo , do vaidoso ,
Do colerico , e de outros varios monstros ,
Que freio algum não conhecendo , passam
A sustentar no auctorizado cargo
Tudo quanto a paixão lhes dicta e manda !

Não soffre aquelle , que o vassallo occulta
Os cabedaes que á sua industria deve ;
E que a seus filhos , e a seus netos possa ,
Deixar , morrendo , uma opulenta herança ;
Um falso crime lhe figura , aonde
Esgote as forças , que levar procura
Além das frias apagadas cinzas.

Este medita , que a nobreza illustre
Suffocada se veja. A prisão dura ,
O distante degredo é que promette
Da prevista vingança o fim prescripto ,
| O' Senhores ! | ó Reis ! ó Grandes ! , quanto
São para nós a vossas Leis inuteis !
Mandais debalde , sem julgada culpa ,
Que o vosso Chefe a arbitrio seu não possa

Exterminar os réos , punir os impios :
É c'os Ministros de menor esféra ,
Que fallão vossas Leis. Nos Chefes vossos
Sómente o despotismo impéra e reina :

Gozar da sombra do copado tronco
É só livre ao que perto tem o abrigo
Dos seus ramos frondosos. Se se aparta
Da clara fonte o passageiro , pröva
Turbadas aguas em maior distancia.

Mas ah ! Critillo meu , que eu estou vendo ,
Que já chegão a ler as cartas tuas :
Estes barbaros monstros são cobertos ,
De vivo pejo ao vêr os seus delictos ,
Que em tão disforme vulto hoje apparecem.

Déstro Pintor , em um só quadro a muitos
Soubeste descrever. Sim , que o teu Chefe
As maldades de todos comprehende.
Aqui vê-se o soberbo , que pensando
Do resto dos mais homens nada serem
Mais que humildes insectos , só de fúrias
Nutre o vil coração , e as seus pés calca

A pobre humanidade. Aqui se encontra
O impio, o libertino, que ultrajando
Tudo que é sagrado, tem por timbre
Ao público mostrar, que o santo Culto,
Que nos intima a Religião, sómente
Aos pequenos obriga, e que por arte
Os conserva a illusão no fanatismo,
Porque da obediencia ás Leis se dobrem.
Aqui se acha o lascivo; é o vaidoso,
É o estúpido, em fim é o demente,
O que ao vivo apparece nesta empreza.

Tu, severo Catão, tu reprehendes
Com teu mudo semblante a patria Roma:
Nem seus theatros de lascivia cheios,
Soffrem teus olhos nobremente irados:
Péde o congresso, de terror ferido,
Que o rigido Censor o Circo deixe,
Ou que se não produza a torpe scena.

Este, ó Critillo, o precioso effeito
Dos teus versos será, como em espelho,
Que as côres toma, e que reflecte a imagem;
Os impios Chefes de uma igual conducta

A elle se veráõ, sendo arguidos
Pela face brilhante da virtude;
Que nos defeitos de um castiga a tantos :
Lições prudentes de um discreto aviso
No mesmo horror do crime, que os infamã,
Teus escriptos lhes deem. Sobrada usura
É este o premio das fadigas tuas.

Elles diráõ, voltando-se a Critillo :
| Quanto devemos, ó Censor facundo,
Ao castigado metro, com que afeas
Nossos delictos, e buscar nos fazes
Da candida virtude a sã doutrina !



Ill.^{mos} e Exc.^{mos} Senhores.

Apenas concebi a idéa de traduzir na nossa lingua, e de dar ao prélo as Cartas Chilenas, logo assentei comigo, que Vv. Ex.^{cias} havião de ser os Mecenas, a quem as dedicasse. São Vv. Ex.^{cias} aquelles, de quem os nossos Soberanos costumão fiar os Governos das nossas conquistas: são por isso aquelles, a quem se deve consagrar todos os escriptos, que os podem conduzir ao fim de um acertado Governo.

Dois são os meios porque nos instruímos: um, quando vemos acções gloriosas, que nos despertão o desejo da imitação; outro, quando vemos acções indignas, que nos excitão o seu aborrecimento. Ambos estes meios são efficazes: esta a razão porque os theatros, instituidos para a instrucção dos cidadãos umas vezes nos representão a um Heróe cheio de virtudes, e outras vezes nos representão a um monstro coberto de horrorosos vicios.

Entendo que Vv. Ex.^{cias} se desejarão instruir por um e outro modo. Para se instruirem pelo pri-

meiro, tem Vv. Ex.^{cias} os louvaveis exemplos de seus Illustres Progenitores. Para instruirem-se pelo segundo, era necessario, que eu fosse descobrir a Fanfarrão Minezio em um Reino estranho ! Feliz Reino, e felices Grandes, que não tem em si um modelo destes !

Peço a Vv. Ex.^{cias} que recebão, e protejão estas cartas. Quando não mereção a sua protecção pela eloquencia com que estão escriptas, sempre a merecem pela sã doutrina que respirão, e pelo louvavel fim com que talvez as escreveo o seu autor Critillo.

Beija as mãos

De Vv. Ex.^{cias}

O SEU MENOR CRIADO...



PROLOGO

Amigo Leitor, arribou a certo porto do Brasil, onde eu vivia, um galeão, que vinha das Americas hespanholas. Nelle se transportava um mancebo, cavalheiro instruido nas humanas Letras. Não me foi difficultoso travar com elle uma estreita amizade; e chegou a confiar-me os manuscriptos que trazia. Entre elles encontrei as Cartas Chilenas, que são um artificioso compendio das desordens, que fez no seu governo Fanfarraõ Minezio, General de Chile.

Lógo que li estas Cartas, assentei comigo que as devia traduzir na nossa lingua; não só porque as julguei merecedoras deste obsequio pela simplicidade do seu estylo, como tambem pelo beneficio, que resulta ao publico, de se verem satyrisadas

as insolencias deste Chefe, para emenda dos mais que seguem tão vergonhosas pisadas.

Um Dom Quixote pôde desterrar do mundo as loucuras dos Cavalleiros andantes ; um Fanfarrão Minezio pôde tambem corrigir a desordem de um Governador despotico.

Eu mudei algumas cousas menos interessantes, para asaccommodar melhor ao nosso gosto. Peço-te que me desculpes algumas faltas; pois se és douto, has de conhecer a summa difficuldade, que ha na traducção em verso. Lê, diverte-te, e não queiras fazer juizos temerarios sobre a pessoa de Fanfarrão. Ha muitos fanfarrões no mundo, e talvez que tu sejas tambem um delles, etc.

. . . . Quid rides ? mutato nomine, de te
Fabula narratur.

HORAT. *Sat.* 1.^a versos 69 e 70.



CARTAS CHILENAS

EM QUE O POETA CRITILLO CONTA A DOROTHEO OS FACTOS DE

FANFARRÃO MINEZIO

Governador de Chile

CARTA 1.ª

Em que se descreve a entrada que fez Fanfarrão em Chile.

Amigo Dorotheo, presado Amigo,
Abre os olhos, boceja, estende os braços,
E limpa das pestanas carregadas
O pegajoso humor, que o somno ajunta.
Critillo, o teu Critillo é quem te chama ;
Ergue a cabeça da engommada fronha,
Acórda, se ouvir queres cousas raras.
! Que cousas, (tu dirás,) que cousas podes
Contar que valhão tanto, quanto vale
Dormir a noite fria em molle cama,
Quando salta a saraiva nos telhados,

E quando o sudoeste, e os outros ventos
Movem dos troncos os frondosos ramos?

É doce esse descanso, não t'ó nego.
Tambem, presado Amigo, tambem gósto
De estar amadornado, mal ouvindo
Das aguas despenhadas brando estrondo ;
E vendo ao mesmo tempo as vans quimeras,
Que então me pintão os ligeiros sonhos.
Mas, Dorotheo, não sintas que te acórde ;
Não falta tempo, em que do somno gozes :
Então verás leões com pés de pato ;
Verás voarem tygres, e camelos,
Verás parirem homens, e nadarem
Os roliços penedos sobre as ondas.
Porém, ¿ que tem que ver estes delirios
C'os successos reaes, que vou contar-te ?
Acórda, Dorotheo, acórda, acórda ;
Critillo, o teu Critillo é quem te chama :
Levanta o corpo das macias pennas ;
Ouvirás, Dorotheo, successos novos,
Estranhos casos, que jámais pintárão
Na idéa de doente, ou de quem dorme,
Agudas febres, desvairados sonhos.

¿ Não és tu, Dorotheo, aquelle mesmo
Que pede que te diga, se é verdade,
O que se conta dos barbados monos,
Que á meza trazem os fumantes pratos ?
¿ Não desejas saber, se ha grandes peixes,
Que abraçando os navios com as longas
Robustas barbatanas, os suspendem,
Inda que o vento, que d'alheta sopra,
Lhes inche os soltos, desrinzados pannos ?
¿ Não queres, que te informe dos costumes
Dos incultos Gentios ? ¿ Não perguntas,
Se entre elles ha nações, que os beijos furão ?
¿ E outras, que matão com piedade falsa
Os páes, que affrouxão ao poder dos annos ?
Pois se queres ouvir noticias velhas,
Dispersas por immensos alfarrabios,
Escuta a historia de um moderno Chefe,
Que acaba de reger a nossa Chile,
Illustre imitador de Sancho Pança.
| E quem dissêra, Amigo, que podia
Gerar segundo Sancho a nossa Hespanha !

Não penses, Dorotheo, que vou contar-te
Por verdadeira historia uma novella

Da classe das patranhas, que nos contão
Verbosos navegantes, que já dérão
Ao globo deste mundo volta inteira :
Uma velha madrasta me persiga,
Uma mulher zelosa me atormente,
E tenha um bando de gatunos filhos,
Que um chavo não me deixem, se este Chefe
Não fez ainda mais do que eu refiro.

Ora pois, doce Amigo, vou pintal-o
Da sorte que o topei a vez primeira ;
Nem esta digressão motiva tédio,
Como aquellas, que são dos fins alheas ;
Que o gèsto, mais o trage nas pessoas
Faz o mesmo, que fazem os letreiros,
Nas frentes enfeitadas dos livrinhos,
Que dão, do que elles tractão, boa idéa.

Tem pesado semblante, a côr é baça,
O corpo de estatura um tanto esbelta,
Feições compridas, e olhadura fêa,
Tem grossas sobranceiras, testa curta,
Nariz direito, e grande ; falla pouco
Em rouco baixo som de mão falsete ;

Sem ser velho, já tem cabello ruço ;
E cobre este defeito e fria calva
A força de polvilho, que lhe deita.
; Ainda me parece, que o estou vendo
No gordo rocinante escarranchado !
As longas calças pelo embigo atadas,
Amarello collete, e sobre tudo,
Vestida uma vermelha e justa farda :
De cada bolço da fardeta, pendem
Listradas pontas de dous brancos lenços ;
Na cabeça vasia se atravessa
Um chapéo desmarcado , nem sei como
Sustenta a pobre só do laço o pezo.
Ah ! Tu , Catão severo , tu , que estranhas ,
O rir-se um Consul moço , que fizéras ,
Se em Chile agóra entrasses , e se visses
Ser o rei dos peraltas quem governa ?
Já lá vai , Dorotheo , aquella idade ,
Em que os proprios mancebos , que sobião
Á honra do governo , aos outros davão
Exemplos de modestia até nos trages.
Devião , Dorotheo , morrer os povos ,
Apenas os maiores imitárão

Os rostos e os costumes das mulheres ,
Seguindo as modas , e rapando as barbas.

Os grandes do Paiz com gèsto humilde
Lhe fazem , mal o encontrão , seu cortejo ;
Elle austero os recebe , e só se digna
Affrouxar do toutiço a mola um nada ,
Ou por nas abas do chapéo os dedos.

Caminha atraz do Chefe um tal Roberio ,
Que entre os criados tem respeito de aio ;
Estatura pequena , largo o rosto ,
Delgadas pernas , e pançudo ventre ,
Sobejo de hombros , de pescoço falto ;
Tem de pisorga as côres , e conserva
As bufantes bochechas sempre inchadas :
Bem que já velho seja , inda presume
De ser aos olhos das madamas grato ,
E o demo lhe encaixou , que tinha pernas
Capazes de montar no bom ginete ,
Que rincha no Parnaso. Pobre tonto !
| Quem te mette em camisas de onze varas ?
Tu só podes cantar em coxos versos ,

E ao som da má rabeça , com que atroas
Os feitos de teu Amo, e os seus Despachos.

Ao lado de *Roberio* vem Matusio,
Que respira do Chefe o modo e o gèsto :
É peralta rapaz de tesas gambeas, .
Tem cabello castanho, e brancas faces,
Tem um ar de mylord, e a todos tracta
Como a inuteis bichinhos ; só conversa
Com o rico rendeiro, ou quem lhe conta
Das moças do paiz as frescas praças :
Dos bolços da casaca dependura
As pontas perfumadas dos lencinhos,
Que é signal, ou character, que distingue
Aos serventes das casas dos mais homens ;
Assim como as familias se conhecem
Por herdados brazões de antigas Armas.

Montado em nédia mula vem um Padre,
Que tem de Capellão as justas honras :
Formou-se em Salamanca ; é homem sábio :
Já do Mysterio do Pilar um dia
Um sermão recitou, que foi um pasmo ;
Labregão no feitio, e meio idoso,
Tem olhos encovados, barba tesa,

Fechadas sobranceiras, rosto fusco,
Cangalhas no nariz. Ah! quem disséra,
Que n'um corpo, que tem de nabo a fórma,
Havião pôr os Céos tão grande caco!

O resto da familia é tudo o mesmo;
Escuso de pintal-o. Tu bem sabes
Um rifão, que nos diz, que dos Domingos
Se tirão muito bem os dias santos.
| Ah pobre Chile! | que desgraça espéras!
| Quanto melhor te fôra, se sentisses
As pragas, que no Egypto se chorárão,
• Do que veres que sóbe ao teu Governo
Carrancudo Casquilho, a quem rodeião
Os nescios, os marotos, e os peraltas!

Seguido pois dos Grandes entra o Chefe
No nosso Sant'Iago * junto á noite.
Á casa me recolho; e cheio destas
Tristissimas imagens, no discurso
Mil cousas fêas, sem querer, revolvo.
Por vêr se a dor divirto, vou sentar-me
Na janella da sala, e ao ár levanto

* Capital do Chile.

Os olhos já molhados. | Céos ! | que vejo !
• Naõ vejo estrellas que serenas brilhem,
Nem vejo a lua, que pratêa os mares :
Vejo um grande Cometa, a quem os doutos
Caudato appellidárão. Este cõbre
A terra toda co' disforme rabo.
Afflicto o coração no peito bate ;
Erriça-se o cabello, as pernas tremem,
O sangue se congêla, e todo o corpo
Se cõbre de suór. Tal foi o medo.
Ainda bem o acôrdo não restáuro,
Quando logo me lembra, que este dia
É o dia fatal, em que se entende,
Que andão no mundo soltos os diabos.
Não rias, Dorotheo, dos meus agouros ;
Os antigos Romanos fôrão sabios,
Tivêrão agoureiros : estes mesmos
Muitas vezes chorárão, por tomarem
Os avisos celestes como acasos.

Ajuntavão-se os Grandes desta terra
A noite em casa do benigno Chefe,
Que o Governo largou. Aqui alegres
Com elle se entretinhão largas horas :

Depostos os melindres da grandeza,
Fazia a humanidade seus deveres
No jogo, e na conversa deleitoza ;
A estas horas entra o novo Chefe
Na casa do recreio , e, reparando
Nos membros do congresso, a téssta enruga,
E vira a cara, como quem se enoja :
Porque os mais junto d'elle não se assentem,
Se deixem em pé ficar a uoite inteira ;
Não se assenta civil da casa o dono ;
Não se assenta, (que é mais,) a illustre esposa ;
Não se assenta tambem um velho bispo,
E a exemplo destes o congresso todo.

¿ Pensavas, Dorotheo, que um peito nobre,
Que teve mestres, que habitou na Côrte,
Havia praticar acção tão feia
Na casa respeitavel de um fidalgo,
Distincto pelo Cargo, que exercia,
E mais ainda pelo sangue herdado ?
Pois ainda, charo Amigo, não sabias,
Quanto pôde a tolice e vã soberba.
Parece, Dorotheo, que algumas vezes
A sábia natureza se descuida.

Devêra, doce Amigo, sim devêra
Regular os natáes conforme os genios :
Quem tivesse as virtudes de fidalgo,
Nascesse de fidalgo ; e quem tivesse
Os vícios de villão, nascesse embora,
Se devesse nascer, de algum lacaio ;
Como as pombas, que gerão fracas pombas,
Como os tigres, que gerão tigres bravos.
| Ah ! se isto, Dorotheo, assim succede,
Estava o nosso Chefe mesmo ao proprio
Para nascer Sultão do Turco Imperio ;
Mettido entre vidraças, reclinado
Em cochins de velludo, e vendo as moças,
Que de toda a parte o cercarião,
Coçando-lhe umas levemente as pernas,
E as outras abanando-o com toalhas :
Só assim, Dorotheo, o nosso Chefe
Ficaria de si um tanto pago.

Chegou-se o dia da funesta posse :
Mal os Grandes se ajuntão, desce a escada,
E sem mover cabeça, vai metter-se
Debaixo do lustroso, e rico Pallio.
Caminhão todos juntos para o Templo ;

Um Psalmo se repete em doce coro,
A que elle assiste desta sôrte inchado :
Entésa mais que nunca o seu pescoço,
Em ar de minuete o pé concerta,
E arquêa o braço esquerdo sobre a ilharga.
Eis-aqui, Dorotheo, o como párão
Os máos comediantes, quando fingem
As pessoas dos grandes nos theatros.

Acabada a funcção, á casa volta ;
Os Grandes o acompanhão descontentes,
Co' a mesma pompa, com que foi ao Templo.
¿ Tu já viste o ministro carrancudo,
A quem os tristes pretendentes cercão,
Quando no Regio Tribunal se apêa,
Que bem que humildes em tropel o sigão,
Não pára, não responde, não corteja ?
¿ Tu já viste o Casquilho, quando sóbe
Á casa em que se canta, e em que se joga,
Que deixa á porta as bestas e os lacaios,
Sem sequer se lembrar, que venta e chove ?
Pois assim nos tractou o nosso Chefe :
Mal á porta chegou do Chefe antigo,
Com elle se recolhe, e até ao mesmo

Lusido, nobre corpo do Senado

Não falla, não corteja, nem despede.

♦ Da sôrte que o lacaio a sege arruma,
Por não tomar a rua ás outras seges ;
Assim os cidadãos o Pallio encostão
Ao batente da porta, e quaes lacaios
Na rua espérão, que seu Amo desça,
Ou, a elle ficar, que os mande embóra.

A vista desta acção indigna e fêa,

Todo o congresso se confunde e pasma :

↳ Sóbe ás faces de alguns a côr rosada ;

Perdem outros a côr das roxas faces ;

Louva este o proceder do Chefe antigo ;

Aquelle o proceder do novo estranha ;

E os que podem vencer do genio a força,

Aos mais escutão, sem dizer palavra.

↳ São estes, louco Chefe, os sãos exemplos,
Que na Europa te dão os homens grandes ?

↳ Os mesmos Reis não honrão aos vassallos ?

↳ Deixão de ser por isso uns bons Monarchas ?

↳ Como errado caminhas ! O respeito

Por meio das virtudes se consegue,

E nellas se sustenta ; nunca nasce
Do susto, e do temor, que aos povos mettem
Injúrias, descortejos, e carrancas.

Findou-se, Dorotheo, a longa história
Da entrada deste Chefe : agora vamos,
Que é tempo, descansar um breve instante.

Nas outras contarei, presado Amigo,
Os factos, que elle obrou no seu Governo,
Se acaso os justos Ceos quizerem dar-me,
Para tanto escrever, papel, e tempo.

CARTA 2.

Em que se mostra a piedade que Faufarrão fingio no principio do seu
Governo para chamar a si todos os negocios.

As brilhantes estrellas já cahião,
E a vez terceira os gallos já cantavão,
Quando, prêsado Amigo, punha o sêllo
Na volumosa carta, em que te conto
Do nosso immortal Chefe a grande entrada ;
E reflectindo então ser quasi dia,
A despir-me começo com tal ancia,
Que entendo, que inda estava o lâcre quente,
Quando eu já sobre os membros fatigados
Cuidadoso estendia a grossa manta.

Não cuides, Dorotheo, que brandas pennas
Me formão o colchão macio, e fôfo :
Não cuides que é de paina a minha fronha,
E que tenho lençóes de fina hollanda,
Com largas rendas sobre os crespos folhos.

Custosos pavilhões, dourados leitos,
E colchas matizadas não se encontram
Na casa mal provida de um Poeta,
Aonde, ha dias, que o rapaz que serve,
Nem na suja cosinha accende o fogo.
Mas, nesta mesma cama tosca e dura,
Descanço mais contente, do que dorme
Aquelle que só põe o seu cuidado
Em deixar a seus filhos o thesouro,
Que ajunta, Dorotheo, com mão avára,
Furtando ao rico, e não pagando ao pobre.
Aqui.... mas ¿ onde vou, presado Amigo?
Deixemos episodios, que não servem,
E vamos proseguindo a nossa historia.

Fui deitar-me ligeiro, como disse ;
E mal estendo nos lenções o corpo,
Dou um sopro na véla, os olhos fecho,
E pelos dedos rézo a muitos Santos,
Por vêr, se chega mais depréssa o somno ;
Conselhos, que me derão sábias velhas.
Já meu bom Dorotheo, o somno vinha :
Umas vezes dormindo, resonava,
Outras vezes rezando inda bolia

Com os devotos beijos, quando sinto
Passar um carro, que me abala o leito :
Assustado desperto, os olhos abro.
E conhecendo a causa que me acórda,
Um tanto impaciente o corpo viro :
Fecho os olhos de novo e cruzo os braços,
Para vêr se outra vez me torna o somno.
Segunda vez o somno já tornava,
Quando o estrondo percebo de outro carro :
Outra vez, Dorotheo, o corpo volto ;
Outra vez me agasalho ; e mas debalde.
Já são dos soldados grossos bérros,
Já tinem as cadêas dos forçados,
Já chião os guindastes, já me atrôão
Os golpes dos machados e martellos,
E ao pé de tanta bulha já não posso
Mais esperança ter de algum socego.

Salto fóra da cama, accendo a vèla ;
A' banca vou sentar-me exasperado,
E por vêr, se entretenho as longas horas,
Aparo a minha penna, o papel dobro,
E com mão, que ainda treme de cançada,
Não sei, presado Amigo, o que te escrevo.

Só sei, que o que te escrevo são verdades,
E que vêm muito bem ao nosso caso.

Apenas, Dorotheo, o nosso Chefe
As rédeas manejou do seu Governo,
Fingir-nos intentou que tinha uma alma
Amante da virtude. Assim foi Nero :
Governou aos Romanos pelas regras
Da formosa justiça ; porem lógo
Trocou o Sceptro de ouro em mão de ferro.
Manda pois aos ministros lhe deem listas,
De quantos presos as cadêas guardão :
Faz a muitos soltar, e aos mais alenta
De vivas, bem fundadas esperanças.
Estranha ao subalterno, que se arroga
O poder castigar ao delinquente
Com troncos e galés ; enfim ordena,
Que aos presos que em trez dias não tiverem
Assentos declarados, se abrão lógo
Em nome d'elle Chefe os seus assentos.

Aquelle, Dorotheo, que não é Santo,
Mas quer fingir-se Santo aos outros homens,
Pratica muito mais, do que pratica

Quem segue os sãos caminhos da verdade.
Mal se põe nas Igrejas de joêlhos,
Abre os braços em cruz, a terra beija,
Entorta o seu pescoço, fecha os olhos,
Faz que chora, suspira, fere o peito,
E executa outras muitas macaquices,
Estando em parte onde o mundo as veja :
Assim o nosso Chefe, que procura
Mostrar-se compassivo, não descança
Com estas poucas obras : passa a dar-nos
Da sua compaixão maiores provas.

Tu sabes, Dorotheo, qual seja o crime
Dos soldados, que furtão aos soldados ;
E sabes muito bem, que pena soffrem
Aquelles que vicião ouro, e prata ;
Agora, Dorotheo, attende o como
Castiga o nosso Chefe em um sujeito
Estes graves delictos, que reputa
Ainda menos do que leves faltas.

Apanha um militar aos camaradas
Do soldo uma porção : astuto e destro
Para não se sentir o grave furto,

Mistura nos embrulhos que lhes deixa,
Igual quantia de metal diverso.

Faz-se queixa ao bom Chefe deste insulto ;
Sim, faz-se ao Chefe queixa , mas debalde ;
Que este Hercules não cinge a grossa pelle,
Nem traz na mão robusta a forte clava,
Para guerra fazer aos torpes Cacos.

¿ Já lêste, Dorotheo, a Dom Quixote ?
Pois eis-aqui, Amigo, o seu retracto ;
Mas diverso nos fins ; que o doido Mancha
Forceja por vencer os máos gigantes
Que ao mundo são molestos ; e este Chefe
Forceja por suster, no seu districto,
Aquelles que se mostrão mais velhacos.
Não pune, doce Amigo, como deve,
Das sacrosantas Leis a grave offensa ;
Antes benigno manda ao bom Matusio,
Que do seu ouro proprio se resarça
Aos afflictos roubados toda a perda.

¿ Já viste, Dorotheo, igual desordem ?
O dinheiro de um Chefe, que a Lei guarda,
Accóde aos tristes orphãos, e às viuvias ;
Accóde aos miseraveis, que padecem
Em duras, rotas camas, e soccórre,

Para que honradas sejam, as donzellas ;
Porém não paga furtos, porque fiquem
Impunes os culpados, que se devem
Para exemplo punir com mão sevêra.

Envia, Dorotheo, visinho Chefe
Ao nosso grande Chefe outro soldado
Por varios crimes convencido e preso :
Lança-se o tal soldado de joelhos
Aos pés do seu Heróe ; suspira e treme ;
Não nega que ferira e que matára ;
Mas pede, que lhe valha a mão piedosa,
Que tudo pôde, que elle aperta e beija.
Pergunta-lhe o bom Chefe, se os seus crimes
Divulgados estão ; e o camarada
Com semblante já leve lhe responde :
Que suas graves culpas forão feitas
Em sitios mui distantes desta Praça.
Então, então o Chefe compassivo
Manda tirar os ferros dos seus braços ;
Dá-lhe um salvo conducto, com que possa,
Com tanto que na terra não se saiba,
Fazer impunemente insultos novos.

Caminha, Dorotheo, á força um negro,

Conforme as Leis do Reino bem julgado.
Tu sabes, Dorotheo, que o proprio Augusto
Estas fataes sentenças não revoga,
Sem um justo motivo, em que se firme
Do seu perdão a causa. Tambem sabes,
Que estas mesmas mercês se não concedem,
Senão por um Decreto, em que se expende,
Que o sabio Rei usou por motu proprio
Do mais alto poder que tem o Sceptro.
Agóra, Dorotheo, attende e pasma :
Por um simples Despacho manda o Chefe,
Que o triste padecente se recolha.
Assenta : vale tanto lá na Corte
Um grande—El Rei—impresso, quanto vale
Em Chile um—Como pede—e o seu garrancho

¿ Aonde, louco Chefe, aonde corres
Sem tino e sem conselho? ¿ Quem te inspira
Que remittir as penas é virtude?
E ainda a ser virtude, ¿ quem te disse,
Que não é das virtudes, que só pôde
Benigna exercitar a Mão Augusta?
Os Chefes, bem que Chefes, são vassallos,
E os vassallos não tem poder Supremo.

O mesmo grande Jove, que modéra,
O Mar, a Terra e o Céu, não pôde tudo,
Que ao justo só se estende o seu Imperio.

O povo, Dorotheo, é como as moscas,
Que correm ao lugar, aonde sentem
O derramado mel ; é semelhante
Aos córvos e aos abutres, que se ajuntão
Nos ermos, onde féde a carne pôdre.
A' vista pois dos factos, que executa
O nosso grande Chefe, decisivos
Da piedade que finge, a louca gente
De toda a parte corre a vêr se encontra
Algum pequeno allivio á sombra delle.
Não viste, Dorotheo, quando arrebenta
Ao pé de alguma ermida a fonte santa,
Que a fama logo corre , e todo o povo
Concebe que ella cura as graves queixas ?
Pois desta sorte entende o nescio vulgo,
Que o nosso General, Lugar-Tenente,
Em todos os delictos e demandas,
Póde de absolvição lavrar sentenças.
Não ha livre, não ha, não ha captivo,
Que ao nosso Sant'Iago não concorra.

Todos buscão ao Chefe, e todos querem
Para serem bem vistos, revestir-se
Do triste privilegio de mendigos.
Um as botas descalça, tira as meias,
E põe no duro chão os pés mimosos :
Outro despe a casaca, mais a veste,
E de varios molambos mal se cobre :
Este deixa crescer a ruça barba ;
Com palhas de alhos se defuma aquelle ;
Qual as pernas emplastra, e move o corpo,
Mettendo nos sobacos as muletas ;
Qual ao torto pescoço dependura
Despido o braço, que só cobre o lenço ;
Uns com bordão apalpão o caminho ,
Outros um grande bando lhe apresentão
De sujas moças, a quem chamão filhas.
¿ Já foste, Dorotheo, a um convento
De padres franciscanos, quando chegão
As horas de jantar ? ¿ Passaste acaso
Por sitio em que morreo mineiro rico,
Quando da casa sahe pomposo enterro ?
Pois eis-aqui, Amigo, bem pintada
A porta, mais a rua deste Chefe
Nos dias de audiencia. | Oh quem pudera

Nestes dias metter-se um breve instante,
A vêr o que alli vai na grande Sala !
Escusava de lêr os entremezes,
Em que os sabios poetas introduzem
Por interlocutores chefes asnos.
Um péde, Dorotheo, que lhe dispense
Casar com uma irmã da sua amasia ;
Outro, se lhe queime o mão processo,
Onde está criminoso, por ter feito
Cumprir exactamente um seu Despacho :
Diz este, que os herdeiros não lhe entregão
Os bens, que lhe deixou em testamento
Um filho de Noé ; aquelle ralha
Contra os mortos juizes, que lhe derão,
Por empenhos e peitas, a sentença,
Em que toda a fazenda lhe tirárão :
Um quer, que o devedor lhe pague lógo ;
Outro para pagar pertende espéra :
Todos emfim concluem, que não podem
Demandas conservar, por serem pobres,
E grandes as despesas, que se fazem
Nas casas dos letrados e cartorios.
Então o grande Chefe, sem demora,
Decide os casos todos, que lhe occorrem,

Ou sejão de moral, ou de direito,
Ou pertença tambem á medicina,
Sem botar, (que ainda é mais,) abaixo um livro
Da sua sempre virgem livraria.
Lá vai uma sentença revogada,
Que já pudéra ter cabellos brancos :
Lá se manda que entreguem os Ausentes
Os bens ao successor, que não lhe mostra
Sentença que lhe julgue a grossa herança :
A muitos de palavra se decreta,
Que em pedir os seus bens não mais prosigão :
A outros se concedem breves horas
Para pagarem sommas que não devem.
| Ah ! tu, meu Sancho Pança, tu que foste
Da Barataria o Chefe, não lavraste
Nem uma só sentença tão discreta !
¿ E que queres, Amigo, que succeda ?
¿ Esperavas acaso um bom governo
Do nosso Fanfarrão ? ¿ Tu não o viste
Em trages de Casquilho nessa Corte ?
¿ E pôde, meu Amigo, de um peralta
Formar-se de repente um homem sério ?
Carece, Dorotheo, qualquer ministro
Apertados estudos, mil exames ;

¿ E póde ser o Chefe omnipotente,
Quem não sabe escrever uma só regra,
Onde ao menos se encontre um nome certo?
Ungio-se para rei do povo eleito
A Saul, o mais santo que Deos via;
Prevaricou Saul, prevaricárão
No governo dos povos outros justos.
¿ E hade bem governar remótas terras
Aquelle que não deo em toda a vida
Um exemplo de amor á sã virtude?
As letras, a justiça, a temperança,
Não são, não são morgados que fizesse
A sábia natureza para andarem
Por successão nos filhos dos fidalgos.

Do cavallo andaluz é sim provavel
Nascer tambem um potro de esperança,
Que tenha frente aberta, largos peitos,
Que tenha alegres olhos, e compridos;
Que seja emfim de mãos, e pés calçado;
Porem de um bom ginete tambem póde
Um catralvo nascer, nascer um zarco.
Aquelle mesmo potro, que tem todos
Os formosos signaes, que aponta o Rêgo,

Carece, Dorotheo, correr em rôda
No grande picadeiro muitos mezes
Para um e outro lado: necessita,
Que o destro picador lhe ponha a sella,
E que montando nelle, pouco a pouco
O faça obedecer ao leve tóque
Do duro cabeção, da branda rédea.
Dos mesmos, Dorotheo... porém já tóca
Ao almoço a garrida da Cadêa:
Vou ver se dormir posso, emquanto durão
Estes breves instantes de socego;
Que, sem barriga farta e sem descanso,
Não se pôde escrever tão longa historia.

CARTA 3.^o

Em que se contão as injustiças e violencias que Faufarrão executou
por causa de uma cadêa , a que deu principio.

! Que triste , Dorotheo , se poz a tarde !
Assopra o vento sul e densa nuvem
Os horisontes cobre ; a grossa chuva ,
Cahindo das biqueiras dos telhados ,
Fórma regatos , que os portaes inundão :
Rompem os ares colubrinas fachas
De fogo devorante , e ao longe sôa
De compridos trovões o baixo estrondo.
Agóra , Dorotheo , ninguem passêa ;
Todos em casa estão e todos buscão
Divertir a tristeza , que nos peitos
Infunde a tarde mais que a noite feia.
O velho Altimidoute certamente
Tem postas nos narizes as cangalhas ,
E revolvêdo os grandes , grossos livros ,

C'os dedos inda sujos de tabaco,
Ajunta ao mão processo muitas folhas
De vans auctoridades carregadas.
O nosso boim Dirceo talvez que esteja
Com os pés escondidos no capacho,
Mettido no capote, a lêr gostoso
O seu Virgilio, o seu Camões, e Tasso :
O terno Floridoro, a éstas horas,
No molle espreguiceiro se reclina,
A vêr brincar alegres os filhinhos:
Um já montado na comprida cana ,
E outro pendurado no pescoço
Da mãi formosa , que risonho abraça ;
O gordo Josefino está deitado ;
Nada lhe importa , nem do mundo sabe ;
Ao som do vento , dos trovões e chuva ,
Como em noite tranquillã, dorme e ronca ;
O nosso Damião emfim abana
Ao lento fogo , com que sábio tira
Os uteis sães da terra, e o teu Critillo,
Que não encontra aqui com quem murmure
Quando só murmurar lhe péde o genio ,
Péga na penna , e desta sorte vôa ,
De cá tão longe a murmurar contigo.

Já disse , Dorotheo , que o nosso Chefe,
Apenas principia a governar-nos ,
Nos pretende mostrar que tem um peito
Muito mais terno e brando , do que pedem
Os severos officios do seu cargo .

¿ Agora cuidarás , presado Amigo ,
Que as chaves das cadêas já não abrem ,
Comidas da ferrugem ? ¿ que as algemas ,
Como trastes inuteis , se furtárão ?

¿ Que o torpe executor das graves penas
Liberdade ganhou ? ¿ Que já não temos
Descalços guardiães , que á fonte levem ,
Mettidos nas correntes , os forçados ?

Assim , presado Amigo , assim devia
Em Chile acontecer , se o nosso Chefe
Tivesse em governar algum systema .

Mas , meu bom Dorotheo , os homens nescios
Ás folhas dos olmeiros se comparão ;
São como o leve fumo , que se move
Para partes diversas , mal os ventos
Começão a apontar de partes varias .

Ora pois , doce Amigo , attende o como
No seu contrario vicio degenera
A falsa compaixão do nosso Chefe .

Qual o sereno mar , que, n'um instante,
As ondas sobre as ondas encapella.

Pretende , Dorotheo , o nosso Chefe
Erguer uma Cadêa magestosa ,
Que possa escurecer a velha fama
Da torre de Babel , e mais dos grandes
Custosos edificios que fizeram
Para sepulchros seus os reis do Egypto.
Talvez, presado Amigo, que imagine,
Que neste monumento se conserve
Eterna a sua gloria ; bem que os povos
Ingratos não consagrem ricos bustos,
Nem montadas estatuas ao seu nome.
Desiste, louco Chefe, dessa empreza ;
Um soberbo edificio levantado
Sobré ossos de innocentes, construido
Com lagrimas dos pobres, nunca serve
De gloria ao seu autor , mas sim de opprobriú

Desenha o nosso Chefe, sobre a banca,
Desta forte cadêa o grande risco,
Á proporção do genio, e não das forças
Da terra decadente, aonde habita.

Ora pois, doce Amigo, vou pintar-te
Ao menos o formoso frontispicio :
Verás, se pede machina tamanha
Humilde povoado, aonde os grandes
Morão em casas de madeira a pique.

Em cima de espaçosa escadaria,
Se fórma do edificio a nobre entrada
Por dous soberbos arcos dividida ,
Por fóra, destes arcos se levantão
Trez jonicas columnas, que se firmão
Sobre quadradas bases, e se adornão
De lindos capitéis, aonde assenta
Uma formosa regular varanda ;
Seus balaustes são das alvas pedras,
Que brandos ferros cortão sem trabalho.
Debaixo da cornija, ou projectura,
Estão as armas deste Reino abertas
No liso centro de vistosa tarja.
Do meio desta frente sóbe a torre,
E pegão desta frente para os lados
Vistasas galerias de janellas,
A quem enfeitão as douradas grades.

♪ E sabes, Dorotheo, quem edifica

Esta grande cadêa ? Não, não sabes ;
Pois'ouve, que eu t'o digo : um pobre Chefe,
Que na Côrte habitou em umas casas,
Em que já nem se abrião as janellas.
¿E sabes para quem ? Tambem não sabes :
Pois eu tambem t'o digo : para uns negros,
Que vivem (quando muito) em vis cabanas,
Fugidos dos senhores, lá nos matos.
Eis-aqui, Dorotheo, ao que se pôde
Muito bem applicar aquella mófa,
Que faz o nosso Mestre, quando pinta
Um monstro meio peixe e meio dama.
Na sábia proporção é que consiste
A boa perfeição das nossas obras.
Não péde, Dorotheo, a pobre aldêa
Os soberbos palacios, nem a Côrte
Póde tambem soffrer as toscas choças.

Para haver de supprir o nosso Chefe
Das obras meditadas as despezas,
Consome do Senado os rendimentos,
E passa a maltratar ao triste povo
Com estas nunca usadas violencias :
Quer cópia de forçados, que trabalhem

Sem outro algum jornal, mais que o sustento,
E manda a um bom Cabo que lhe tragã
A quantos quilombolas se apanharem,
Em duras gargalheiras. Vôa o Cabo :
Agarra a um e outro ; e n'um instante,
Enche a Cadêa de alentados negros.
Não se contenta o Cabo com trazer-lhe
Os negros que tem culpas : prende e manda
Tambem nas grandes lévas os escravos,
Que não tem mais delictos, que fugirem
Á fome e aos castigos, que padecem
No poder de senhores deshumanos.
Ao bando dos captivos se accrescentão
Muitos pretos já livres, e outros homens
Da raça do paiz e da européa,
Que, diz ao grande Chefe, são vadios,
Que perturbão dos povos o socego.

Não ha, meu Dorotheo, quem não se molde
Aos gestos e aos costumes dos maiores ;
Brincando, os innocentes os imitão.
Se as tropas se exercitão, elles fingem
As horridas batalhas. Se se fazem
Devotas procissões, tambem carregão

Aos **hombros** os andores, e as **charólas**.
Os mesmos magistrados se revestem
Do genio e das paixões de quem governa.
Se o Rei é piedoso, são benignos
Os severos ministros : se é tyranno,
Mostrão os pios corações de fêras.
Por isso, Dorotheo, um Chefe indigno
É muito, e muito máo ; porque elle póde
A virtude estragar de um vasto Imperio :

Os nossos **Commmandantes**, que **conhecem**
A vontade do Chefe, tambem querem
Imitar deste Cabo o ardente zêlo :
Envião para as pedras os vadios,
Que na fórma das ordens mandar devem
Habitar em desterro novas terras.
Ora pois, doce Amigo, já que fallo
Nos nossos **Commandantes**, será justo,
Que te dê destes bichos uma ideia.

A gente, Dorotheo, que não se alista
Nas Tropas regulares, fórma corpos
De bisonha Ordenança. Não ha terra
Sem ter um corpo destes. Os seus **Chefes**

Ao Capitão Maior estão sujeitos,
E são os que se chamão Commandantes,
Porque as partes commandão destes Terços.
Estes famosos Chefes, quasi sempre,
Da classe dos tendeiros são tirados :
Alguns, inda depois de grandes homens,
Se lhes faltão os negros, a quem deixão
O governo das vendas, não entendem
Que infamão as bengalas, quando pêsão
A libra de toucinho, e quando medem
O frasco da cachaça. Agora attende;
Verás que desta escoria se levanta
De magistrados uma nova classe.

Aos ricos taverneiros, disfarçados
Em ar de Commandantes, manda o Chefe,
Que tratem da Policia, e que não deixem
Viver nos seus Districtos as pessoas
Que forem revoltosas. Quer que fação
A todos os vadios uns summarios,
E que, sem mais processos, os remettão
Para remotas partes, sem que destas
Juridicas sentenças se faculte
Algum recurso para mór Alçada.

¿ Já viste, Dorotheo, um tal desmancho?
As santas Leis do Reino não concedem
Ao magistrado regio, que execute
No crime o seu julgado; | e o nosso Chefe
Quer que dêm as sentenças, sem appêllo,
Incultos Commandantes, que nem sabem
Fazer um bom diario do que vendem!
Concedo, caro Amigo, que estes homens
São uns grandes consultos, que mettêrão
Os corpos do direito nos seus cascos:
Ainda assim, pergunto: ¿ e como pôde
O Chefe conceder-lhes esta Alçada?
¿ Ignora a Lei do Reino que numéra,
Entre os direitos propios dos Augustos,
A creação dos novos magistrados?
O grande Salomão lamenta o povo,
Que sobre o thrôno tem um rei menino:
Eu lamento a Conquista, a quem governa
Um Chefe tão soberbo e tão estulto,
Que tendo já na testa brancas repas,
Não sabe ainda que nasceo vassallo.

Os nescios Commandantes e o bom Cabo,
Que fez o nosso Heróe Geral Meirinho,

Remettem nas correntes povo immenso.
Parece, Dorotheo, que temos guerras ;
Que para recrutar as companhias,
De toda a parte vem chorosas lévas.
Aqui, presado Amigo, principia
Esta triste tragedia : sim prepara,
Prepara o branco lenço ; pois não pôdes
Ouvir o resto, sem banhar o rosto
Com grossos rios de salgado pranto.
Nas lévas, Dorotheo, não vem sómente
Os culpados vadios ; vem aquelle,
Que a divida pedio ao Commandante ;
Vem aquelle, que poz impuros olhos
Na sua mocetona ; e vem o pobre,
Que não quiz emprestar-lhe algum negrinho,
Para lhe ir trabalhar na roça e lavra.

Estes tristes, mal chegão, são julgados
Pelo benigno Chefe a cem açoutes.
Tu sabes, Dorotheo, que as Leis do Reino
Só mandão, que se açoutem com a sóla
Aquelles aggressores, que estiverem
Nos crimes quasi iguaes aos réos de morte :
Tu tambem não ignoras, que os açoutes

Só se dão por desprêso nas espádoas ;
Que açoutar, Dorotheo, em outra parte,
Só pertence aos senhores, quando punem
Os caseiros delictos dos escravos ;
Pois todo este direito se pretere :
No pelourinho a escada já se assenta,
Já se ligão dos réos os pés e os braços ;
Já se descem calções, e se levantão
Das immundas camisas rotas fraldas ;
Já pégão dous verdugos nos zorragues ;
Já descarregão golpes deshumanos ;
Já sôão os gemidos, e respingão
Miúdas gotas de pisado sangue.
Uns gritão que são livres : outros clamão,
Que as sábias Leis do Rei os julgão brancos :
Este diz, que não tem algum delicto,
Que tal rigor mereça ; aquelle pede
Do injusto accusador ao Céu vingança.
Não affrouxão os braços dos verdugos ;
Mas antes com taes queixas se duplica
A raiva nos tyrannos ; qual o fogo,
Que aos assopros dos ventos ergue a chamma
Às vezes, Dorotheo, se perde a conta
Dos cem açoutes, que no meio estava ;

Mas outra nova conta se começa.
Os pobres miseraveis já nem gritão.
Cançados de gritar; apenas soltão
Alguns fracos suspiros que enternecem.
¿ Que é isso, Dorotheo? ¿ Tu já retiras
Os olhos do papel? ¿ Tu já desmaias?
¿ Já sentes as moções, que alheios males
Costumão infundir nas almas ternas?
Pois és, presado Amigo, muito fraco;
Aprende a ter o valor do nosso Chefe,
Que á janella se põe, e a tudo assiste,
Sem voltar o semblante para a ilharga;
E póde ser, Amigo, que não tenha
Esforço para ver correr o sangue,
Que em defeza do Throno se derrama.

Aos pobres açoutados manda o Chefe,
Que, presos nas correntes dos forçados,
Vão juntos trabalhar. Então se entregão
Ao famoso Tenente, que os governa,
Como sabio Inspector das grandes obras.
Aqui, presado Amigo, principião
Os seus duros trabalhos. Eu quizéra
Contar-te o que elles soffrem, nesta carta;

**Mas tu , presado Amigo , tens o peito
Dos males que já leste , magoado ;
Por isso é justo que suspenda a historia ,
Em quanto o tempo não te cura achaga.**

CARTA 4.

Em que se continúa a mesma materia.

Maldito , Dorotheo , maldito seja
O vicio de um Poeta , que , tomando
Entre dentes alguem , em quanto encontra
Materia em que discorra , não descança.
Agora , Dorotheo , mandou dizer-me
O nosso Amigo Alceo , que me embrulhasse
No pardo casacão , ou no capote ,
E que , pondo o casquete na cabeça ,
Fosse ao sitio Covão jantar com elle .
Eu bem sei , Dorotheo , que tinha sopa
Com ave e com presunto ; sei , que tinha
De mãmota vitella um gordo quarto ;
Que tinha fricassés , que tinha massas ,
Bom vinho de Canarias , finos doces ,
E de mimosas fructas muitos pratos ;
Porem , que importa , Amigo , perdi tudo ,
Só para te escrever mais uma Carta .

Maldito, Dorotheo, maldito seja
O vicio de um Poeta ; pois o priva
De encher o seu bandulho, pelo gosto
De fazer quatro versos, que bem podem
Ganhar-lhe uma massada, que só serve
De damno ao corpo, sem proveito d'alma.

A Carta, Dorotheo, a longa Carta,
Que descreve a Cadêa, finalisa
No ponto em que os presos se remetem
Ao severo Tenente, que preside,
Como sabio Inspector, às grandes obras.
Agóra prosigamos nesta historia,
E dêmos-lhe o principio por tirarmos
Ao famoso Inspector, ao grão Tenente
Com côres delicadas uma cópia.

É de marca maior que a mediana,
Mas não passa a gigante : tem uns hombros
Que o pescoço algum tanto lhe suffocão,
O seu cachaço é gordo, o ventre inchado,
A cara circular, os olhos fundos,
De genio soberbão, grosseiro trato,
Assopra de continuo, e falla muito ;

Présa-se de fidalgo e não se lembra ,
Que seu páe foi um pobre que vivia
De cobrar dos contractos os dinheiros ,
De que ficou devendo grandes sommas ;
Signal de que elle foi um bom velhaco .
O filho , Dorotheo , tomou-lhe as manhas :
Era um triste pingante , que só tinha
O seu pequeno soldo ; agora veio
Para Inspector das obras , e já ronca ,
Já empresta dinheiros , já tem casas ,
Já tem trastes de custo , e ricos móveis ;
Mas lógo, Dorotheo , verás o como .

Mal o duro Inspector recebe os presos ,
Vão todos para as obras ; alguns abrem
Os fundos alicerces ; outros quebrão
Com ferros e com fogo as pedras grossas .
Aqui , presado Amigo , não se attende
Ás forças , nem aos annos . Mão robusta
De atrevido soldado move o relho ,
Que a todos igualmente faz ligeiros .
Aqui se não concede de descanso
Aquelle mesmo dia , o grande dia ,
Em que Deos descansou , e em que nos manda ,

Façamos obras santas, sem que dêmos
Aos jumentos e bois algum trabalho.
Tu sabes, Dorotheo, que um tal serviço
Por uma civil morte se reputa.
¿ Que peito, Dorotheo, que duro peito
Não deve ter um Chefe, que atormenta
A tantos innocentes por capricho ?
Que se arrisque o vassallo na campanha,
É uma digna acção, que a Patria exige :
Nem este grande risco nos estraga
O pundonor, que vale mais que a vida ;
Antes nos abre as portas para entrarmos
No templo do heroismo : sim, nós temos,
Nós temos mil exemplos ; muitos, muitos
Que, ha seculos, murrêrão pela patria,
Na memoria dos homens inda vivem.
| Mas arriscar vassallos innocentes
Ás pedras que se soltão dos guindastes,
E aos montes de piçarra, que desabão
Nos fundos alicerces, sem vencerem,
Nem como jornaleiros, ténue paga ;
Pol-os ainda em cima na figura
Dos indignos vassallos, que se julgão
Em pena de delictos, como escravos ;

Isto só para erguer-se uma obra grande,
Que outra pequena suppre ! é mais que injusto ;
É uma das acções que só praticão
Aquelles torpes monstros, que nascêrão
Para serem na terra o mal de muitos.

Dirás tu, Dorotheo, que o nosso Chefe
Não quer que os innocentes se maltractem ;
Que o féro Commandante é quem abusa
Dos poderes que tem. Presado Amigo,
Quem ama a sã verdade, busca os meios
De a poder descobrir, e o nosso Chefe
Despresa os meios de poder achal-a.
↓ Qu'è delles os processos, que nos mostrão
A certeza dos crimes ? ↓ Quaes dos presos
Os libellos das culpas contestárão ?
↓ Quaes forão os juizes que inquirirão
Por parte da defeza, e quaes patronos
Disserão de direito sobre os factos ?
A santa Lei do Reino não consente
Punir-se, Dorotheo, aquelle monstro
Que é réo de Magestade, sem defeza.
↓ E podem ser punidos os vassallos
Por aérios insultos, sem se ouvirem,

E sem outro processo mais que o dicto
De um simples Commandante vil e nescio?
Um louco, Dorotheo, faz mais ainda
Do que nunca fizerão os Monarchas :
Faz mais que o proprio Deos, que Deos, querendo
Punir em nossos Pães a culpa grave,
Primeiro lhes pedio, que lhe dissessem,
Qual foi do seu delicto a torpe causa.

Passão, presado Amigo, de quinhentos
Os presos que se ajuntão na Cadêa.
Uns dormem encolhidos sôbre a terra,
Mal cobertos dos trapos, que molhárão
De dia no trabalho : os outros ficão
Ainda mal sentados, e descansão
As pesadas cabeças sôbre os braços,
Em cima dos joelhos encruzados ;
O calor da estação, e os máos vapores,
Que tantos corpos lanção, mui bem podem
Empestar, Dorotheo, extensos ares.
A pallida doença aqui bafeja,
Batendo brandamente as negras azas.
Aquelle, Dorotheo, a quem penetra
Este halito mortal, as forças perde,

Tem dôres de cabeça , e , n'um instante ;
Abrasa-se em calor, de frio treme.
Fazem os seus deveres os affectos
Do nosso grão Tenente: amor, e odio ;
Aquelle, que risonho lhe trabalha
Nas suas proprias obras, é mandado
Curar-se á Santa casa, como pobre.
Os outros são tractados como servos,
Que fogem ao trabalho dos senhores :
Para as correntes vão , arrancão pedra ,
E quando algum fraquêa, o máo soldado,
Dá-lhe um bérro, que atrôa, a mão levanta,
E nas costas o rêlho descarrega.

Ah tu, piedade santa, agora, agora
Os teus ouvidos tapa, e fecha os olhos ;
Ou foge de uma terra, aonde um Nero,
Aonde os seus sequazes, cada dia,
Para o pranto te dão motivos novos !

O fogo, Dorotheo, que vai ardendo,
Depois de bem arder, a chamma atêa,
E a materia consome em breve instante.
Assim a podre febre que roia

Aos miseros enfermos, pouco a pouco
Erguendo, qual o fogo a lavareda,
Á força do cansaço que resulta
Do trabalho e do sol, consome e mata.
Uns cahem com os pezos que carregão,
E das obras os tirão pios braços
Dos tristes companheiros : outros ficão
Alli nas mesmas obras estirados;
Acodem mãos piedosas : qual trabalha,
Por ver se pôde abrir as grossas pégas;
E qual o copo de agua lhes ministra,
Que, serrados os dentes, já não bebem.
Uns as caras borrifão, outros tomão
Os débeis pulsos, que parando fogem.
| Ah ! | Não mais compaixão ! | não mais desvelo
O soccorro chegou , mas foi mui tarde :
Cobrem-se os membros de um suór já frio,
Os cheios peitos arquejando roncão ,
E vertem umas lagrimas sentidas ,
Que só lhes descem dos esquerdos olhos ;
Amarella-se a côr , bacêa a vista ,
O semblante se afila, o queixo affrouxa,
Os gestos e os arrancos se suspendem ;
Nenhum mais bole , nenhum mais respira.

Assim , meu Dorotheo , sem um remedio ,
Sem fazerem despeza em um só caldo ,
Sem sabio director , sem Sacramentos ,
Sem a vèla na mão , na dura terra
Estes pobres acabão seus trabalhos.
Que espèras , duro Chefe , que não contas
Á Côrte os teus triumphos ! Tu não pòdes
Mandar alqueires dos anneis tirados
Dos dedos que cortaste nas campanhas :
Mas de algêmas , de pêgas , e correntes ,
Podes mandar á Côrte immensos carros.
Tu podes.... mas , Amigo , não gastemos
Todo o tempo em contar sentidas cousas ,
Façamos menos triste a nossa historia ;
Misturemos os casos que magôão ,
Com successos que sejão menos fortes.

Não bastão , Dorotheo , galês immensas ,
São mais outros soccorros necessarios ,
Para crescerem as soberbas obras.
Ordena o grande Chefe , que os roceiros ,
E outros quaesquer homens , que tiverem
Alguns bois de serviço , promptos mandem
Os bois , e mais os negros que os governem ,

Durante uma semana de trabalho :
Ordena ainda mais , que neste tempo
Não recebem jornal ; antes , que tragão
O milho para os bois dos seus celleiros.
Que é isso , Dorotheo , abriste a boca ?
Ficaste embasbacado ? Não suppunhas ,
Que o nosso grande Chefe se sahisse
Com uma tão formosa providencia ?
N'isto de economia é elle um mestre ;
Está para compôr uma obra , aonde
Quer o modo ensinar de não gastarem
As Tropas cousa alguma no sustento.
Deos o deixe viver , até que chegue
A pol-a , Dorotheo , no mesmo estado ,
Em que estão os volumes onde existem
Os Despachos , que deo no seu Governo.
Ora ouve ainda mais : attende , e pasma.

Para se sustentarem os forçados ,
Os generos se comprão com bilhetes ,
Que paga o Thesoureiro , quando pôde ;
E sobre esta fiança ainda se tomão
Por muito menos preço , do que correm.
As tropas , que carregão mantimentos ,

Apenas descarregão , vão de graça
Á distante Caieira com soldados
Buscar queimada pedra. Daqui nasce
Os tropeiros fugirem , e chorarmos
A grande carestia do sustento.
Responde , louco Chefe , se tu podes
Taes violencias fazer , não era menos
Lançares sobre os povos um tributo ?
Os homens , que tem carros , e os que vivem
De viveres venderem , são acaso
Aos mais inferiores nos direitos ?
Esta Cadêa é sua , porque deva
Sobre elles carregar tamanho peso ?
E o povo , quando compra tudo caro ,
Não paga ainda mais , do que pagára ,
Se um modico tributo se lançasse
Á proporção dos bens de cada membro ?
Amigo Dorotheo , quem rege os povos ,
Deve ler de continuo os doutos livros ;
E deve só tractar com sabios homens .
Aquelle , que consome as largas horas
Em fallar com os nescios e peraltas ,
Em metter entre as pernas os perfumes ,
Em concertar as pontas dos lencinhos ,

Não nasceo para cousas que são grandes ;
Que nestas bagatelas não consomem
O tempo proveitoso as nobres almas.

Quem não quer , Dorotheo , mandar o carro
C'o famoso Tenente se concerta ;
Onde vai tal dinheiro , ninguém sabe ;
Só sabemos mui bem , que o bom Tenente ,
Sem ter outro negocio , que lhe renda ,
De pingante passou a potentado.
Sabemos tambem mais.... porêm , Amigo ,
O fallar nestas cousas já me enfada.
Omitto outros successos , que lastimo ,
E fecho , Dorotheo , a minha carta
Com um maravilhoso estranho caso.

Distante nove legoas desta terra
Ha uma grande Ermida, que se chama
Senhor de Matosinhos : este Templo
Os devotos fieis a si convoca
Por sua architectura, pelo sitio,
E ainda muito mais pelos prodigios,
Com que Deos ennobrece a Santa Imagem.
Este famoso Templo tem um carro,

Comprado com esmolas, que carrega
As pedras e madeiras, que ainda faltão :
O Commandante austero notifica
A veneranda Imagem, na pessoa
Do zeloso ermitão, para que mande
O carro com os bois servir nas obras,
Mal lhe couber o turno da semana.
Faz-se uma petição ao nosso Chefe
Em nome do Senhor , em que se allega,
Que o carro que elle tem, se occupa ainda
Na pia construcção da sua Casa ;
Que elle Christo não tem nenhuma rendas,
Senão esmolas ténues, que só devem
Gastar-se no seu Templo e no seu culto,
Conforme as intenções de quem as pede.
Apenas vio o Chefe o peditorio,
Quiz ao Christo mandar, que lhe ajuntasse
O titulo que tinha, porque estava
Isento de pagar os seus impostos :
Que elle sabe mui bem, que o mesmo Christo
Mandou ao velho Pedro, que pagasse
A Cesar os tributos em seu nome.
E Christo, figurado em uma Imagem,
Não tem mais isenções, que teve o proprio.

Pegava o seu *Matusio* já na penna,
Quando lembra, ao bom Chefe, o que decretão
Os Canones da Igreja, que concedem,
Que para se fazerem obras pias,
Até os sacros vasos se alienem.
Infero daqui logo, que este carro
Não gosa de isenção ; porque supposto
Se possa numerar nos bens da Igreja,
Conforme as Decretaes até podia
Neste caso vender-se, por ser obra
Mais pia do que todas, a Cadêa :
Lança mão elle mesmo então da penna,
E põe na petição um — Escusado —
Com uns rabiscos taes, que ninguem sabe
Ao menos conhecer-lhe uma só letra.
Agora dirás tu : Meu bom Critillo,
Não se isentar a Christo desse imposto,
Foi um grande tesão , mas necessario,
Por não se abrir a porta a máos exemplos :
Antes o Santo Christo é que devia
Mandar o carro logo, como Mestre
Da sublime Virtude ; e desta sorte
Obrou o mesmo Christo, em outro tempo,
Mandando que pagasse Pedro a Cesar

O tributo — por elle, quando estava
Por um dos filhos ser, mui bem isento.
Mas se esse Santo Christo não podia
Por dias dispensar os bois e carro,
Porque não se valeo do tal *Matusio*,
Do poeta *Roberio*, e de outros trastes,
Por quem aqui se conta, que pratica
O grande Fanfarrão os seus milagres?
Tu instas, Dorotheo, qual o mestraço,
Quando por defender a sua escola,
Arregaçando o braco, o pé batendo,
E enchendo as cordovêas, grita e ralha.
Mas eu, presado Amigo, com bem pouco
Te bóto esse argumento todo abaixo.
Em primeiro lugar, o Santo Christo
É homem muito serio; e por ser serio,
Não tem com essa gente um leve tracto:
Em segundo lugar é muito pobre,
Só dá aos seus devotos Indulgencias
Com annos de perdão, e destas drogas
Não fazem taes validos nenhum caso.

Ora pois, louco Chefe, vai seguindo
A tua pretensão: trabalha, esforça

Por fazer immortal a tua fama ;
Levanta um edificio em tudo grande ;
Um soberbo edificio, que desperte
A dura emulação na propria Roma.
Em cima das janellas e das portas
Põe sabias inscripções, põe grandes bustos ;
Que eu lhes porei por baixo os tristes nomes
Dos pobres innocentes, que gemêrão
Ao peso dos grilhões ; porei os ossos
Daquelles, que os seus dias acabárão
Sem Christo, e sem remedios, no trabalho.
E nós, indigno Chefe, e nós veremos,
A quaes destes padrões não gasta o tempo.

CARTA 3.

Em que se contão as desordens feitas nas festas que se celebrão nos Desposorios do nosso Serenissimo Infante com a Serenissima Infanta de Portugal.

Tu já tens, Dorotheo, ouvido historias,
Que podem commover a triste pranto
Os seccos olhos dos crueis Ulysses.
Agora, Dorotheo, enxuga o rosto,
Que eu passo a relatar-te cousas lindas.
Ouvirás uns successos, que te obriguem
A soltar gargalhadas descompostas,
Por mais que a boca com a mão apertes,
Por mais que os beiços já convulsos mordas.
Eu creio, Dorotheo... Porem, aonde
Me leva tão errado o meu discurso?
Não esperes, Amigo, não esperes
Por mais galantes casos que te conte,
Mostrar no teu semblante um ar de riso.
Os grandes desconcertos que executão

Os homens que governão, só motivão
Na pessoa composta horror e tédio.
Quem pôde, Dorotheo, zombar contente
Do Cesar dos Romanos, que gastava
As horas em caçar immundas moscas?
Apenas isto lemos, o discurso
Se afflige na certeza, de que um Cesar
De espirito tão baixo não podia
Obrar um facto bom no seu governo.
Não esperes, Amigo, não esperes
Mostrar no teu semblante um ar de riso ;
Espera, quando muito, lêr meus versos,
Sem que molhe o papel amargo pranto,
Sem que rompa a leitura alguns suspiros.

Chegou á nossa Chile a doce nova,
De que Real Infante recebêra
Bem digna do seu leito casta Esposa.
Reveste-se o Baxá de um genio alegre,
E para bem fartar os seus desejos,
Quer que ás expensas do Senado e povo
Arda em grandes festins a terra toda.
Escreve-se ao Senado extensa Carta
Em ar de Magestade, em frase Moura ;

E nella se lhe ordêna, que prepare,
Ao gosto das Hespanhas, bravos touros;
Ordena-se tambem, que nos theatros
Os tres mais bellos dramas se estropeem,
Repetidos por bocas de mulatos.
Não esquecem em fim as cavalhadas:
Só fica, Dorotheo, ao livre arbitrio
Dos pobres Camaristas repartirem
Bilhetes de convite pelas damas.

Amigo Dorotheo, ah! tu não podes
Pesar o desconcerto dessa Carta,
Emquanto não souberes a Lei propria,
Que aos festejos Reaes prescreve a norma.

Emquanto, Dorotheo, a nossa Chile
Em toda a parte tinha á flôr da terra
Extensas e abundantes minas de ouro,
Em quanto os taberneiros ajuntavão
Immenso cabedal em poucos annos,
Sem terem nas Tabernas fedorentas
Outros mais sortimentos, que não fossem
Os queijos, a cachaça, o negro fumo,
E sobre as prateleiras poucos frascos:

Em quanto em fim as negras quitandeiras
Á custa dos amigos só trajavão
Vermelhas capas de galões cobertas,
De galacés e tissos ricas saias:
Então, presado Amigo, em qualquer festa
Tirava liberal o bom Senado
Dos cofres chapeados grossas barras.
Chegarão taes despezas á noticia
Do Rei prudente, que a virtude préza ;
E vendo, que estas rendas se gastavão
Em touros, cavahadas e comedias,
Applicar-se podendo a cousas santas ;
Ordena providente, que os Senados
Nos dias, em que devem mostrar gosto
Pelas Reaes fortunas, se moderem,
E só fação cantar no Templo os hymnos,
Com que se dão aos Céos as justas graças.

Ah ! meu bom Dorotheo, que feliz fôra
Esta vasta Conquista, se os seus Chefes
Com as Leis dos Monarchas se ajustassem !
Mas alguns não presumem ser vassallos ;
Só julgão que os Decretos dos Augustos
Tem força de Decrétos, quando ligão

Os braços dos mais homens, que elles mandão ;
Mas nunca quando ligão os seus braços.

Com esta sabia Lei replica o corpo
Dos pobres Senadores, e pondéra,
Que o severo Juiz, que as contas toma,
Lhes não ha de approvar tão grandes gastos.
Da sorte, Dorotheo, que o bravo potro,
Quando a sella recebe a vez primeira,
Emquanto não sacode a sella fóra,
E faz em dous pedaços cilha e rédea,
Mette entre os duros braços a cabeça,
E dá, saltando aos ares, mil corcóvos :
Assim o irado Chefe não atura
O freio desta Lei, espuma e brama,
Arrepella o cabello, a barba torce,
E emquanto entende, que o Senado zêla
Mais as Leis, que o seu gôsto, não descança.

Aos tristes Senadores não responde ;
Mas manda-lhes dizer, que a não fazerem
Os pomposos festejos, se preparem
Para serem os guardas dos forçados,
Trocando as varas em chicote e relho.

¿ Já viste, Dorotheo, que o grande Chefe,

O defensor das Leis, o mesmo seja,
Que insulte, que ameace ao bom vassallo,
Que intenta obedecer ao seu Monarcha?
Pois ainda, Dorotheo, não viste nada.
Um monstro, um monstro destes não conhece,
Que exista alguém maior, que ousado possa,
Ou na terra, ou no Céu, tomar-lhe conta.
! Infeliz, Dorotheo, de quem habita
Conquistas do seu dono tão remotas !
Aqui o povo geme, e os seus gemidos
Não podem, Dorotheo, chegar ao Throno ;
E se chegão, succede quasi sempre
O mesmo que succede nas tormentas,
Aonde o leve barco se sossobra,
Aonde a grande não resiste ao vento.

! Que peito, Dorotheo, que peito pôde
Constante persistir em sãos projectos,
Ouvindo as ameaças do Tyranno,
E junto já de si o som dos ferros !
Sómente, Dorotheo, os homens santos,
Que a sua Lei defendem, vem os potros,
Vem cruces, cadafalsos e cutelos,
Com rosto socegado. Os outros homens
Não podem, Dorotheo, não podem tanto.

Á força de temor o bom Senado
Constancia já não tem ; affrouxa e céde.
Sómente se disputa sobre o modo
De ajuntar-se o dinheiro, com que possa
Supprir tamanho gasto o grande Alberga.
Uns dizem, que das rendas do Senado
Tiradas as despezas nada sobra :
Os outros accrescentão, que se devem
Parcelas numerosas impagaveis
Ás consternadas amas dos expostos ;
Uns ralhão, outros ralhão ; mas ¿ que importa ?
Todos arbitrios dão, nenhum acerta.
Então o grande Alberga, que preside,
Vendo esta confusão, na mesa bate,
E levantando a voz pausada e forte,
A importante questão assim decide :
« Ha dinheiro, Senhores, ha dinheiro ;
« Vendão-se os castiçaes, tinteiro e bancos,
« Venda-se o proprio panno e mesa velha ;
« Quando isto não baste, ha bom remedio ;
« As fazendas se tomem, não se paguem ;
« E para autorisardes esta industria,
« Eu vos dou, Cidadãos, o meu exemplo. »

Intentão replicar-lhe os Camaristas,
A tão baixos calotes nunca afeitos ;
Mas elle, que não soffre mais instancia,
As grossas sobranceiras arqueando,
Desta sorte prosegue em tom azedo :
« Se os meus santos conselhos se desprezão,
« Depressa vou dar parte ao nosso Chefe.
« | Ah! pobres Cidadãos, se assim o faço !
« Já se me representa, que vos sinto
« Gemer debaixo dos pesados ferros. »
| Só tu, maroto Alberga, só tu podes
Desta sorte fallar aos teus collegas !
¿ Que importa que os accuses, e que importa
Que os prenda com grilhões o duro Chefe ?
São ferros estes, ferros muito honrados ;
Que a honra só consiste na innocencia.

Apenas, Dorotheo, o vil *Alberga*
Falla em queixa fazer ao nosso Chefe,
De susto os Camaristas nem respirão ;
Quaes chorosos meninos, que emmudecem,
Quando as amas lhes dizem : cála, cála,
Que lá vêm o tútú que papa a gente.

Mandão-se apregoar as grandes festas :

Acompanha ao pregão luzida tropa
De velhos Senadores : estes trajão
Ao modo cortezão, chapéos de plumas,
Cápas com bandas de yistasas sedas.

Chega emfim o dia suspirado,
O dia do festejo : todos correm
Com rostos de alegria ao santo Templo :
Celebra o velho Bispo a grande Missa ;
Porem o sabio Chefe não lhe assiste
Debaixo do espaldar ao lado esquerdo ;
Para a tribuna sóbe e alli se assenta.
Uns dizem, Dorotheo, fugio prudente,
Por não ver assentados os padrecos
Na Capella maior acima delle.
Os outros sabichões, que a causa indagão,
Discorrem, que o Senado lhe devia
Erguer no Presbyterio docél branco,
Em honra delle ser Lugar-Tenente.
Mas eu com estes votos não concordo,
E julgo afoito, que a razão foi ésta :
Porque estando patente, e tendo posto
O seu chapéo em cima da cadeira,
Pudéra duvidar-se, se devia
O Bispo ter a mitra na cabeça.

Acaba-se a função : e o nosso Chefe
Á casa com o Bispo se recolhe ;
A nobreza da terra os acompanha,
Até que montão a dourada sege.
Aqui, meu Dorotheo, o Chefe mostra
O seu desembaraço, e o seu talento !
Só n'uma funcção destas se conhece,
Quem tem andado terras, onde habitão
Despidas dos abusos sabias gentes !
Vai passando por todos, sem que abaixe
A emproada cabeça, qual mandante,
Que passa pelo meio das fileiras.
Chega junto da sége, á sége sóbe,
E da parte direita toma assento.
O Bispo, o velho Bispo atraz caminha,
Em ar de quem se teme da desfeita :
Com passos vagarosos chega á sége ;
Encaixa na estribeira o pé cançado,
E duas vezes por subir forceja ;
Acodem alguns padres respeitosos,
E por baixo dos braços o sustentão :
Então com mais alento o corpo move,
Dá o terceiro arranco, o salto vence,
E sem poder soltar uma palavra,

Ora vermelho, ora amarello fica
Do nosso Fanfarrão ao lado esquerdo.
Agora dirás tu : que bruto é esse ?
Pòde haver um tal homem, que se atreva
A pôr na sua sége ao seu Prelado
Da parte da boléa ? Eu tal não creio.
Amigo Dorotheo, estás mui ginja ;
Já lá vão os rançosos formularios,
Que guardavão á risca os nossos velhos :
Em outro tempo, Amigo, os homens sérios
Na rua não andavão sem florete ;
Traziaõ cabelleira grande e branca,
Nas mãos os seus chapéos ; agora, Amigo,
Os nossos proprios bêcas tem cabelo ;
Os grandes sem florete vão á Missa,
Com a chibata na mão, chapéo fincado,
Na fóрма, em que passeão os caixeiros.
Ninguem antigamente se sentava
Senão direito e grave nas cadeiras ;
Agora as mesmas damas atravessão
As pernas sobre as pernas. N'outro tempo
Ninguem se retirava dos amigos,
Sem que dissesse-Adeos- : agora é moda,
Sahirmos dos congressos em segredo.

Pois corre, Dorotheo, a paridade,
Que os costumes se mudão com os tempos.
Se os antigos fidalgos sempre davão
O seu direito lado a qualquer padre,
Acabou-se esta móda : o nosso Chefe
Vindica os seus direitos : vê, que o Bispo
É um grande, que foi, a pouco, frade,
E não póde hombrear com quem discende
De um bravo Patagão, que sem disputa,
Lá nos tempos de Adão já era grande.

Na tarde, Dorotheo, do mesmo dia
Sahe uma Procissão de poucos negros,
E padres revestidos só composta ;
Que os brancos e os mulatos se occupavão
Em guarnecer as ruas ; pois que todos
Occupados estão nas Régias Tropas.
Caminha o nosso Chefe, todo Adonis,
Diante da bandeira do Senado ;
Alguns dos rigoristas não lh'o approvão,
Dizendo, que devia respeitoso,
Da maneira que sempre praticarão
Os seus Antecessores, ir ao lado,
Por ser ésta bandeira um estandarte,

Onde tremulão do seu Reino as Armas.
Mas eu o não censuro, antes lhe louvo
A prudencia, que teve ; pois suppunha,
Que á vista do seu sangue e seu character
Podia muito bem querer metter-se
Debaixo, Dorotheo, do proprio Pallio.
Que destrás evoluções não fez a Tropa !
Uns ficão ao passar do Sacramento
Com as suas barretinas nas cabeças ;
Os outros se descobrem e ajoelhão ;
E emquanto não se avança o nosso Chefe,
Prostrados se conservão, e devotos
Não cessão de ferir os brandos peitos.
Ah ! Grande General ! com esta Tropa
Tu podes conquistar o mundo inteiro !
Forão muito felices os Lorenas,
Os Condés, os Eugenios, e outros muitos,
Em tu não floreceres nos seus tempos.
Meu caro Dorotheo, os sapateiros
Entendem do seu couro ; os mercadores
Entendem de fazenda ; os alfaiates
Entendem de vestidos ; em fim todos
Podem bem entender dos seus officios ;
Porém querer o Chefe , que se formem

Disciplinadas tropas de tendeiros ,
De moços de tabernas , de rapazes ,
E bisonhos roceiros , é delirio ;
Que o soldado não fica bom soldado ,
Sómente porque veste *curta farda* ,
Porque limpa as correas , tinge as botas ,
E com trapos engrossa o seu rabicho.

A negra noite em dia se converte
Á força das tigélas e das tochas ,
Que em grande cópia nas janellas ardem.
Aqui o bom Roberio se distingue ;
Compõe algumas quadras , que baptisa ,
Com o distincto nome de epigrammas ,
E pedante rendeiro as dependura
Na dilatada frente , que illumina ,
Fazendo-as escrever em lindas tarjas.
Rançoso e máo Poeta , não nasceste
Para cantar heróes , nem cousas grandes !
Se te queres moldar aos teus talentos ,
Em tosca frase do Paiz sómente
Escreve trovas , que os mulatos cantem.

Andava , Dorotheo , alegre a gente
Em bandos pelas ruas. Então vejo

Ao famoso Roquerio neste traje :
As chinellas nos pés , descalça a perna ,
Um chapéo muito velho na cabeça ,
E fóra dos calções a porca fralda ;
Em um roto capote mal se embrulha ,
E grande varapáo na mão sustenta ,
Que mais de estorvo , que de arrimo serve ;
Pois a cachaça ardente , que o alegre ,
Lhe tira as forças dos robustos membros,
E põe-lhe peso na cabeça leve.
Não repares , Amigo , que te conte
Este successo , que parece estranho :
Este grande Roquerio é um daquelles ,
Que assenta á sua mesa o nosso Chefe.
Agora , Amigo , vê , se esta pintura
Não póde muito bem á nossa historia ,
Sem violencia servir tambem de enfeite.

Fiquemos , Dorotheo , aqui por ora ;
Pois de tanto escrever a mão já cança.
Em outra contarei o mais , que resta ,
E vi no grão Passeio , e mais no Curro ,
Aonde as cavalhadas se fizerão ,
Aonde os máos capinhas maltratárão
Em vez de touros , mansos bois e vaccas.

CARTA 6.

Em que se conta o resto dos Festejos.

Eu hontem , Dorotheo , fechei a Carta ,
Em que te relatei da Igreja as festas ;
E como trabalhava , por lembrar-me
Do resto do festejo ; mal descanso
Na cama os lossos membros , me parece ,
Que vou entrando na formosa Praça .
Não vejo , Dorotheo , um Curro feito
De pedaços informes de outros curros ;
Sim vejo o mesmo Curro , que o bom Chefe
Riscou na secca praia ; e nelle vejo
As mesmas armações e as mesmas caras ;
Ora vou , doce Amigo , aqui pinta-lo .

Na frente se levanta um camarote
Mais alto do que todos uma braça :
Enfeitão seu prospecto lindas colchas ,
E pendentes cortinas de Damasco ,
À direita se assenta o nosso Chefe :
Os regios magistrados não o cercão ,
Nem o cerca tambem o nobre corpo

Dos velhos Cidadãos ; aquelle mesmo ,
Que faz de toda a festa os grandes gastos.
Com elle só se assenta a sua côrte ,
Que toda se compõe de novos Martes.
Aqui alguns conheço , que inda vivem
De darem o sustento , o quarto , a roupa ,
E capim para a besta a quem viaja.
Conheço finalmente a outros muitos ,
Que forão almocreves e tendeiros ,
Que forão alfaiates , e fizerão ,
Puchando a dente o couro , bem sapatos.
Agora , doce Amigo , não te rias ,
De veres , que estes são aquelles grandes ,
Que em presença do Chefe encostar podem
Os queixos nos bastões das finas canas.
Os postos , Dorotheo , aqui se vendem ,
E como as outras drogas que se comprão ,
Devem daquelles ser que mais os pagão.

No meio desta turba vejo um vulto ,
Que moça me parece, pelo traje :
Não posso conceber o como deva
Estar uma senhora em tal palanque.
O Chefe (eu discorria) inda é solteiro.
E quando não o fosse , a sua Esposa

Não havia sentar-se com barbados.
Mil cousas, Dorotheo, mil cousas feias
Me suggere a malicia; e todas falsas:
Applico mais a vista, então conheço,
Que é uma muito esperta mulatinha,
Que dizem filha ser do seu laçao.
Eis-aqui, Dorotheo, o como ás vezes
Infames testemunhos se levantão
Ás pessoas mais sérias: só Deos sabe
O que tambem dirão do teu Critillo!
Mas tu, prezado Amigo, não te afflijas,
Que tudo é desta classe, e se vivêres,
Ainda o has-de ver obrar milagres.

Pegado ao camarote do bom Chefe,
Se vê outro palanque igual em tudo
Aos rasos camarotes do mais povo:
Aqui tem seu lugar os Senadores;
Com elles se encorpóráo outros muitos,
Que lograrão de Edís as grandes honras.

Nos outros adornados camarotes
Assistem as familias mais honestas:
Aqui nada se vê, que seja pobre.
Recrêa, Dorotheo, recrêa a vista

O vário dos matizes ; céga os olhos
O continuo brilhar das finas pedras.
No meio de um palanque então descubro
A minha, a minha Nise : está vestida
Da côr mimosa com que o Céu se veste.
Oh quanto, oh quanto é bella, a verde Olaya,
Quando se cobre de cheirosas flores !
A filha de Thaumante, quando arqueia
No meio da tormenta o lindo corpo ;
A mesma Venus, quando toma e abraça
O grosso escudo e lança, porque vença
A paixão do deos Marte com mais força ;
Ou quando lacrimosa se apresenta
Na sala de seu Pai, para que salve
Aos seus Troyanos das soberbas ondas ;
Não é, não é como ella tão formosa.
Qual o tenro menino, a quem se chega
Defronte do semblante a véla acesa,
Umás vezes suspenso, outras risonho,
Os olhos arregala, e bem que o chamem,
A tesa vista não separa della :
Assim eu, Dorotheo, apenas vejo
A minha doce Nise, qual menino,
Os olhos nella fito cheios de agua ;

E por mais que me chamem, ou me abalem,
De embebido que estou, não sinto nada.
No meio, Dorotheo, de tanto assombro,
Me finge a perturbada phantasia
Novo successo, que me afflige, e cança.
Apparece no Curro passeando
Sexagenario velho em ar de moço :
Traja uma curta veste, calções largos
Da cor da secca rosa, a quem adorna
O brilhante galão de fina prata.
Na bolça do cabello, que se enfeita
De duas negras plumas e de flocos,
Branquejão os vidrilhos ; e no peito,
De flôres se sustenta um grande mólho :
Traz dous anneis nos dedos, e fivélas
De amarellos topasios. Não caminha,
Sem que ávante caminhe um branco pagem,
Atraz da cadeirinha, e o seu moleque
Em fórmula de lacaio. Ah ! velho tonto !
Esse teu tratamento imita, imita
O estado, que tem o rei do Congo !

Ponho os meus olhos no cadúco Adonis ;
Então se me figura, que elle offerta

A Nise uma das flôres, e que Nise
Com ar risonho no seu peito a prega.
Aos zelos, Dorotheo, ninguem resiste ;
Sentem a sua força os altos deoses ;
Os homens, mais as fêras ; e em Crítillo
Não pôdes esperar paixões diversas.
Apenas isto vejo, exasperado,
Metto mão ao florete, e quando intento
O peito traspassar-lhe, então acôrdo ;
E vendo-me ás escuras sobre a cama,
Conheço que isto tudo foi um sonho.

Pintei-te, Dorotheo, o grande Curro
Da sorte que minha alma o vio sonhando ;
Agora vou pintar-te os mais successos,
Que impressos ainda tenho na memoria.

Ainda, Dorotheo, no largo Curro
Caretas não brincavão, nem se vião
Nos rasos camarotes altas pôpas,
Enfeites com que brilhão nescias Damas,
Quando já no castello de madeira
As peças fusilavão, signal certo
De que o nosso Heróe e o velho Bispo
No adornado palanque se assentavão.

Agora dirás tu : é forte pressa !
Os Chefes nos theatros entram sempre
Às horas de correr-se acima o panno.
Amigo Dorotheo, tu nunca viste
Uma criança, a quem a mãe promette
Leva-la a vêr de tarde alguma festa,
Que logo de manhã a mãe persegue,
Pedindo que lhe dispa os fatos velhos ?
Pois eis-aqui, Amigo, o nosso Chefe.
Não quer perder de estar casquilho e teso
No erguido camarote um breve instante.

Chegão-se emfim as horas do festejo ;
Entra na Praça a grande comitiva ;
Trazem os pagens as compridas lanças
De fitas adornadas , vem á dextra
Os formosos ginetes arreados ,
Seguem-se os cavalleiros , que cortejão
Primeiro ao bruto Chefe , logo aos outros ,
Dividindo as fileiras sobre os lados ;
Não ha quem o cortejo não receba
Em ar civil e grato ; só o Chefe
O corpo da cadeira não levanta ,
Nem abaixa a cabeça , qual o dono
De miseros escravos , quando juntos

A benção vão pedir-lhe , porque sejam
Ajudados de Deos no seu trabalho.

Feitas as cortezias do costume ,
Os dextros Cavalleiros galopeão
Em circulos vistosos pelo campo :
Lôgo se fórmão em diversos corpos,
Á maneira das tropas que apresentam
Sanguinosas batalhas. Soão trompas ,
Soão os atabales , os fagotes ,
Os clarins , os boés , e mais as flautas ;
O fогoso ginete as ventas abre ,
E bate com as mãos na dura terra ;
Os dous mantenedores já se avançãõ.
Aqui , presado Amigo , aqui não lutãõ ,
Como nos espectaculos Romanos ,
Com forçosos leões , malhados tigres ,
Os homens peito a peito , e braço a braço :
Jogãõ-se encontroadas , e se atirãõ
Redondas alcancias , curtas canas ,
De que dextro inimigo se defende
Com fazel-as no ar em dous pedaços.
Ao fogo das pistolas se desfazem
Nos postes as cabeças : umas ficãõ

Dos ferros traspassadas ; outras voão
Sacudidas das pontas das espadas ;
Airoso cavalleiro ao hombro encosta
A lança no principio da carreira ;
No ligeiro cavallo a espora bate ;
Desfaz com mão igual o ferro , e lógo
Que leva uma argolinha , a rédea toma ,
E faz que o bruto pare. Doces córos
Applaudem o successo, enchendo os ares
De grata melodia. Então vaidoso,
Guiado de um padrinho, ao Chefe leva
O signal da victoria , que segura
Na dextra aguda lança. O bruto Chefe
Acceita a offerta em ar de magestade ;
Á maneira dos amos , quando tomão
As cousas que lhes dão os seus criados.
Nestes , e n'outros brincos innocentes ,
Se passa , Dorotheo , a alegre tarde.

Já no sereno Céu resplandecião
As brilhantes estrellas, os morcegos ,
E as toucadas corujas já voavão ,
Quando , presado Amigo , nas janellas
Do nosso Sant'Iago se accendião,

Em signal de prazer, as luminarias ;
Ardem pois nas janellas de Palacio
Duas tôchas de pão , e sobre a frente
Da casa do Senado se levanta
Uma extensa armação, a quem enfeitão
Quatro mil tigelinhas. *Meu Alberga* ,
Aqui o premio tens do teu trabalho ;
Tu farás de torcidas e de azeite
Aos tristes Camaristas contas largas ;
E as arrobas de sebo , que não arde ,
Desfeitas em sabão, mui bem te podem
Toda a roupa lavar por muitos annos.

Nas margens , Dorotheo , do sujo corgo ,
Que banha da Cidade a longa fralda ,
Ha uma curta praia toda cheia
De já lavados seixos : neste sitio
Um formoso passeio se prepara:
Ordena o sabio Chefe , que se cortem
De verdes lorangeiras muitos ramos,
E manda , que os enterrem nesta praia ,
Fingindo largas ruas. Cada tronco
Tem debaixo das folhas uma taboa
Sem lavor , nem pintura , que sustenta

Doze tigelas do grosseiro barro;
No meio do passeio estão abertas
Duas pequenas cóvas pouco fundas,
Que lagos se appellidão; sobre as bordas
Ardem mil tigelinhas, e o azeite
Que corre, Dorotheo, dos côvos cacos,
Inda é mais, do que são as sujas aguas,
Que nem os fundos cobrem destês tanques.
A tão formoso sitio tudo acode,
Ou seja de um, ou seja de outro sexo,
Ou seja de uma, ou seja de outra classe.
Aqui lascivo amante, sem rebuço;
Á torpe concubina offerta o braço;
Alli mancebo ousado assiste e falla
Á simples filha, que seus páes recatão,
A ligeira mulata em trages de homem
Dança o quente lundú, e o vil batuque;
E aos cantos do passeio inda se fazem
Accções mais feias, que a modestia occulta..
Meu caro Dorotheo, meu doce Amigo,
Se queres, que este sitio te compare,
Como serio poeta, aqui tens Chipre
Nos dias em que os povos tributavão
Á Deosa tutelar alegres cultos.

Se queres, que o compare, como um homem,
Que alguma noção tem das Sacras Letras,
Aqui Sodoma tens, e mais Gomhorra.
Se queres finalmente, que o compare
A lugar mais humilde em tom jocoso,
Aqui, Amigo, tens esse afamado
Quilombo, em que viveu o pai Ambrosio.

Depõe o nosso Chefe a magestade,
E por vêr as madamas, rebuçado
No capote de bérne, corre as ruas,
Seguido, Dorotheo, das suas guardas ;
Depois de dar seus gyros, vai sentar-se
Em um dos toscos bancos, onde tomão
Assento certas moças que pudérão,
Não sei porque razão, cahir-lhe em graça ;
Não diz uma fineza ás taes mocinhas ;
Pois não é, Dorotheo, porque não saiba,
Que elle tem muito estudo de Florinda,
Da Roda da Fortuna, e de outros livros,
Que dão aos seus leitores grande massa ;
É sim por sustentar a gravidade
Que no publico pede o seu emprego ;
Mas para lhes mostrar o quanto as préza,
(O' fôrça milagrosa de Bestunto !)

Descobre esta feliz e nova traça :
Vai sentar-se na ponta do banquinho,
Umás vezes suspende ao ar o corpo,
Outras vezes carrega sobre a taboa,
E desta sorte faz que as bellas moças,
Movidas do balanço, dêem no vento
Milhares e milhares de embigadas.

Chega-se, Dorotheo, defronte delle
Um mascara prendado : não estima
Os discretos conselhos ; nem se agrada
De ver executar vistosos passos.
Manda sim, que arremede um nosso Bispo ;
Que arremede tambem o modo e gèsto
De um nosso General. São estes momos
Os unicos que podem commovel-o
No publico a mostrar risonha cara.
O' alma de fidalgo, ó Chefe digno
De vestir a libré de um vil lacaio !

Crescêrão, doce Amigo, alguns foguetes
Da noite em que o Senado fez no Curro
De polvora queimar barris immensos.
Em uma noite clara, qual o dia,
Ordena, que os foguetes vão aos ares ;

Vai-se pôr no passeio reclinado
Sobre um monte de pedras ; faz-lhe côrte
A velha poetiza, que repete
Um soneto que fez a certos males.
Começão os vapores do Ribeiro
A formar sobre a terra nuvens densas ,
Não se vêem dos foguetes os chuveiros,
Não se vêem as estrellas, nem as cobras,
Mas elle os deixa arder, e gasta a noite
Contente com ouvir alguns estalos,
E a bulha que elles fazem, quando sobem.

Já chega, Dorotheo, o novo dia,
O dia em que se correm bois e vaccas.
Amigo Dorotheo, é tempo, é tempo
De fazer-te excitar no peito brando
Affectos de ternura, de odio, e raiva.
No dia, Dorotheo, em que se devem
Correr os mansos touros, acontece
Morrer a casta esposa de um mulato,
Que a vida ganha por tocar rabeça;
Dá-se parte do caso ao nosso Chefe :
Este, prezado Amigo, não ordena,
Que outro musico vá no lugar d'elle

A rabeça tocar no prompto carro ;
Ordena que elle escolha ou a cadêa,
Ou ir tocar a doce rabequinha
Naquella mesma tarde pela praia.
Que é isso, Dorotheo, estás confuso?
Duvidas que isto seja ou não verdade?
Então que has-de fazer, quando me ouvires
Contar desordens que ainda são mais calvas?
Indigno, indigno Chefe, as Leis sagradas
Não querem se incommodem alguns dias
Os parentes chegados dos defuntos,
Ainda para cousas necessarias ;
E tu, cruel, violentas um marido
A deixar sobre a terra o frio corpo
Da sua terna esposa, sem que tenhas
Ao menos uma honesta e justa causa !
Barbaro, tu praticas tudo junto
Quanto obrarão no mundo os máos tyrannos !
Mezencio ajuntava os corpos vivos
Aos corpos já corruptos, e tu segues
Outros caminhos, que inda são mais novos.
Separas dos defuntos os que vivem,
Não queres que os parentes sejam pios,
Dando as ultimas honras aos seus mortos !

Chega-se finalmente a tarde alegre
Do festejo dos touros. Já no Curro
Apparecem os dous formosos carros.
O primeiro derrama sobre a terra,
Por bocas de serpentes escamosas,
Dous puros chorros de agua ; no segundo
Se levantão alegres doces vozes,
Que varios instrumentos acompanhão.
Aqui entre os que tócão se divisa
Um triste rosto , que se alaga em pranto.
Não sabes , Dorotheo , quem este seja ?
Pois é , presado Amigo , aquelle triste ,
Que tem a mulher morta sobre a cama.
O nosso grande Chefe mal conhece
Ao pobre do viuvo , compassivo
Mette a mão no seu bolço , e delle tira
Um famoso cartuxo , que lhe entrega ;
O nescio rabequista , que a acção nota ,
Um pouco suavisa a sua mágoa ;
E emquanto não recebe o tal embrulho ,
Comsigo assim discorre : Que ditosa ,
Que ditosa violencia , que soccorre
Em tal occasião a minha falta !
Já tenho com que pague ao meu vigario ;

Já tenho com que pague a cera, a côva,
A mortalha, o caixão, e mais os padres;
Assim o bom viuvo discorria,
Quando péga no embrulho, e mal o rasga,
Encontra, Dorotheo, confeitos grandes,
Encontra manuscristi, e rebuçados.
Que é isso, Dorotheo, de novo pasmas?
De novo desconfias da verdade?
Amigo Dorotheo, o nosso Chefe
Estudou Medicina, e como alcança
Que o chorar faz defluxo, providente
Ministra rebuçados a quem chora,
Para com elles acudir-lhe ao peito.
Principião os touros, e se augmentão
Do Chefe as parvoices. Manda á Praça
Sem regra, sem discurso, e sem concerto.
Agora sahe um touro levantado,
Que ao mão capinha sem fugir espera;
Acena-lhe o capinha, elle recúa,
E atira com as mãos ao ar, á terra.
Acena-lhe o capinha novamente;
De novo raspa o chão, e logo investe;
Lá vai o mão capinha pelos ares,
Lá se estende na arêa, e o bravo touro

Lhe dá com o focinho um par de tombos ,
Nem deixa de pisa-lo , em quanto o nescio
Não segue o meio de fingir-se morto.
Meu esperto boisinho , em paz te fica ;
Que o nosso Chefe ordena , te recolhão ,
Sem fazeres mais sorte , e te reserva
Para ao Curro sahires , quando forem
Do Senhor do Bom Fim as grandes festas.
Agora sahe um touro , que é prudente ;
Se o capinha o procura , logo fóge ;
Os caretas lhe dão mil apupadas :
Um lhe péga no rabo , e o segura ;
Outro intenta monta-lo ; e o grande Chefe
O deixa passear por largo espaço ;
Manda soltar-lhe os cães , manda metter-lhe
As garrochas de fogo , que primeiro
Que a pelle rompão do ligeiro bruto ,
Nos destros dedos do capinha estálão.
Com estes máos festejos que aborrecem ,
Se gastão muitos dias. Já o povo
Se cança de assistir na triste Praça ;
E ao ver-se solitario o bruto Chefe ,
Nos trata por incultos , mais ingratos.

Soberbo e louco Chefe , que proveito
Tiraste de gastar em frias festas
Immenso cabedal , que o bom Senado
Devia consumir em cousas santas ?
Suspirão pobres amas , e padecem
Crianças innocentes , e tu podes
Com rosto enxuto ver tamanhos males ?
Embora sacrifica ao proprio gosto
As fortunas dos povos , que governas ;
Virá dia em que mão robusta e santa ,
Depois de castigar-nos , se condôa ,
E lance na fogueira as varas torpes.
Então virão aquelles que chorarão ;
Então talvez que chores , mas de balde ;
Que suspiros e prantos nada lucrão
A quem os guarda para muito tarde.

CARTA 7.

Ha tempo, Dorotheo, que não prosigo
Do nosso Fanfarrão a longa historia.

.
. ,
.
.

Que não busque cobril-os com tal capa,
Que inda se persuada, que os mais homens
Lh'os ficão respeitando como acertos?
Em quanto ao conhecer destes despêjos,
Pespega á lei a boa intelligencia,
Que extensiva se chama : sim entende,
Que aonde o Rei ordena que só haja
Recurso a elle mesmo, nos faculta
Recurso aos Generaes ; pois que estes fazem
Em tudo, e mais que em tudo as suas vezes.
Ah ! dize, meu Amigo, se podia .
Dar-lhe outra intelligencia o mesmo Acursio ?

Esse grande Doutor, que já nos finge
Nos principios de Roma conhecida
A Divina Trindade, e' que pondêra,
Que do Cão, que na palha está deitado,
A velha Fusia lei se diz Canina.

| Maldito, Dorotheo maldito seja
O pãe de Fanfarrão, que deo ao mundo,
Ao mundo litterario tanta perda,
Criando ao habil filho n'uma Côrte,
Qual morgado que habita em pobre Aldêa!
Ah ! se elle, doce Amigo, assim discorrê,
Sabendo apenas ler redonda letra,
| Que abysmo não seria, se soubesse
Verter o Breviario em tosca prosa !
Se entrasse em Salamanca, e alli ouvisse
Explicar a questão d'aquella escrava
Que foi manumettida em testamento,
Se tres filhos parisse ; e outras muitas,
Que os lentes nos ensinão desta casta !

Em quanto, Dorotheo, ao outro ponto
De julgar aos expulsos innocentes,
Tambem razão lhe dou ; porque primeiro
Se informa com aquelles, que os réos dizem,

Que sabem mais que todos do seu caso.
Nem é de presumir que estes lhe faltem
À verdade, jurando; pois tem alma.
Sê boa testemunha meu páesinho,
A quem o vulgo chama *pé de pato*.
Confessa, se não foste o que juraste
Que deste uma denuncia, e fôra falsa.
! Indigno e bruto Chefe, em que direito
Entendes que se firmão taes processos?
! Um réo, a quem condemna um Magistrado,
Póde mostrar o injusto da sentença,
Dando umas testemunhas que jurarão
Sem haver citação da sua parte?
! Dando umas testemunhas inquiridas
Por Juiz que não póde perguntal-as?
! E como, louco Chefe, e como sabes
Que a defeza convence, se nem viste
Os autos, em que a culpa está formada?
Supponho que jurarão novamente
Aquelles mesmos, que as denuncias dérão.
! O segundo contrario juramento
Não é que se reputa sempre o falso?
! E quem chega a comprar um grande Chefe,
Não póde inda melhor comprar um negro?

Amigo Dorotheo, estes pretextos
São como as bigodeiras, que não podem
Fazer se não conheção as pessoas
Que danção nos theatros por dinheiro.

Não lucra, doce Amigo, o nosso Chefe
Sómente em revogar os exterminios,
Que fazem os Ministros: elle mesmo
Ordena se despejem os ricos,
Ainda que estes vivão sem suspeita
Do infame contrabando; desta sorte,
Os obriga tambem a vir á tenda
Comprar por grossas barras seus despachos.
Todos largão em fim, e todos entrão
No vedado districto, sem que importe
Haver ou não haver de crime indicio.
Só tu, meu Josefino, só tu ficas
No mandado desterro, por teimares
Em não querer largar ao vil Matusio
Uns tantos mil cruzados que pedia.
Só tu... Porém, Amigo, é tempo, é tempo
De fechar esta Carta, pois ainda
Que a materia por nova te deleite
A muita diffusão tambem enfada.

Eu a penna deponho, e só te peço;
Que tomes a lição que te apresenta
O nosso Fanfarrão no seu mulato.
Não desfaças, Amigo, as ruças bécas ;
Vai-as distribuindo aos teus lacaios,
Bem como faz o Chefe ás suas fardas ;
Que, enquanto estes a rompem, poupão
As librés amarellas aceadas.

CARTA 8.

Em que se trata da venda dos Despachos e Contractos.

Os Grandes, Dorotheo, da nossa Hespanha
Tem diversas herdades : uma dellas
Dão trigo, dão centeio, e dão cevada,
As outras tem cascatas e pomares,
Com outras muitas peças, que só servem
Nos calmosos verões de algum recreio.
Assim os Generaes da nossa Chile
Tem diversas fazendas : n'umas paixão
As horas de descanso ; as outras gerão
Os milhos, os feijões, e os uteis fructos,
Que podem sustentar as grandes casas.
As quintas, Dorotheo, que mais lhes rendem,
Abertas nunca são do torto arado.
Quer chova de continuo, quer se gretem
As terras, ao rigor do sol intenso,
Sempre gerão mais fructos, do que as outras
No anno, em que lhes corre ao proprio o tempo
Estas quintas, Amigo, não produzem
Em certas estações, produzem sempre ;

Que os nossos Generaes tomando a fouce
Vão fazer nas searas a colheita.

Produzem, que inda é mais, sem que os bons Chefes
Se cansem com amanhos, nem ainda
Com lançarem nos sulcos as sementes.

Agora dirás tu de assombro cheio :
Que ditosas campinas ! D'essa sorte
Só pintão os Elysios os Poetas.

Amigo Dorotheo, és pouco esperto ;
As fazendas, que pinto, não são dessas
Que tem para a cultura largos campos,
E virgens mattarias, cujos troncos
Levantão sobre as nuvens grossos ramos.

Não são, não são fazendas, onde paste
O lanudo carneiro e a gorda vacca,
A vacca, que salpica as brandas hervas
Com o leite encorpado, que lhe escorre
Das lisas tetas, que no chão lhe arrastão ;
Não são emfim herdades, onde as louras
Zunidoras abelhas de mil castas

Nos concavos das arvores já velhas,
Que balsamos distillão, escondidas,
Fabriquem rumas de gostosos favos.

Estas quintas são quintas só no nome ;

Pois são os dous contractos que utilisão
Aos Chefes inda mais que ao proprio Estado.

Cada triennio, pois, os nossos Chefes
Levantão duas quintas ou herdades,
E quando o lavrador da terra inculta
Despende o seu dinheiro no principio,
Fazendo levantar de páos robustos
As casas de vivenda, e junto dellas,
Em volta de um terreiro, as vis sanzalas,
Os nossos Generaes, pelo contrario,
Quando estas quintas fazem, logo embolsão
Uma grande porção de louras barras.

A primeira fazenda, que o bom Chefe
Ergueu nestas campinas, foi a grande
Herdade que arrendou ao seu *Marquesio*.
As linguas depravadas espalhárão,
Que para o tal Marquesio entrar de posse,
Largára ao grande Chefe, só de luvas,
Uns trinta mil cruzados ; bagatella !
Os mesmos maldizentes accrêscetão,
Que o pançudo Roberio fôra aquelle,
Que fez de Corretor no tal contracto.

Amigo Dorotheo, eu tremo, e fujo
De encarregar minha alma. O bom Virgilio
Talvez, talvez que afflicto se revolva
No meio da fogueira devorante,
Por dizer, que adorára ao pio Enéas
Uma casta rainha, cujos ossos
Estavão no sepulchro já mirrados,
Havia cousa de trezentos annos.
Eu não te affirmo, pois, que se fizesse
A venda vergonhosa : só te affirmo,
Que o mundo assim o julga, e que esta fama
Não deixa de firmar-se em bons indicios.
As leis do nosso Reino não consentem,
Que os Chefes dêem Contractos, contra os votos
Dos rectos Deputados que organisão
A Junta da Fazenda, e o nosso Chefe
Mandou arrematar ao seu *Marquesio*
O contracto maior, sem ter um voto,
Que favoravel fosse aos seus projectos.
As mesmas santas Leis jámais concedem,
Que possa arrematar-se algum contracto
Ao rico lançador, se houver na praça
Um só competidor de mais abono ;
E o nosso General mandou se dêsse

O ramo ao lançador, que apenas tinha
Uns vinte mil cruzados, em palavra,
Deixando preterido outro sujeito
De muito mais abono, e a quem devia
Um grosso cabedal o regio Erario.
Mal acaba *Marquesio* o seu triennio, '
Outro novo triennio lhe arremata,
Sem que um Membro da Junta em tal convenha;
E tendo o tal *Marquesio*, no contracto,
Perdido grandes sommas, lhe dispensa
Outras fianças dar á nova renda.
Amigo Dorotheo, o nosso Chefe,
Que procura tirar conveniencia
Dos pequenos negocios e despachos,
Daria este contracto ao bom *Marquesio*,
Este grande contracto, sem que houvesse
De paga equivalente ajuste expresso?
Amigo Dorotheo, se não sou sabio,
Não sou tambem tão nescio, que nem saiba
Das permissas tirar as consequencias.
Agora dirás tu : se o patrimonio
De *Marquesio* consiste, como affirmas,
Em vinte mil cruzados, em palavra,
Como de luvas deo ao Chefe os trinta?

Amigo Dorotheo, estou pilhado ;
A palavra, que sahe da boca fóra,
É como a calhoadada, que se atira,
Que já não tem remedio ; paciencia.
Eu as hervas arranco, e, desde agora,
Contigo fallarei com mais cautela.
Mas que vejo ! Tu ris-te ? Acaso pensas
Que me tens apanhado na verdade ?
A mim nunca apanhárão os capuchos, (*)
Quando no raso assento defendia,
Que a natureza não toléra o vácuo,
Que os cheiros são occultas entidades,
Com outras mil questões da mesma classe ;
E tu, meu doce Amigo, pertendias
Convencer-me em materia, em que dar posso
A todos de partido a sota e o basto ?
Desiste, Dorotheo, do louco intento ,
Faze uma grande cruz na lisa testa ,
Dá figas ao demonio, que te attenta.
Ora ouve a solução desse argumento :
Bem que pingante seja quem remata
Este grande contracto, mercadeja

(*) Indicaré isto ser autor do Poema A. Peixoto, formado em Canones?

Com perto de um milhão ; por isso todos
Lhe empréstão promptamente os seus dinheiros

Os Chefes, Dorotheo, que só procurão
De barras entulhar as fortes burras,
Desfructão juntamente as mais fazendas,
Que os seus antecessores levantárão.
Nem deixão descancar as férteis terras,
Emquanto não as poem em sambambáias.
Aqui agora tens, meu *Silverino*,
O teu proprio lugar. Tu és honrado,
E présas, como eu préso, a sã verdade ;
Por isso nos confessas , que tu ganhas
A graça deste Chefe , por que envias
Pela mão de *Matusio*, seu agente,
Em todos os trimestres as mezadas.
Eu sei, meu *Silverino*, que quem vive
Na nossa infeliz Chile, não te impugna
Tão notoria verdade. Porem deve
Correr estranhos climas esta historia ;
E como tu não vás tambem com ella,
É justo que lhe ponha algumas provas.

A sábia Lei do Reino quer e manda,

Que os nossos devedores não se prendão ;
Responde agora tu, porque motivo
Concede o grande Chefe que tu prendas
A quantos miseraveis te deverem ?
Porque meu *Silverino*? Porque largas,
Porque mandas presentes, mais dinheiro ?
As mesmas Leis do Reino também védão
Que possa ser Juiz a propria parte ;
Responde agora mais, porque principio
Consente o nosso Chefe, que tu sejas
O mesmo que encorrente a quem não paga ?
Porque, meu *Silverino*? Porque largas,
Porque mandas presentes, mais dinheiro ?
Os sabios Generaes reprimir devem
Do atrevido vassallo as insolencias ;
Tu mettes homens livres no teu tronco ,
Tu mandas castigal-os, como negros ;
Tu zombas da Justiça ; tu a prendes :
Tu passas Portarias, ordenando,
Que com certas pessoas não se entenda.
Porque, porque razão o nosso Chefe
Consente que tu faças tanto insulto ,
Sendo um touro, que parte ao leve aceno ?
Porque, meu *Silverino*? porque largas,

Porque mandas presentes, mais dinheiro?
A Lei do teu contracto não faculta
Que possas applicar aos teus negocios
Os publicos dinheiros, e com elles,
Pagaste aos teus credores grandes sommas!
Ordena a sábia Junta que dês lógo
Da tua commissão estreita conta:
O Chefe não assigna a Portaria,
Não quer que se descubra a ladroeira;
Porque te favorece ainda á custa
Dos regios interesses, quando finge
Que os zéla muito mais que as proprias rendas.
Porque, meu *Silverino*? porque largas,
Porque mandas presentes, mais dinheiro?
Apenas appareces... Mas não posso
Só contigo gastar papel e o tempo;
Eu já te deixo em paz, roubando o mundo,
E passo a relatar ao caro Amigo
Os estranhos successos que ainda faltão;
Nem todos lhe direi, pois são immensos.

Pertende, Dorotheo, o nosso Chefe
Mostrar um grande zelo nas cobranças
Do immenso cabedal que todo o povo

Aos cofres do Monarcha está devendo ;
Envia bons soldados ás Comarcas,
E manda-lhes que cobrem , ou que mettão
A quantos não pagarem nas cadêas.
Não quero , Dorotheo , lembrar-me agora
Das Leis do nosso Augusto ; estou cãçado
De confrontar os factos deste Chefe
Com as disposições do são direito ;
Por isso pintarei , presado Amigo ,
Sómente a confusão e a grãa desordem ,
Em que a todos nós pôz tão nova idéa.
Entrárão nas Comarcas os soldados ,
E entrárão a gemer os tristes povos ;
Uns tirão os brinquinhos das orelhas
Das filhas e mulheres ; outros vendem
As escravas já velhas , que os criárão ,
Por menos duas partes do seu preço .
Aquelle que não tem çaptivo ou joia ,
Satisfaz com papeis , e o soldadinho
Estas dividas cobra mais violento ,
Do que cobra a Justiça uma parcella ,
Que tem executivo aparelhado ,
Por sábia Ordenação do nosso Reino .
Por mais que o devedor exclame e grite ,

Que os creditos são falsos , ou que fôrão ,
Ha muitos annos pagos, o Ministro
Da sevêra cobrança a nada attende ;
Despreza estes embargos , bem que o triste
Proteste de os provar *in continenti*.

Não se recebem só , presado Amigo ,
Os creditos alheios para embolso
Das dividas fiscaes. O soldadinho
Descobre um ramo aqui de bom commercio :
Aquelle que não quer propor demandas ,
Promette-lhe a metade , ou mais ainda,
Das sommas que lhe entrega , e elle as cobra ,
Fingindo que as tomou em pagamento
Das dividas do Rei. Ainda passa
A mais esta desordem : faz penhoras ,
E manda arrematar ao pé da Igreja
As casas , os captivos , mais as roças.

Agora , Fanfarrão , agora fallo
Comtigo e só comtigo. Porque causa
Ordenas , que se faça uma cobrança
Tão rápida e tão forte contra aquelles ,
Que ao Erario s ódevem tenues sommas ?

●

Não tens contractadores , que ao Rei devem
De mil cruzados centos e mais centos?
Uma só quinta parte , que estes dêsem ,
Não matava do Erario o grande empenho?
O pobre , porque é pobre , pague tudo ;
E o rico , porque é rico , vai pagando
Sem soldados á porta , com socego !
Não era menos torpe , e mais prudente ,
Que os devedores todos se igualassem?
Que sem haver respeito ao pobre ou rico ,
Mettessem no Erario um tanto certo ,
Á proporção das sommas que devessem?
Indigno , indigno Chefe ! tu não buscas
O publico interesse. Tu só queres
Mostrar ao sabio Augusto um falso zelo
Poupando ao mesmo tempo os devedores ,
Os grossos devedores , que repartem
Comtigo os cabedaes , que são do Reino.

Talvez , meo Dorotheo , talvez que entendas ,
Que o nosso *Fanfarrão* estima e préza
Os rendeiros que devem , por systema ;
Só para vêr , se os ricos desta terra ,
Á força de favores animados ,

Se esforço a lançar nas regias rendas.
Amigo Dorotheo , o nosso Chefe
Se faz alguma cousa , é só movido
Da loucura , ou do sordido interesse.
Eu vou , presado Amigo , eu vou mostrar-te
Esta santa verdade com exemplos.

Morre um contractador , e se nomêa ,
Para tratar dos bens , um seu parente ,
Que Riberio se chama. Não te posso
Explicar o fervor , com que Riberio
Demanda os devedores , vence e cobra
Os cabedaes dispersos desta herança.
Estava quasi extincto o que devia
À fazenda do Rei ; então o Chefe
Lhe ordena satisfaça todo o resto ,
No peremptorio termo que lhe assigna ;
Exclama o bom Riberio , que não póde ;
Pois todo o cabedal , que tem cobrado ,
Ou está nas demandas consumido ,
Ou tem entrado já no regio Erario.
E para bem mostrar esta verdade ,
Supplica ao grande Chefe , que lhe escolha
Um recto Magistrado , que lhe tome

Da sua commissão estreita conta.

Pois isto, Dorotheo, não vale nada :

Sem contas lhe tomarem, manda o Chefe

Que gema na cadêa, até que pague.

Já viste uma insolencia semelhante?

Aos grandes devedores não se assignão

Os termos peremptorios para a paga ;

Nem vão para as cadêas, bem que comão

A fazenda do Rei ; e só Riberio,

Sendo um Procurador que nada deve,

Vai viver na prisão por tempos largos ?

Amigo Dorotheo, o nosso Chefe

Patrocina aos velhacos, que lhe mandão,

Para que mais lhe mandem. Prende e véxa

Aos justos que enthesourão suas barras,

Para ver, se, opprimidos, se resolvem

A seguir os caminhos dos que largão.

Remata-se um contracto a um sujeito,

Que o póde bem pagar, por mais que perca ;

Pertende um fiador deste contracto

Ir tratar no Perú do seu commercio ;

Vai licença pedir ao grande Chefe,

E o Chefe lh'a concede. Escuta agora ;

Ouvirás uma acção a mais indigna
De quantas por marotos se fizerão :
Apenas o tal homem sahe da terra,
Se despede uma esquadra de soldados,
Que mal com elle tópa, lhe dá busca :
As cargas se revolvem, nem lhe escapão
As grosseiras cangalhas, que se quebrão ;
Não achão contrabandos , porém sempre
Lhe tomão os dinheiros, que elle leva ;
E o grande Chefe ordena que se mettão
No regio Erario todos, inda aquelles
Que são de varios donos. Dize, Amigo,
Já viste uma injustiça assim tão clara ?
Aos grossos devedores não se tomão
Os seus proprios dinheiros, bem que tenham
Comido os cabedaes dos seus contractos ; .
E ao simples fiador de um rematante,
Que nada ainda deve, e que tem muito,
Vão-se á força tomar os seus dinheiros,
E os dinheiros, que é mais, de estranhas partes !
Agora, Dorotheo, não tens que digas ;
Has de emfim confessar, que o nosso Chefe
Sómente não opprime a quem lhe larga.
Ora ouve as circumstancias, que inda accrescem,

E que inda afeiãõ mais o torpe caso :
Espalhãõ as más linguas, que Matusio
Pedira ao tal sujeito, lhe comprasse
Uns finos guardanapos e toalhas ;
Que o fiador mesquinho lhos trouxéra ;
E vendo que Matusio se esquecia,
Lhe chegou a pedir sem pejo a paga ;
Que o Chefe resentido desta injúria,
Lhe mandou dar a busca por vingança ,
E que até ao presente inda não consta,
Que o preço da encommenda se pagasse.
Que mais póde fazer o seu laçao ?
Isto não é mais feio que despir-se
A preciosa capa ao grande Jove ,
E mandar-se tirar ao sabio filho,
O famoso Esculapio, as barbas de ouro ?

Amigo Dorotheo, se acaso vires
Na Côrte algum fidalgo pobre e roto,
Dize-lhe, que procure este Governo ;
Que a não acreditar que ha outra vida,
Com fazer quatro mimos aos rendeiros,
Ha de á patria voltar casquilho e gordo.

CARTA 9.

Em que se contão as desordens que Fanfarrão obrou no governo das Tropas.

Agora, Dorotheo, agora estava
Bamboando na rede preguiçosa,
E tomando na fina porcellana
O mate saboroso, quando escuto
De grossa artilharia o rouco estrôndo ;
O sangue se congela, a casa treme,
E pesada porção de estuque velho,
Á violencia do abalo despegada
Da barriguda esteira, faz que eu perca
A tigela esmaltada, que era a cousa
Que tinha nesta casa de algum preço.

Apenas tórno em mim daquelle susto,
Me lembra ser o dia em que o bom Chefe
Aos seus auxiliares lições dava,
Da que Saxi chamou pequena guerra.

Amigo Dorotheo, não sou tão nescio,
Que os avisos de Jove não conheça.
Castigou, castigou o meu descuido ;
Pois não me dêo a veia de Poeta,
Nem me trouxe por mares empolados
A Chile, para que, gostoso e molle,
Descance o corpo na franjada rêde.

Nasceu o sabio Homero entre os antigos,
Para o nome cantar do Grego Achilles ;
Para cantar tambem ao pio Eneas,
Teve o povo romano o seu Virgilio :
Assim para escrever os grandes feitos,
Que o nosso Fanfarrão obrou em Chile,
Entendo, Dorotheo, que a Providencia
Lançou na culta Hespanha o teu Critilo.
Ora pois, Dorotheo, eu passo, eu passo
A cumprir respeitoso os meus deveres ;
E já que o meu Heróe agora adéstra
Esquadras bellicosas, tambem hoje
Tomarei por empreza só mostrar-te
Que elle fez na milicia grandes cousas.

Ha nesta Capital um Regimento

De tropa regular, a quem se paga.
Tu sabes, Dorotheo, que não ha corpo,
Que todo de iguaes membros se componha.
Das ordens mais austeras, que fizerão
Os Santos Penitentes Patriarchas,
Sahirão contra o Throno rebellados
Os intamês Clementes, e sahirão
Contra o dogma os Calvinos e os Lutheros ;
O mesmo Apostolado teve um Judas.
Se isto pois, Dorotheo, assim succede
Nos corpos que se fôrmão de escolhidos,
Que não succederá nos grandes corpos,
Aonde se recebem as pessoas,
Que timbre fazem dos seus proprios vicios?

O meio, Dorotheo, o forte meio
Que os Chefes descobrirão, para terem
Os corpos que governão em socego,
Consiste em repartirem com mão recta
Os premios e os castigos ; pois que poucos,
Os delictos evitão, porque présão
A candida virtude ; os mais dos homens
Aos vicios fogem, porque as penas temem.
Ora ouve, Dorotheo, o como o Chefe
Os castigos reparte aos seus guerreiros.

Não ha, não ha disturbio nesta terra,
De que mão militar não seja auctora.
Chega, prezado Amigo, a ousadia
De um indigno soldado a este excesso :
Aperta na direita o ferro agudo,
E penetra as paredes de Palacio,
No meio de uma sala, aonde estavam
As duas sentinellas, que defendem
Da casa do docél a nobre entrada ;
Aqui, meu Dorotheo, aqui se chega
Ao camarada inerme, e pelas costas
O deixa quasi morto a punhaladas.

Que esperas tu agora, que eu te diga ?
Que o militar conselho já se apressa ?
Que já se liga ao poste o delinquente ?
Que os olhos com o lenço já lhe cobrem ?
Que a bala zunidôra já lhe rompe
O peito palpitante ? que suspira ?
Que lhe cahe sobre os hombros a cabeça ?
Meu caro Dorotheo, o nosso Chefe
É muito compassivo : sim, bem pôde
Opprimir os paisanos innocentes
Com pesadas cadêas ; pôde ainda

Vêr o sangue esguichar das rôtas costas
À fôrça dos zorragues ; mas não pôde
Consentir que se dê nos seus soldados,
Por maiores insultos que commettão,
A pena inda mais leve : assim praticão
Os famosos guerreiros, que nascêrão
Para obrarem no mundo emprezas grandes.

Elle sim bem conhece que não ha de
Talar com estas tropas as campinas ;
Que o céo lhe não concede a esperança
De entrar no templo augusto da Victoria,
Coberto de poeira e negro sangue,
Mas sempre, Dorotheo, as quer propicias ;
Pois ainda que não cinjão as espadas
Para cortar loureiros e carvalhos,
Que a testá lhes circulem , são aquellas,
Que promptas executão seus mandados ;
São aquellas, que infundem nestes povos
O medo e sujeição, com que tolêrão.
O verem em desprezo as Leis sagradas.

Conhece, Dorotheo, o proprio Chefe,
Que vai passando a muito a liberdade

Das fardas atrevidas, e querendo
A taes desordens pôr remedio e freio ,
Não manda que se cumprão as Leis santas,
Que aos delictos arbitrão justas penas ;
Manda sim um cartaz aonde innova
Que todos os domingos na parada
Se lêa o militar regulamento.
Indigno e bruto Chefe, de que serve
Que se lêão as Leis, se os malfeitores
Do que mandão não vêm um só exemplo !
Tens visto, Dorotheo, o como o Chefe
Os delictos castiga ; agora sabe
Da sorte que reparte aos bons os premios :
Morreo um Capitão, e subio lôgo
Ao pôsto devoluto um bom Tenente.
Porque foi, Dorotheo ? Seria acaso
Por ser Tenente antigo ? Ou porque tinha
Com honra militado ? Não, Amigo,
Foi só porque largou tres mil crusados !
Ah ! não mudes a côr de teu semblante,
Prudente Maximino ! Não, não mudes .
Que importa que comprasses a patente ?
Se tu a merecias ; a vileza
Da compra não te infama ; sim ao Chefe,
Que nunca faz justiça, sem que a venda.

Reforma um Capitão, e no seu posto
Encaixa sem vergonha a Thomasine,
Um moço na milicia pouco esperto,
Que um anno inda não tinha de Tenente.
Em que guerras andou, em que campanhas?
Quaes as feridas que no corpo mostra?
Aonde, aonde estão as diligencias,
As grandes diligencias arriscadas,
Que fez este mancebo, com que possa
Preferir aos antigos, destros Cabos?
Ah! sim, eu já me lembro! tem serviços,
Tem famosos serviços na verdade;
A casa deste moço, bem que pobre,
É a casa sómente aonde o Chefe
Entra em ar de visita, bebe e folga.

Aqui tens teu lugar, meu bom Lobesio;
Tu foste a Capitão, e tu passaste
Ao posto de Major em breves mezes.
Quaes são os teus serviços? Quaes? Responde.
Mas não, não me respondas; eu conheço
Que és tolo, que és bregeiro, e mais que mandas
As redradas pedrinhas. Estes dotes
Te fazem no conceito do teu Chefe

Um digno Pai da Patria, Heróe do Reino.
Tambem tu, ó Padella, te distingues
Na corja dos marotos. Tu conservas
De Capitão o cargo ; mas tu lográs
O soldo de Major , e mais as honras.
Que foi que te fez digno de subires
Á privança do Chefe ? Ah ! sim, eu vejo
O teu merecimento ! É cousa grande,
Ultrajas aos ministros e proteges
A todos os tratantes, que exercitão
O furto e o contrabando. Tu piedoso
Não queres vêr perdido um só soldado :
Se algum, se algum consente que se escalem
Os vedados lugares, tu escreves
Ao successor honrado, e lhe supplicas
Que parte não te dê de um tal desmancho.
O teu fidalgo peito não se vence
Da sordida avareza. Tu repartes
Os luzentes feixinhos com teu Chefe;
E bem que o seu Matusio, em nome d'elle,
Os ache miudinhos, sempre servem.
Tambem tu, digno Irmão, tambem cavalgas
O posto de Tenente, por dizeres
Que honrado Commandante na parada

Austéro te corrige por fallares
Dos rectos Magistrados sem respeito.
Que vezes a cachaça... mas, Amigo,
Deixemos de fallar na paga Tropa,
E vamos a fallar do grande corpo
Da gente auxiliar; aqui podemos
Acabar de dizer o mais que falta.

Tinha este continente levantados
De tropa auxiliar uns treze corpos;
O nosso Chefe ainda não se farta:
Alista o povo inteiro, e delle fôrma
Inda mais de quarenta Regimentos;
Mais faminto de ver galões e fardas,
Que Midas de trocar em ouro puro
As cousas, em que punha o torpe dedo.
O Coronel Valente agarra tudo
Quanto tem de varão a fôrma e trage;
Nem lhe obsta, Dorotheo, que os seus soldados
Meninos inda sejam; que elles crescem,
E cresce com os corpos igualmente
O santo amor das armas. Muitos, muitos,
Quando vão para a Igreja receberem
As aguas salvadoras do Baptismo,

Já vão vestidos com a curta farda ;
Este mesmo costume tem, Amigo,
O pago Regimento. Apenas nasce
Aos Cabos algum filho, logo á pressa
Lhe assenta o Chefe de cadete a praça.
Venturoso costume, que promette
Produzir de cordeiros tigres bravos !
Annibal, Dorotheo, desde menino
Com seu pai militou ; talvez não fosse
O terror dos Romanos, se passasse
A tenra inda imberbe mocidade
Entre os molles prazeres de Carthago.
Comtudo, Dorotheo, o céo permitta
Que guerras não tenhamos ; pois a termos
Algun acampamento, que constranja
A sahirem da praça os Regimentos,
Ha de haver bom trabalho em conduzir-se
O rancho de crianças em jacazes.
Ha de tambem haver despeza grande,
Em levar-se uma tropa de mulheres,
Que dêm o peito a uns, e a outros papas.

Tu sabes, Dorotheo, que as nossas tropas
De infantaria são , porém montada ;

Que as Leis do nosso Reino não consentem,
Que estas montadas Tropas se componhão
De membros, que não tenham certas rendas,
Com que possam manter os seus cavallos :
Ora ouve, Dorotheo, quaes são as posses
Dos miseros paisanos, que se alistão
Nos fortes Regimentos : quasi todos
Um sendeiro não tem, e muitos delles
Gemêrão nas prisões, por não poderem
Ageitar uma grossa e curta farda.
Eu topei, Dorotheo, por varias vezes
Atrás de um Regimento os rapazinhos
Em veste e mais, descalços ; fina idéa,
Em que derão os Cabos para vêrem,
Se á força de vergonha se fardavão.
Eu sei, eu sei, Amigo, que alguns destes,
Cançados de soffrerem mais opprobrios,
Fizerão fardamentos dos productos
Dos unicos escravos, que vendêrão,
E dos trastes alheios, que furtárão.
Perguntarás agora, doce Amigo,
Aonde estão os ricos taverneiros ?
Aonde os mercadores que tem lojas
A que chamão de seccos e de molhados ?

Aonde, Dorotheo? eu ja t'o digo :
Estão, estão tambem nos Regimentos ;
Mas trazem nas direitas, que conservão
Inda lixosas pelles, as bengalas.
Não rias, Dorotheo das nossas Tropas.
De que gente formou um corpo invicto
O luso Viriato? Foi de moços
Criados desde a infancia nas campanhas?
Não foi, meu Dorotheo, foi de uns pastores,
De uns pastores incultos, que, animados
Do esforço do seu chefe, conseguirão
Victorias singulares, contra um povo
Que o mundo sujeitou á força de armas.
Os homens, Dorotheo, são todos fortes
Em cima das muralhas, que defendem
As chorosas mulheres, e as fazendas,
Os ternos filhos, e os avós cançados.
A desordem, Amigo, não consiste
Em formar esquadões ; mas sim no excesso.
Um Reino bem regido não se fórma
Sómente de soldados, tem de tudo ;
Tem milicia, lavoura, e tem commercio.
Se quantos forem ricos, se adornarem
Das golas e das bandas, não teremos

Um só depositario ; nem os orphãos
Terão tambem tutores, quando nisto
Interessa igualmente o bem do Imperio.
Carece a Monarchia dez mil homens
De tropa auxiliar ? Não haja embora
De menos um soldado ; mas os outros
Vão á patria servir nos mais empregos ;
Pois os corpos civis são como os nossos,
Que tendo um membro forte e os outros débeis
Se devem, Dorotheo, julgar enfermos.

É tambem, Dorotheo, contra a policia
Franquearem-se as portas, a que subão
Aos distinctos empregos, as pessoas
Que vem de humildes troncos. Os tendeiros
Mal se vêem Capitães, são já fidalgos ;
Seus nescios descendentes já não querem
Conservar as tavernas que lhes derão
Os primeiros sapatos, e os primeiros
Capotes com capuz de grosso panno.
Que Imperio, Dorotheo, que Imperio pôde
Um povo sustentar, que só se fórma
De nobres sem officios ? Estes membros
Não amão, como devem, as virtudes,

Seguem á rédea sôlta os torpes vicios.
D'aqui sahem os torpes malfeitores,
Os vis alcoviteiros, os perjuros,
Os famosos ladrões ; n'uma palavra
A tropa insultadora dos vadios.

A este corpo immenso de milicia
Concede Fanfarrão as regalias,
Que as nossas Leis não dão aos bons vassallos,
Que chegão aos empregos mais honrosos,
Em paga de proezas e serviços.
Não quer, não quer o Chefe, que aos seus Cabos
Mandem citar os tristes accredores,
Por ordem de Justiça. Quaes os grandes,
Que não vem a Juizo sem licença
Do Principe, a quem servem , nesta terra,
Sem licença do Chefe, não se citão
Os negros, os crioulos e os mulatos ,
Mal vestem a fardinha, e muito menos
Mal cingem na cintura honrosa banda.
Se alguém requer ao Chefe que permitta
Para isso faculdade, põe-lhe em cima
De humilde petição, que o *supplicado*
Componha ao *supplicante* o que lhe deve .

Se diz o *supplicado ao supplicante*
Que não lhe deve nada, foi-se embora
O solido direito ; que a policia
Do Chefe não consente que se ponha
Aos seus officiaes, inda que sejam
Velhacos e ladrões, no fôro, um pleito.

Já viste regalia igual a esta ?
A Patria, Dorotheo, concede aos nobres,
Que os postos exercitão, grossas rendas,
Com que possão pagar aos mais vassallos
As cousas, que lhes comprão ; não concede
Ao mesmo General que vista e coma ,
Á custa do suór dos outros homens.
E quando o Rei não quer pagar a todos,
Com dinheiro contado, remunéra
Os serviços com graças ; mas daquellas,
Que deixão sempre intacto o jus alheio.

Não são sómente isentos da Justiça
Os cabos valerosos : onde habitão,
Se acolhem, Dorotheo, os malfeitores ;
E quaes antigas casas de fidalgos,
Ou famosos conventos, que na porta

Tem as grossas cadéas onde pégão
Os miseros culpados, aqui todos
Se livrão dos meirinhos, bem que sejam
Indignos, torpes réos de magistrado.

Se os ousados meirinhos entrar querem
Nas casas destes cabos, a que chamão
Militares quartéis, os fortes donos
Encaixão nas cabeças os casquetes,
Apertão as corrêas, poem as bandas,
E cingindo as torcidas largas folhas,
Urajão com palavras a Justiça,
Resistem, gritão, ferem, prendem, matão.

Os zelozos Juizes punir querem
A injúria da Justiça: fórmão autos,
Procedem ás devassas, pronuncião,
E mandão que estes nomes se descrevão
Nos réos dos mais culpados. Mas, Amigo,
De que serve fazer-se o que as Leis mandão
Na terra que governa um bruto Chefe,
Que não tem outra Lei mais que a vontade?
O Chefe Omnipotente logo envia
Atrevidos soldados, que, chegando

Á casa do Escrivão, os nomes riscão
Do ról dos delinquentes, e lhe arrancão
Da fechada gaveta os proprios autos.
Ousado, indigno Chefe, que governo,
Que governo nos fazes? A milicia
Erguêo-se para guarda dos vassallos,
E tu, e tu trabalhas, porque seja
A mesma que nos prive do socego,
Que próvidas nos dão as Leis sagradas.

Agora, Dorotheo, talvez trabalhes
Em achar o motivo porque o Chefe
Concede tanto indulto aos seus soldados;
Pois elle, Dorotheo, não é o enigma
Que vem nos doces versos de Virgilio
De umas flôres, que tem de reis os nomes
Escriptos sobre as folhas, e do sitio,
De que tres braços só do céo se avista.
O Chefe, Dorotheo, só quer dinheiro,
E dando aos militares regalias,
Podem os grandes postos, que lhes vende,
Subir a proporção tambem de preço.
Tu assim o conheces Cata Preta,
Pois déste mil oitavas por trazeres

Lavrado castão de ouro sobre a cana ;
Tu tambem Capanema assim discorres ;
Pois largaste seiscentas por vestires
De Capitão Maior vermelha farda ;
Todos assim o julgão. Ah ! só pensa
De diversa maneira aquelle nescio
Que soffreu que Matusio lhe rompesse
A passada Patente á sua vista,
Por não largar de luvas os trezentos.

Dize-me, Dorotheo, um chefe sabio
Levanta nas Conquistas umas tropas,
Com que não pôde a força do distante
Conquistador Imperio? Infunde, inspira
Nos Cabos tanto orgulho, que se atrevão
A resistir aos mesmos Magistrados,
Que a pessoa do Augusto representão?
Maldito, Dorotheo, maldito seja
Um bruto, que só quer a todo o custo
Enthesourar o sordido dinheiro.

CARTA 10.

**Em que se contão as desordens maiores que Fanfarrão
fez no seu Governo.**

Quiz , Amigo , compôr sentidos versos
A uma longa ausencia , e para encher-me
De ternas expressões , de imagens tristes ,
Á banca fui sentar-me com projecto
De lêr primeiramente algumas obras
No meu já roto , destroncado Ovidio.
Abri-o nas saudosas elegias ;
E quando me embebia na leitura
Dos casos lastimosos que elle pinta,
Na passagem que fez no Ponto Euxinio ,
Encontro aquelles versos que descrevem
As ondas decumanas ; de repente
Me sóbe ao pensamento que estas erão
Do nosso Fanfarrão imagem viva.
Os mares, Dorotheo , jámais descanção ,
Agitão sem cessar as verdes aguas ,

E depois que levantão ondas nove,
Com menos fortidão, despendem outra
Que corre mais ligeira, e que se quebra
Nos musgosos rochedos com mais força :
Assim o nosso Chefe não descança
De fazer, Dorotheo, no seu Governo
Asneiras sobre asneiras; e entre as muitas,
Que menos violentas nos parecem,
Pratica outras que excedem muito e muito
As raias dos humanos desconcertos.
Perdôa, minha Nise, que eu desista
Do intento começado. Tu mil vezes
Nos meus olhos já leste os meus affectos,
Não careces de os ler nos meus escriptos.
Perdôa pois que eu gaste as breves horas
A contar as asneiras deshumanas
Do nosso Fanfarrão ao caro Amigo.
E tu, meu Dorotheo, antes que lêas
O que vou a contar-te, jurar debes
Pelos olhos da tua amada esposa,
Por seu louro cabello, e pelo dia,
Em que viste na sua alegre boca
O primeiro sorriso, que não has-de
Duvidar do que leres, bem que sejam
Desordens, que pareçõ impossiveis.

A Junta, Dorotheo, a quem pertence
Evitar contrabandos, prende, envia
Á sábia Relação do Continente
A trinta delinquentes, para serem
Castigados conforme os seus delictos.
Entende o nosso Chefe que esta Junta
Não devia mandar os malfeitores,
Sem sua auctoridade ; e d'ellá toma
O mais estranho, barbaro despique.
Manda embargar aos presos na cadêa
Do nosso Sant'Iago, e manda ao pobre
Do conductor meirinho que os sustente,
Assistindo tambem aos que enfermarem
Com medicos, remedios e gallinhas.
Acaba-se o dinheiro, que lhe dêrão
Para fazer os gastos do caminho ;
Recorre neste aperto ao bruto Chefe,
Expõe-lhe, que não tem com que alimente
Ao menos a si proprio ; pede e roga
Que o deixe recolher á patria terra,
Para nella exercer seu pobre officio.
Tão terna rogativa não merece
Do Chefe a compaixão ; antes lhe ordena,
« Que assista, como d'antes, aos culpados

« De todo o necessario na enxovia ;
« Que a faltar-lhe o dinheiro para os gastos,
« Ou que o peça, ou que o furete. » Caro Amigo,
Da boca de uma Furia sahiria
Mais dura decisão ? Porque motivo
Deve um pobre meirinho dar sustento
A mais de trinta presos ? São seus filhos ?
E ainda a serem filhos, um pai justo,
Que fazenda não tem, vive obrigado
A sustentar infames malfeitores
Por meio de culpaveis latrocinios ?
Supponho, Dorotheo, supponho ainda
Que a Junta fez excesso na remessa
Dos presos, sem licença. Neste caso,
Merece o conductor algum castigo ?
Elle fez outra cousa que não fosse
Cumprir o que mandarão seus maiores ?
Podia repugnar-lhes, sem delicto ?
Amigo Dorotheo, o nosso Chefe
É qual mulher ciosa que não pôde
Vingar no vario amante os duros zelos,
E vai desafogar as suas iras,
Bebendo o sangue de innocentes filhos.

Depois de se passarem alguns annos ,
Depois que o bom meirinho já não tinha
Vestido que vendesse, nem pessoa
Que um xavo lhe fiasse ; o bruto Chefe
Passa a fazer um novo despotismo :
Ordena que os culpados sejam soltos ,
E dizem lhes mandára vinte oitavas,
Para os gastos fazerem da fugida.
Até aqui pagou o seu desgosto
O pobre conductor ; agora o paga
A triste, afflicta patria ; pois lhe augmenta
Dos torpes malfeitores a quadrilha.
É esta, Dorotheo, a sua gente ;
Trafica em cousa santa, no commercio
Da compra, e mais da venda de seixinhos,
Negocio avantajado e mais seguro
Que o metter entre os fardos das baetas
Os pesados galões e as drogas finas.
Préza o bravo leão aos leões bravos ;
A fraca pomba préza as pombas fracas ,
E o homem, apesar do raciocinio,
Que a verdade lhe mostra, estima aos homens
Que tem iguaes paixões e os mesmos vicios.

Avisão ao bom Chefe que um ministro
Queria que os soldados lhe mostrassem
As ordens, com que entravão a fazerem
Prisões no seu districto; investe o bruto,
Qual touro levantado, a quem acenão
C'os vermelhos droguetes os capinhas;
Escreve-lhe uma carta, em que lhe ordena
Lhe dê logo as razões, em que se funda;
Inda pede as razões, e já lhe estranha
O nescio proceder; aqui não pára
Tão rapida desordem: manda um corpo
De ousados militares, que conduzão
Ao Magistrado a carta, e lhes ordena
Que fiquem nesta villa sustentados
Á custa, Dorotheo, do afflicto povo.
Não se concede ao pobre que sustente
Em casa o seu soldado; manda o Chefe
Que a cada um se dê em cada um dia
Para sustento meia oitava de ouro,
Fóra milho e capim para o cavallo,
E não entrando aqui o regio soldo.
Que santo proceder! Um Deos irado,
Se houvessem sete justos, perdoava
Os immensos delictos de Sodoma,

E o nosso grande Chefe, pelo crime,
Pelo sonhado crime de um só homem,
Castiga como réo de magestade
Formado de innocentes todo um povo:

Faz penhora Macedo em certas barras
Que a um seu devedor devia Mevio ;
Recorre ao Magistrado Silverino,
Pedindo que mandasse que o dinheiro
A juizo viesse ; pois queria
Sobre elle disputar a preferencia
Na fórma que concede a Lei do Reino ;
Cita-se ao triste Mevio, e deposita
As barras em Juizo promptamente ;
Conhece Silverino que Macedo
Para a victoria tem melhor direito ;
Não quer seguir a causa na presença
De nm recto Magistrado que profere,
Na fórma que as Leis mandão, as sentenças ;
Recorre ao General, e o bruto Chefe
Decide desta sôrte o longo pleito :
Habita nesta terra um homem rico,
Que tem de Albino o nome, e, dizem, trata
A Mevio devedor por seu sobrinho:

Manda pois, Dorotheo, o grande Chefe
Que Albino se recolha na cadêa,
E more com os negros na enxovia,
Emquanto não pagar a Silverino
Outra tanta quantia, quanta Mevio
Depositou doloso, porque houvesse
Entre os dous accretores um litigio.
Eis-aqui, Dorotheo, o que é sciencia!
As nossas Leis não querem que o pai solva
O calote que fez o proprio filho,
E quer um General que Albino pague
Da sordida masmorra novamente
A somma que pagou o bom sobrinho!
Aonde existe o dolo? A lei não manda
Que todo o que temer que alguem lhe peça
Segundo pagamento, se segure,
Mettendo no deposito o que deve?
Pois se isto nos faculta o são direito,
Que delicto commette aquelle triste,
Que a divida em Juizo deposita,
Quando o sabio Juiz assim o manda,
Porque o mesmo credor assim o pede?
E se Mevio fez dolo, porque causa
Ha de Albino pagar a culpa delle?

Porque lhe aconselhou que não pagasse
Outra tanta quantia a Silverino?
Aconselhar conforme as Leis do Reino,
É culpa que mereça um tal castigo?
E pôde ser castigo regulado
Pagar o conselheiro aquella somma,
Que o mesmo aconselhado não devia?
Não é isto furtar? Não é violencia?
Ah pobre, ah pobre povo, a quem governa
Um bruto General, que o céu não teme,
Nem tem o menor pejo de lhe verem
Tão indignas acções os outros homens!

Ha neste regimento um moço Adonis,
Amores de uma escrava, cuja dona
Depois de captivar a muitos peitos,
Ao nosso heróe atou tambem ao carro
Dos seus crueis triumphos. Cégo Numen!
Qual é, qual é dos homens, que não honra
Com puros sacrificios teus altares?
Tu vences os pequenos, mais os grandes,
Tu vences os estultos, mais os sabios,
Tu vences, que inda é mais, as mesmas feras,
E bem que cinja o grosso peito d'aço,

Não póde resistir ás tuas settas
O duro coração do proprio Marte.

Intenta este soldado que o ministro
Lhe remate umas casas, e consegue
Um despacho do Chefe, em que decreta,
Que nellas ninguem lance; cousa estranha
Que entendo nunca vio nenhuma idade!
O recto Magistrado, que respeita,
Mais que ao Chefe, as Leis do seu Monarcha,
Ordena que o porteiro, *incontinenti*,
As pertendidas casas metta a lanço;
Honrado cidadão o preço cobre.
O porteiro passêa pela rua;
Repetê em alta voz o lanço novo,
E prosegue a fallar, assim dizendo:
« Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe tres,
« Dou-lhe outra mais pequena, affronta faço;
« Se ninguem mais me offerece, arremato.
Ao lanço do Brundusio ninguem chega,
Informado o Juiz ordena e manda
Que o predio se remate: então se chega
O porteiro risonho ao licitante,
E lhe diz, « que lhe faça bom proveito, »

Ao mesmo tempo que lhe entrega o ramo.
Parte logo o soldado, e conta ao Chefe
O successo da praça ; o bruto monstro,
Julgando profanado o seu respeito,
Manda lançar no pobre licitante
Um pesado grilhão, e manda pol-o,
Ajoujado com um despido negro ,
A trabalhar nas obras da Cadêa.
O preso injuriado desfallece,
E o Chefe deshumano desce á rua,
Para que possa de mais perto vel-o.
Succede a um desmaio outro desmaio ;
O negro companheiro então lhe acode,
Nos braços compassivos o sustenta ;
Porém o velho Chefe, que deseja
O vê-lo alli morrer, por um soldado
Manda ao negro dizer que ao preso deixe,
E cuide em proseguir no seu trabalho.
Os mesmos deshumanos, que rodêo
Tão bruto General , aquelles mesmos
Que alegres executão seus mandados,
Apenas escutárão tal preceito,
Um pouco emudecêrão, e tiverão
Os rostos tristes muito tempo baixos.

Os outros, Dorotheo, derão suspiros,
E bem que forcejassem, não puderão
Fazer que os olhos não se enchessem d'agua.

Eu creio, Dorotheo, que tu já leste,
Que um Cesar dos Romanos pertendêra
Vestir ao seu cavallo a nobre tóga
Dos velhos Senadores. Esta historia
Póde servir de fabula que mostre
Que muitos homens, mais que as feras, brutos
Na verdade conseguem grandes honras.
| Mas ah ! prezado Amigo, | que ditosa
Não fôra a nossa Chile, se antes visse
Adornado um cavallo com insignias
De General supremo, do que vêr-se
Obrigado a dobrar os seus joelhos
Na presença de um Chefe, a quem os deoses
Sómente derão a figura de homem !
Então, prezado Amigo, o nescio povo
Com fitas lhe enfeitára as negras clinas,
Ornára a estribaria com tapetes,
Com fôrmosas pinturas, ricos pannos,
Bordados reposteiros e cortinas ;
Um dos Grandes da terra lhe levára

Licor para beber em baldes d'ouro,
Outro lhe déra o milho em ricas salvas;
Mas sempre, Dorotheo, aquelles nescios,
Que ao bruto respeitassem, poderião
Servil-o acautelados, e de sorte,
Que dar-lhes não pudesse um leve couce.
Eis aqui, Dorotheo, o que nos nega
Uma heroica virtude. Um louco Chefe
O poder exercita do Monarcha,
E os subditos não devem nem fugir-lhe,
Nem tirar-lhe da mão a injusta espada.
Mas, caro Dorotheo, um Chefe destes
Só vem para castigo de peccados.
Os Deoses não carecem de mandarem
Flagellos exquisitos; quasi sempre
Nos punem com as cousas ordinarias.
O mundo inda não vio senão um corpo
Em branco sal mudado, e só no Egypto
Fez novas penas de Moysés a Vara.
Perguntarás agora, que torpezas
Commette a nossa Chile, que mereça ●
Tão estranho flagello? Não ha homem
Que viva isento de delictos graves;
E aonde se amontoão os viventes

Em cidades ou villas, ahi crescem
Os crimes e as desordens aos milhares.
Talvez, prezado Amigo, que nós hoje
Sintamos os castigos dos insultos,
Que nossos pais fizeram : estes campos
Estão cobertos de insepultos ossos
De innumeraveis homens que matárão.
Aqui os Europêos se divertião
Em andarem á caça dos Gentios,
Como á caça das fêras, pelos mattos.
Havia tal que dava aos seus cachorros,
Por diario sustento, humana carne ;
Querendo desculpar tão grave culpa
Com dizer que os Gentios, bem que tenham
A nossa semelhança, emquanto aos corpos,
Não erão como nós, emquanto ás almas.
Que muito pois que Deos levante o braço,
E puna os descendentes de uns tyrannos
Que, sem razão alguma e por capricho,
Espalhárão na terra tanto sangue?

CARTA II.

Em que se contão as bréjeirices de Fanfarrão.

No meio desta terra ha uma ponte,
Em cujos dous extremos se levantão
De dous grossos rendeiros as moradas ;
E apenas, Dorotheo, o sol declina
A descansar de Thetis no regaço,
Neste agradavel sitio vão sentar-se
Os principaes marotos, e, com elles,
A bréjeira familia de Palacio.

Aqui, meu bom Amigo, aqui se passão
As horas em conversa deleitosa :
Um conta que o ministro á meia noite
Entrára no quintal de certa dama ,
Diz outro que se expôz uma criança
Á porta de Floricio, e já lhe assigna
O pai e mais a mãe , aquelle augmenta
A bulha que Dirceo com Lauro teve

Por ciumes crueis da sua Amasia ; (*)
Este chama a Simplicio caloteiro,
E mófa ao mesmo tempo de Frondelio
Que o seu dinheiro guarda : emfim Amigo,
Aqui, aqui de tudo se murmura.
Só se livra da lingua venenosa,
O que contracta em venda de despachos,
E quem se alegra ao vêr que a sua moça
Ajunta pela prenda um par de oitavas ;
Que os membros do congresso são prudentes,
E não querem que alguns dos companheiros
Tomem esta convêrsa em ar de chasco.
Amigo Dorotheo, ah ! neste sitio
Eu não me dilatára um breve instante
Em dia de trovões, bem que estivesse
Plantado todo de loureiros machos !

Por este sitio pois passei ha pouco,
Cuidando que por ser mui cedo ainda,

(*) Será isto ainda um disfarce ou, pelo contrario, indício vehemente de que o autor do Poema não é Gonzaga ? Decidão os criticos, os que se julgarem competentes. Não tendo nós tomado uma deliberação anticipada de attribuil-o a alguém, pouco nos importa que elle seja do mencionado Poeta ou de Claudio ou de Alvarenga Peixoto ; principalmente quando os dous ultimos são Brasileiros natos, e Gonzaga não.

Não toparia a corja dos marotos ;
Mas apenas a vi, fiquei tremendo ,
Qual fraco passageiro, quando avista
Em deserto lugar pintadas onças;
Comtudo, Dorotheo, criei esforço,
E fui atravessando pelo meio,
Rezando sempre o *credo* e, por cautela ,
Fazendo muitas cruzes sobre o peito.
Apenas me salvei daquelle risco,
Um suspiro soltei que encheu os ares,
E voltando o semblante para o sitio,
Em que os taes mariolas se assentavão ,
Maneando a cabeça um par de vezes,
E soltando um sorriso, em ar de mófa,
Dentro do meu discurso assim lhes fallo :
« Vossês, meus mariolas, meus tratantês,
« Estão contando historias das pessoas
« De quem não são affectos, porque as levem
« Aos ouvidos do Chefe os seus laçaios ;
« Pois eu tambem já vou contar verdades,
« Em que possão fallar os homens serios,
« Inda d'aqui a mais de um cento de annos. (*)

(*) Esta esperança ou desejo do Poeta correo, parece-nos, grande risco de não realizar-se, mas, enfim, realisou-se.

Recolhi-me á choupana, e de repente,
Sem tirar a gravata do pescoço,
Entrei a pôr em limpo esta cartinha,
Que já pelo caminho vim compondo.

Entendo, Dorotheo, que as nossas almas
Não são todas iguaes : que o grande Jove
Fez umas de materia muito pura,
Fez outras de materia mais grosseira,
Por não perder as borras que ficavão ;
Entendo ainda mais, que o despenseiro,
Quando lhe vão pedir algumas almas,
Vai dando aquellas que primeiro encontra ;
Por isso ás vezes nascem os mochilas
Com brios de fidalgos ; outras vezes
Os nobres com espiritos humildes,
Só dignos de animarem vis lacaios.
O nosso Fanfarrão, prezado Amigo,
Nos dá mui boa prova : não se nega,
Que tenha illustre sangue , mas não dizem
Com seu illustre sangue as suas obras.

Apenas, Dorotheo, a noite chega,
Ninguem andar já pôde sem cautela

Nos sujos corredores de Palacio;
Uns batem com os peitos n'outros peitos;
Outros quebrão as testas n'outras testas;
Qual leva um encontrão que o vira em roda;
E qual, por defender a cara, fura
Com os dedos que estende, incautos olhos;
Aqui se quebra a porta, e ninguém falla;
Alli range a couceira, e sôa a chave;
Este anda de mansinho; aquelle corre;
Um grita que o pisárão; outro inquire
« Quem é? » a um vulto, que lhe não responde.
Não temas, Dorotheo, que não é nada;
Não são ladrões que offendão, são donzellas
Que buscão aos devotos que costumão
Fazer, de quando em quando, a sua esmóla.

Chegão-se emfim as horas, em que o somno
Estende na Cidade as negras azas
Em cima dos viventes, espremendo
Viçosas dormideiras. Tudo fica
Em profundo silencio; só a casa,
A casa aonde habita o grande Chefe,
Parece, Dorotheo, que vem abaixo
Fingindo a moça que levanta a saia,

E voando nas pontas dos dedinhos,
Prêga no machacaz de quem mais gosta
A lasciva embigada, abrindo os braços ;
Então o machacaz torcendo o corpo,
Pondo uma mão na testa, outra na ilharga,
Ou dando alguns estalos com os dedos,
Seguindo das violas o compasso,
Lhe diz, eu pago, eu pago, e de repente
Sobre a torpe michela atira o salto.
O' dança venturosa ! Tu entravas
Nas humildes choupanas, onde as negras,
Aonde as vis mulatas, apertando
Por baixo do bandulho a larga cinta
Te honravão c'os marotos e brêjeiros,
Batendo sobre o chão o pé descalço.
Agora já consegues ter entrada
Nas casas mais honestas e Palacios !
Ah ! tu, famoso Chefe, dás exemplo.
Tu já, tu já batucas, escondido
Debaixo dos teus tectos, com a moça
Que furtou ao senhor o teu Riberio !
Tu tambem já batucas sobre a sóla
Da formosa Comadre, quando o pede
A borracha funcção do *santo* Entrudo !

Ah ! que isto sendo pouco, é muito e **muito** !
Que os exemplos dos Chefes logo correm,
E correm muito mais, quando fomentão
Aquelles vicios a que os genios puxão.

O tempo, Dorotheo, voando, foge ;
E nunca os de Palacio imaginárão
Que tão veloz fugia, como agora.
Acaba-se a funcção, e chega o dia ;
Vem abrir as janellas um criado,
E o Chefe lhe pergunta que algararra
Fizerão os mais servos toda noite,
Que o não deixou dormir um breve instante;
O criado, que sabe que o bom Chefe
Só quer que lhe confessem a verdade,
O successo lhe conta desta sorte:
« Fizemos esta noite um tal batuque !
« Na cêa todos nós nos alegrámos :
« Entrou nelle a mulher do teu lacaio :
« Um só, senhor, não houve que, lascivo,
« Com ella não brincasse ; tódos elles
« De bebados que estavam, não pudérão
« O intento conseguir ; Só eu mais forte.... »
Apenas isto diz o vil criado,

O chefe as costas vira, e lhe responde,
Soltando um grande riso: « fóra fracos ! »

Já disse, Dorotheo, que as mocetonas
Só entrão em Palacio, quando estende
A noite sobre a terra a negra capa ;
Que a formosa virtude da cautela
Até parece bem naquelle mesmo,
A quem a profissão lhe não exige
Que viva recatado, como vivem
As moças, que inda querem ser donzellas.
Agora, Dorotheo, julgar já podes
Que sahem de Palacio muito cedo.
Assim é, Dorotheo ; as donzellinhas
Pela porta travessa vão sahindo,
Mal tocão as garridas á primeira.
Mas a bella Rosinha fica, e dorme
Nos braços de Matusio a madrugada ;
Só sahe de dia claro, e o grande Chefe
Lhe atira uma pedrinha da janella,
Só para que lhe dê um ar de graça !
Que grande estimação, Rosica bella !
Aqui se mostra bem, que as outras moças
Não trazem, como trazes, lucro á casa.

Não ha, prezado Amigo, quem não queira
Mostrar-se liberal com sua dama.

Para dar-lhe o vestido, mais a capa,

O manto, a saia, a meia, a fita, o pente,

Tira o pobre de si, e dextro furta

O peralta rapaz ao pai jarreta.

Eu mesmo, Dorotheo, que fui dos Santos,

Que em Salamanca andarão, (*) umas vezes

Doenças affectava, outras fingia

Necessitar de livros, ou de um traste

Para mandar de mimo a certo Lente.

Maldita sejas tu, harpia Olaya,

Que emquanto não abria a minha bolsa,

Não mostravas tambem alegre os dentes !

Esta paixão, Amigo, que nos vence,

Nos proprios animaes tambem se observa :

Esgravatão os gallos sobre a terra,

(*) Por este verso vê-se que o autor era formado (naturalmente) em Direito; o que mesmo se depreheende de outros versos em que o Poeta mostra conhecimentos juridicos. Infelizmente, para o caso, todos os tres poetas mencionados na Introducção são formados pela Universidade de Coimbra, A. Peixoto em Canones e os outros dous em Leis; convido notar-se que A. Peixoto exerceo os lugares da magistratura. Vide os *Varões illustres do Brasil durante os tempos coloniaes*, por J. M. P. S.

E mal topão o grão ou a migalha,
Contentes cacarejão, porque a moça
Se vá utilizar do seu trabalho ;
O nosso illustre Chefe, que se julga
De mui diversa massa do que somos,
Neste ponto, tambem, tambem conhece
Que está sujeito á miseria d'homem.

Nas obras, doce Amigo, da Cadêa
Trabalhão jornaleiros por salario:
Aquelles, que carregão cal e pedra,
Só ganhão por semana meia oitava;
Aquelles, que trabalhão de canteiro,
Ao menos ganhão cada dia um quarto.
Tem pois certa mocinha quatro negros,
Que apenas são serventes ; mas o Chefe
Ordena que, na fêria, se lhes pague
A quarto os seus jornaes, e creio, Amigo,
Que ainda não consente se descontem
Os muitos dias que nas obras faltão.

As casas, onde mora esta madama,
Ainda não estavam acabadas ;
Agora já de longe a cal alveja ;

Quem entra dentro dellas já recrea
Os olhos nas pinturas das paredes,
E tecto apainelado, a quem um dia
Suppria, Dorotheo, a grossa esteira.
Não quiz o nosso Heróe, chamasse a moça
Para mestre das obras um pedreiro,
Entregou o concerto ao grão Tenente,
Que o fez bem baratinho, c'o maçame
Que pertencia ás obras da Cadêa.

Entende Fanfarrão que não devia
Deixar ao desamparo a sua dama ;
Que a Lei da Igreja pede que amparemos
As que por nossa culpa se perdêrão,
E a Lei da fidalguia, que professa
O nosso Chefe, manda que elle ampare
Ás mesmas, que na fama já tem nota,
Comtanto que isto seja á custa alheia.
Chama pois o bom Chefe a um peralta,
Que era cabo de esquadra, e lhe commette
A gloria de casar com uma dama,
Que se não fez descer dos céos á terra
Ao supremo Tonante, fez comtudo
Humanisar um Chefe, que descende

Da mais distincta, mais soberba raça.
Que subita alegria banha o rosto
Deste innocente Cabo ! Nos seus olhos
As lagrimas rebentão, e os seus beiços
Formar não podem uma só palavra.
A dita, Dorotheo é muito grande.
Que fortuna não é casar um pobre
Com a rica viuva de um fidalgo ?
Chamar ao fidalguinho, que elle deixa,
Ou enteado ou filho ? Aparentar-se
Com todos os magnates desta terra,
Em grão tão conhecido e tão chegado ?
Esta grande ventura, doce Amigo,
Para todos não è. O negro demo
A guarda para premio dos serviços
Dos Chefes principaes dos seus bandalhos.

Mas ah ! presado Amigo, que o bom Chefe
Já manda aparelhar as magras bestas,
Que tem de conduzir-lhe o pobre fato
Que trouxe lá da Côrte, e se o casquilho
Não chega a receber a cara esposa,
Primeiro que elle no governo morra,
Bem pode ser, Amigo, se arrependa,

E que depois de ter cingido a banda,
E empunhado o bastão, lhe pregue o mono.
Faltarão ás promessas outros homens,
Que de honrados nos dêrão muitas provas ;
Como faltar não pode ao seu ajuste
Um fraco coração, uma alma indigna
Que, por tão baixo preço, a honra vende?
Cautela e mais cautela ; sim, o Chefe
Não saberá mandar armadas tropas,
Nem saberá reger as cultas gentes ,
Mas, para o não lograrem, sabe astuto
Dar todas as cadimes providencias.
Escreve ao velho Bispo, e lhe supplica
Que em todos os tres banhos o dispense ;
Não expende razão, que justa seja ;
Porém o velho Bispo tem bom genio,
E em todos os proclamas o dispensa ;
Que elle tem grandes letras, e bem sabe,
Que os Canones da Igreja não pensarão
Da especie singular de quando um Chefe
Quer á pressa casar a sua amasia.
Ah ! se elle estas desordens não fizera,
Não daria motivo a ser cantado
Por sábia, occulta Musa em um Poema !

Agora inquirirás, prezado Amigo,
Se é este sabio Bispo aquelle mesmo,
Que o bruto Fanfarrão, em certo dia,
Metteu na sua sege ao lado esquerdo?
É este, sim, senhor, o mesmo Bispo,
A quem o nosso Chefe desalmado,
Emquanto governou a nossa Chile,
Já dentro de Palacio, e já na rua,
Tratou, como quem trata um vil podengo.
De novo inquirirás : « então um Chefe,
« Que trata dessa sorte ao seu Prelado,
« Atreve-se a pedir-lhe que lhe faça
« Dispensa em uma Lei, a beneficio
« Da sua torpe amasia ? » Eu, doce Amigo,
Ainda duvidára, se pedira,
Me dêsse absolvição dos meus peccados,
Ao vêr-me para dar a Deos minha alma.
O mesmo, Dorotheo, tambem fizeras ;
Mas tu, prezado Amigo, não conheces
O systema que tem tão vil canalha.
Uma mui grande parte destes Chefes
Assenta em procurar seu interesse
Por todos os caminhos, e acredita,
Que o brio e pundonor, que nós prezamos,

São umas vãs phantasmas, que só devem
Honrar de simples voz aquelles homens,
Que vêm de uma distincta e velha raça.
Para estes a nobreza está nos termos
Do sordido monturo, em que se deita
Quanta immundice tem as velhas casas.
Ditoso de quem vive neste mundo
No estado de vêr rir os outros homens
Das suas vis accções, sem que lhe suba
Um vermelho signal de pejo á cara !
Mas ah ! meu doce amigo, quanto, quanto
Se enganão estes monstros, que a nobreza
É um vestido branco, aonde logo
Aos olhos apparece a leve mancha !

Já chega, Dorotheo, o alegre dia,
O dia venturoso do noivado :
Entra no santo Templo a linda esposa
Coberta toda de umas novas graças.
Os seus louros cabellos não fluctuão
Levados pelo vento a toda a parte,
Em tranças se dividem, e se prendem
No pente, a quem esconde um branco laço ;
Nos cabellos da frente resplandecem

Das pedras de mais custo os fogos vários ;
A sua têsta iguala a pura neve,
E são da côr da rosa as suas faces ;
São pérolas mimosas os seus dentes,
As gengivas rubins, e os grossos beijos
Estão cobertos dos cheirosos cravos.
Talvez, talvez não fosse tão formosa
A mesma, que obrigou ao forte Achilles,
A que terno vestisse a molle saia.

Neste sagrado Templo não se adora
A Imagem de Hymeneo ; aqui os noivos
Para prova da fé, que eterna dura,
Não recebem na mão accesa tocha.
Ministro do Senhor é quem os prende,
Cobrindo as castas mãos, com que se enlação
C'o a branca ponta da pendente estóla.
Aqui lascivas Graças, nús Amores,
Não cercão os consortes, nem manêão,
Em torno dos altares e das pyras,
Os vistosos festões de lindas flôres.
Aqui, aqui só entrão as virtudes,
A candida Modestia, a Innocencia,
A santa Honestidade e a Vergonha.

São estas, e não outras, as que correm
A receber á porta do Edificio
Os sinceros amantes ; sim, são estas,
São estas, e não outras, as que espalhão
Debaixo dos seus pés cheirosas folhas,
E as que fazem queimar sobre os braseiros
O incenso devoto e os mais aromas.

Recebem estes Genios aos dous noivos,
E, ao Ministro do altar os apresentam.
Ah ! formosa Marilia, agora, agora
Se augmentão tuas graças ; pois te aviva
A côr da linda face um novo pejo !
Com que custo não dás a mão nevada
Ao teu amado Adonis, que a recebe,
Como quem lucra nella o seu thesouro ! (*)

Já não veste Jelonio a grossa farda
Com divisas de lã, e sobre a testa
Não põe a barretina, que enfeita
Com armas e botões de grosso estanho.
Já não cinge as corrêas amarellas,
Nem carrega na cinta o peso enorme

(*) Veja-se o que dissêmos, em nota, á pag. 181.

Dos ferreos côpos da comprida espada.
Jelonio se mudou, Jelonio é outro.
Já brilhão nos canhões os alamares
Das finas lentejoulas, e nos hombros
Já brilhão as dragonas enfeitadas
C'os grandes cachos das lustrosas flores.
Jelonio se mudou, Jelonio é outro.
A veste de setim já resplandece
Orlada c'o galão de fina prata,
E por cima da veste, já se enrola
Na cintura a vermelha e rica banda.
Jelonio se mudou, Jelonio é outro.
Como está bello ! Como está casquilho !
Concerta do babado a fina renda,
Olha uma e outra vez os alamares,
Endireita a cuculla, estende a perna,
Não consente um só fio sobre a farda,
Levanta o pescocinho, morde os beiços,
E o seu cabello com a mão afaga.
Jelonio se namora de si mesmo,
Ainda, ainda mais que o terno Adonis,
Quando viu o seu rosto dentro d'agua.
Jelonio se mudou, Jelonio é outro.
Então os militares que o rodêão,

Amado Dorotheo, risonhos mofão :
Um pisa com o pé nos pés vizinhos ,
Puxa outro pelas pontas das fardetas
Aos Amigos chegados, este acena
C'os olhos e cabeça aos companheiros
Que lhe ficão defronte, aquelle tapa,
Fingindo que tem tosse, a alegre boca,
Qual foge da presença... mas que vejo !
Tu, Dorotheo, carregas sobre os olhos
As grossas sobranceiras ? ! Tu enrugas
A testa levantada ? Tu inflammas
As faces já desfeitas e suspiras ?
Acaso tu presumes que eu murmuro
Do facto de casar o nosso Chefe
A sua terna amasia ? Não, amigo;
Eu conheço tambem aonde chegão
Os deveres de quem nasceo fidalgo ;
Obrou o nosso Chefe o que eu faria.
Murmuro, Dorotheo, mas é do dote ;
Do dote, sim do dote. Dize, a banda,
O castão de coquilho, as mais insignias,
São dotes que se dêm a um soldado,
Porque servio ao Chefe, em receber-lhe,
Sem vergonha do mundo, a sua amiga ?

Não achas insolencia, e desaforo
Vêr os Portas-bandeiras, os Cadetes,
E os Furrieis já velhos preteridos,
Só para premiar-se com o posto,
Que por Lei lhes pertence, um torpe crime ?
São estes, Dorotheo, os grandes cabos,
De quem a triste Patria fiar deve
A sua salvação ? São estes ? Dize....
Agora já te calas; pois não tornes
A mostrar-me outra vez o gesto irado;
Que um dia heide enfadar-me, e se me enfadas,
Ainda que me peças de joelhos,
Não has de receber da minha penna
Em verso, ou prosa mais uma só carta.

•

CARTA 12.

Aquelle que se jacta de fidalgo,
Nã cessa de contar progenitores
Da raça dos Suevos, mais dos Godos.
O valente soldado gasta o dia
Em fallar das batalhas, e nos mostra
Das feridas, que présa, cheio o corpo ;
O louco namorado não descança
Emquanto tem quem ouça as aventuras,
Que fez com as madama's, mais senhoras,
Benzendo-se mil vezes, quando chega
Aos lances apertados de ser visto
Dos maridos, dos pais e dos parentes,
Em que só por milagre não foi morto.
Assim, assim tambem o teu Critillo,
Nã cança de escrever-te, emquanto encontra
De tolo Fanfarrão, do indigno Chefe,
Estranhas bandalhices que te conte.
Ah ! soffre, Amigo, que te gaste o tempo,
Pois conter-se não pôde, bem que queira,
Que a força da paixão assopra a chamma,
A chamma activa do picante genio.

Já sabes, Dorotheo, aonde chega
Do nosso Fanfarrão a bizzarria,
Em premiar serviços de uma dama.
Agora nesta carta vou mostrar-te,
Até aonde chegão as grandezas
Que fez com os marotos, porque tenhas
Do seu fidalgo genio noção clara.

Qual negra tempestade que carrega
As nuvens de cupins e de formigas,
Que crião com as chuvas longas azas :
Assim o nosso Chefe traz consigo
Arribação infame de bandalhos
Que gérão também azas, com a muita
Nociva audacia que lhes dá seu amo.
Na corja dos marotos apparece
Um magriço mulato, a quem o Chefe
Por occultas razões estima e préza.
Talvez que n'outro tempo lhe levasse
Os miudos papeis ás suas damas ;
Occupação distincta que já teve
Um famoso Mercurio, que comia
Sentado á mesa dos mais altos deoses.
Deseja o nosso Chefe que este lucre

Quatrocentas oitavas pelo menos,
E, para que não saião do seu bolso,
Descobre esta feliz e nova idéa :
Dispõe dos bens alheios como proprios ;
No publico theatro de Lupesio
Ordena, Dorotheo, se represente
Uma vista comedia, porque fiquem
Para o velho mulato os lucros d'ella.
Ordena ainda mais, que o seu Roberio
Os boletos reparta pelas damas,
Pelos contractadores opulentos,
E por quantos casquilhos os quizerem
Pagar ao menos por dobrado preço.
Roberio assim o faz : suppõe, coitado,
Que prometteu pedir alguma Missa,
E, junto c'o mulato, vai entrando
Em uma e outra casa, aonde deixa
Ou sellado papel para a platéa,
Ou com taboa pendente a velha chave.
Ah ! nota, Dorotheo, que acção tão feia !
Aquelle bruto Chefe, que não paga
Ás pessoas mais nobres o cortejo,
Se quer por um criado, agora manda
Que o seu proprio Roberio, o seu bom aio,

Ande de porta em porta, qual mendigo,
Pedindo para um bóde a benta esmola !
Então, Amigo, a quem ? a quem ? aos mesmos,
Que tem desfeitoado muitas vezes,
E ás pobres, que é mais, ás pobres moças,
Que hão de ganhar, á custa do seu corpo,
Com que possão pagar deste convite
Um tão avantajado, indigno preço.
Maldita sejas tu, pouca vergonha,
Que tanto influxo tens sôbre este Leso !

Chegou-se, Dorotheo, a noite alegre
Destinada á funcção, e o vil Roberio
Dá nova prova de fervor e zelo :
Vai-se pôr com o traste do mulato
Na porta da platéa, e quando acaba
A primeira jornada, tambem corre
Os cheios camarotes ; fina idéa !
Para vêr se os tolinhos assim largão,
Na copa do chapéo, que a esmóla apanha,
Embrulhos de mais peso ! Ah doce Amigo,
Quem bandalho nasceu, inda que suba
Ao posto de Major, morreu bandalho ;
Que o tronco, se dá fructo azedo ou doce,

Procede da semente, e qualidade
Da negra terra, em que foi gerado.

Servia-se este Chefe de um laçao,
E por não lhe pagar salario certo,
Deu neste ardil tambem : quando hia ás festas,
Lhe dava o seu brandão, e as mais pessoas,
Que estavam na tribuna por obsequio,
Lhe davão as compridas, grossas vélas ;
Se dava algum despacho, de que vinha
Proveito á parte rica, lh'o entregava ;
Porque fosse ganhar o grande premio,
Com que os nescios servidos o brindavão.
Nas vesperas, Amigo, da partida
Tratou de lhe fazer maior a safra :
Passou attestações a todo o mundo,
E, sem saber se o mundo lh'as queria,
Mandou ao mesmo servo as entregasse,
E os premios do trabalho recolhesse !
Maldita sejas tu, pouca vergonha,
Que tanto influxo tens sôbre este Leso !

Havia, Dorotheo... mas não gastemos
O tempo em referir mais bandalhices

Da mesma natureza ; refiramos
Outras que sejão de diversa classe.
Não quero, Dorotheo, que o justo tédio
Que infunde a semelhança, te duplique
O tédio que produz a minha phrase.

Fizerão os devotos de uma Imagem
Da festa protector ao grande Chefe ;
Aceita o Fanfarrão do cargo a honra,
E medita fazer um grão festejo :
Ordena aos cavalleiros, que vierão
Correr as argolinhas, em obsequio
Do ditoso Consorcio dos Infantes,
Que esperem nesta terra á sua custa,
E que nos dias da funcção repitão
Os feitos jogos com o mesmo lustre.
Manda que o grande curro, que o Senado
Fez levantar na praia, permaneça,
E venhão os boizinhos, que, por serem
Mais bravos do que os outros, se guardárão,
Mal rapavão no chão, e mal corrião
Atrás do mão capinha no terreiro.
Eis-aqui, eis-aqui, Amigo, o como
Se fazem cousas grandes sem despeza.

Manda mais o bom Chefe que se aluguem
Os palanques a quatro oitavas d'ouro,
Para que se comprasse um patrimonio
Á Sacro-Santa Imagem deste lucro.
Que sábias intenções, que fins tão santos!
Celebrão-se os festins, e não escapa
Um camarote só que não se alugue;
Mas deste rendimento não se sabe,
Que a compra se metteu de todo á bulha.

Não penses, Dorotheo, que o nosso Chefe
Comeu este dinheiro. Longe, longe
De nós este tão baixo pensamento.
Indo já no caminho o seu Matusio
Passou sobre Marquesio certa Letra,
Para que se pagasse ao Santo Christo.
Agora considera se este facto
Não mostra que elle zéla a consciencia.
Agora inquirirás se o tal Marquesio
Poz na sacada Letra o seu « aceito »?
Não pôz, não pôz, Amigo, porque disse
Que deste passador não tinha effeitos;
Porém o bom Matusio, mais seu amo,
Levão as consciencias descancadas;

Pois não devem suppôr, pelo costume,
Que a Letra não pagasse o máo Rendeiro.
Maldita sejas tu, pouca vergonha,
Que tanto influxo tens sobre este Leso !

Roubou um seu criado a certa escrava,
E dentro lh'a metteu do seu palacio ;
Conheceu o senhor quem fez o furto,
E foi pedir ao Chefe que mandasse
Que o terno roubador restituísse
A serva com os lucros, pois cedia
De toda a mais acção, que a Lei lhe dava.
Que entendes, Dorotheo, que obrou o Chefe?
Que fez um serio exame sobre o caso?
Que conhecendo ser a queixa justa,
Metteu em duros ferros ao criado?
Que não lhe perdoou, enquanto o mesmo
Offendido queixoso não lhe veio
Supplicar o perdão da culpa grave?
Devias esperar, que assim fizesse ;
Mas, quando a razão pede certa cousa,
Elle então executa o seu contrario.
Não zela, Dorotheo, a sã justiça,
Nem zela a honra propria maculada

Na sua habitação, que o servo muda
Em torpe lupanario. Não, não zela ;
Antes, prezado Amigo, austero estranha
Ao misero queixoso, que se atreva
A suppôr que os seus servos são capazes
De poderem obrar excessos destes.
Maldita sejas tu, pouca vergonha,
Que tanto influxo tens sobre este Leso !

Passados alguns tempos, Ludovino
Encontrou uma noite a sua escrava,
E á casa conduzio do bom Saonio,
Aonde em hospedagem se abrigava.
Aqui lhe perguntou a longa historia
fugida que fez, e a triste serva,
Com animo sincero assim lhe falla :
« Riberio me induzio a que fugisse,
« Metteo-me no seu quarto, aonde estive
« Fechada muitos dias. Alugou-me
« Depois uma casinha ; aqui me dava
« Dos sobejos da mesa de seu amo,
« Para eu alimentar a pobre vida ;
« Tive delle dous filhos ; o demonio
« Enganou-me, senhor, cuidei... » E nisto

Queria mais dizer ; porém de pejo
As lagrimas lhe estalão, e se cortão
As ultimas palavras com suspiros.

Agora dirás tú, Amigo honrado :

« Agora, agora sim, agora é tempo,

« Insolente Riberio, de nós vermos

« Para exemplo dos mais o teu castigo :

« Os soldados já marchão ; já te prendem ;

« Já vens maniatado ; já te mettem

« Na sordida enxovia ; já te encaixão

« No pescoço a corrente, e vais marchando

« Com rosto baixo a vêr Angola ou India. »

De vagar, de vagar com essas cousas :

Os servos do Palacio são os Duques

Do nosso Sant'Iago, e não se prendem

Por essas, nem por outras ninharias.

Átrevidos soldados já se apromptão,

Mas não para prenderem a Riberio,

Sim para conduzirem entre as armas

Ao pobre Ludovino e á sua serva,

Que já buscando vão á sua casa,

Que dista desta terra muitas leguas.

É o mesmo Riberio quem caminha

A fazer, Dorotheo, a diligencia,

Cobrindo a testa da insolente esquadra.
Já viste, Dorotheo, insultos destes?
Já viste que pertenda um homem serio
Que, á força, um bom senhor de si demitta
A escrava deshonesto, porque possa
Ficar na mancebia? Já, já viste
Que se mande prender ao ultrajado
Pelo mesmo ladrão? ! Ah! caro Amigo,
Que destas insolencias que te conto
Apenas pôde vêr quem mora em Chile!
Maldita sejas tu, pouca vergonha,
Que tanto influxo tens sobre este Leso!

Ha nesta grande terra um homem sabio,
E o unico formado em medicina :
A este bom Doutor estimão todos
Por sua profissão, por seus talentos,
Por seu affavel modo, e mais que tudo,
Pelas muitas virtudes que respira.
Curava o nosso sabio a certo enfermo,
E, vendo a vária febre e os mais symptomas,
Ordena que elle tome um côpo d'agua,
A que dá de Inglaterra o povo o nome.
Manda-lhe o boticario uma botelha,

Que já servido tinha ; o sabio attento
A que ella poderia ter perdido
A força natural, a não approva,
E passa a receitar outro composto,
Que possa produzir o mesmo effeito.
Chorando o boticario sóbe ao Chefe,
E diz-lhe que o Doutor a regeitára,
Por ser seu inimigo, e, desta sorte,
Tirar-lhe da botica o bom conceito.
Manda o Chefe chamar aos boticarios,
E manda que examinem a garrafa :
Concordão os doutores que não tinha
Ainda corrupção ; talvez por verem
Que ainda conservava algum amargo.
Então, então o Chefe enfurecido
Ordena ao Ajudante que alli mesmo
Avisse ao professor que elle tem ferros,
Cadêas e galês com que reprima,
Se nelles proseguir, os seus excessos.
Maldita sejas tu, pouca vergonha,
Que tanto influxo tens sobre este Leso !

Pensava, Dorotheo, que o nosso Chefe
Passasse á insolencia, que refiro,

De insultar, por amor de um vil mulato,
Um velho professor tão bem aceito,
Um velho professor, além de sabio,
Na terra singular no seu officio?
Não, meu prezado Amigo, não pensavas ;
Pois quero, Dorotheo, dizer-te a causa.
Esta grave ameaça e grave insulto
Foi feita em tom de paga, porque o bóde
Curava cuidadoso ao proprio Chefe
De mal occulto, que a modestia cala.
Maldita sejas tu, pouca vergonha,
Que tanto influxo tens sobre este Leso !

Ah ! dize, Dorotheo, porque motivo
O pae de Fanfarrão o não pôz antes
Na loja de algum habil sapateiro,
C'os moços aprendizes deste officio ?
Agora dirás tu : « Nasceu fidalgo,
« E as grandes personagens não se occupão
« Em baixos exercicios. » Nada dizes.
Tonante, Dorotheo, é pai dos deoses :
Nasceu-lhe o seu Vulcano e nasceu feio.
Mal o bom pai o vio, pregou-lhe um couce
Que o pôz do Olympo fóra ; e o pobre moço
Foi abrir uma tenda de ferreiro.

CARTA 13.

.
.
.
.

Ainda, caro Amigo, ainda existem
Os vestigios dos Templos sumptuosos
Que a mão religiosa do bom Numa
Ergueu a Marte, e levantou a Jano.
Ainda, ainda lêmos que elegêra
Para estas divindades sacerdotes,
E que muitas donzellas consagrâra,
A fim de conservar-se acceso o fogo
Em o templo de Vesta sobre as aras.
Tambem, tambem sabemos que este sabio,
Para ter mais conceito entre o seu povo,
Fingio que a Ninfa Egéria, sendo noite,
Vinha fallar com elle, e que benigna
A fórma do governo lhe inspirava.
O mesmo fez Sertorio, que dizia

Que nada executava, que não fosse
Ensinado por uma branca cerva,
Que a deosa caçadôra lhe mandára.
Mafoma, o vil Mafoma, astuto segue
Tambem este systema : ao seu ouvido
Acostuma a chegar-se a mansa pomba.
A nação ignorante se convence
De que este seu propheta conhecia
Os segredos do céo, por este meio.
Não ha, meu Dorotheo, não ha um Chefe,
Bem que perverso seja, que não finja
Pela Religião um justo zelo,
E quando não o faça por virtude,
Sempre ao menos o mostra por systema.

.
.
.
.



EPILOGO

O livro que ora publicamos merece, por certo, alguma attenção dos litteratos e dos amadores da historia patria e da historia da liberdade brasileira : dos litteratos, porque sem duvida tem elle muitas bellezas de metrificacão, muita causticidade epigrammatica, pensamentos nobres e elevados, e é o primeiro poema satyrico escripto por Brasileiro ; dos amadores da historia patria e da historia da liberdade brasileira, porque esta producção litteraria é um documento precioso para os annaes do Imperio, e thesouro fertilissimo de factos praticados por um governador *modelo*, que provocou uma memoravel, mas abortada revolução, prodromo muito significativo do

movimento liberal que 33 annos mais tarde nos outorgou a independencia e fundou a unica monarchia americana, o terceiro imperio do mundo pela extensão do territorio, e pela grandeza dos destinos que sua natureza uberrima diagnostica aos seus naturaes, e àquelles que comosco lanção os solidos fundamentos de seu auspicioso porvir.

Na *Synopsis da Historia do Brasil*, do Sr. Abreu e Lima, á pagina 262 lê-se o seguinte :
« Sendo Luiz da Cunha de Menezes governador de Minas Geraes, teve aviso em 1786 (época, na opinião do Sr. Varnhagen, em que foi escripto o Poema*) de que se tramava uma conspiração com o fito de declarar independente aquella provincia, á imitação da America Inglesa. Tão chimerico intento não mereceu a attenção do governador, e os revolucionarios

(*) Esta opinião do Sr. Varnhagen parece, entretanto, ser erronea; veção-se ás pags. 193 e 204 os versos 7º e 18º, d'onde se depreheende que o Poema foi escripto posteriormente á sahida do Governador Menezes, ou só concluido depois.

tiverão tempo de alliciar novos socios nas diferentes povoações de Minas.

« Com a chegada de outro capitão-general, o Visconde de Barbacena, em 1788, por occasião da cobrança do imposto (quinto) do ouro, que tinha ficado em consideravel atrazo, quizerão os conjurados romper na revolta, mas considerando então que a sua posição no interior do paiz lhes era desfavoravel, enviarão ao Rio de Janeiro um dos socios, Joaquim José da Silva Xavier, denominado o *Tiradentes*, com o fim de grangear partido nesta cidade, etc. »

Do que se conclue que a cobrança do quinto do ouro não foi senão uma causa occasional, ou, quando muito, apenas mais um combustivel lançado na fogueira revolucionaria, prestes a ser ateada pela opinião publica revoltada, ou antes pela longa serie de desatinos e arbitrariedades do despotico Fanfarrão Minezio, no dizer temeroso do Poeta.

A revolução, pois, que arrebentou nas mãos do Visconde de Barbacena já estava ha longo

tempo urdida, e preparada para fazer explosão durante a *gloriosa e sabia* governação do *in-clyto* governador Luiz da Cunha de Menezes. A elle cabe portanto toda a responsabilidade daquelle *pronunciamento*, como dizem os nossos vizinhos do Sul.

O poema que ora vem a lume é assim um verdadeiro, posto que naturalmente incompleto, libello accusatorio contra o governador ; e, se para muitos não é, ou não será, uma justificação plena da revolução e dos revolucionarios, explica aquella sufficientemente e livra estes inteiramente de qualquer pécha, que por ventura possa desairal-os ante a razão calma do mais pacifico cidadão.

Entretanto, á vista dos factos apontados e commentados pelo Poeta e de outros que se deve suppôr existentes, vista a difficuldade de contar-se em verso todos os desvarios de um Verres ou de um Pisão *, não esquecendo que o manuscripto que servio de base para esta

* O Poeta mesmo assim o declara á pag. 140, verso 20º.

publicação é incompleto, tomamos a liberdade de dizer, que justos motivos tiverão aquellos Brasileiros que, em 1789, arvorarão na provincia de Minas Geraes o estandarte da revolução e lançarão o primeiro grito de independencia * ouvido pelo enorme gigante de granito que se estende do Oyapok ao Jaguarão!! D'ora em diante pois, visto que só agora apparece o Poema com todos os seus cantos (posto que ainda incompletos) fica sendo esta peça litteraria uma peça politica de valor, e inseparavel da historia daquella época memoravel.

Queirão os *competentes* tirar deste volume toda a seiva, que tem, em beneficio da verdade historica, e em beneficio das biographias dos coryphêos da celebrada *Inconfidencia mineira*.

* Não podemos considerar tal a sedição de 1720 havida em Minas Geraes durante o governo de D. Pedro de Almeida, Conde de Assumar, porque então deveríamos rememorar outras havidas em diversos pontos do Brasil em épocas anteriores; e assim ousamos pensar, sem embargo da opinião, em contrario, do Sr. Dr. Couto de Magalhães.

Antes de concluirmos, seja-nos permittido fazer a seguinte declaração: um Brasileiro altamente illustrado, cujo nome é uma gloria e uma honra para a sciencia e para a litteratura no Brasil, o Sr. Doutor Joaquim Caetano da Silva, amigo intimo do Sr. Varnhagen, nos avisou que muito provavelmente houve erro de impressão na introducção do Florilegio do Sr. Varnhagen, onde vem a palavra *nove* antes de *epistolas*, porque muito naturalmente o distincto litterato brasileiro, a que alludimos, não conhecia senão as *sete* Cartas publicadas em 1845.

Por ultimo, só temos a pedir aos leitores benevolencia para o autor da Introducção, das notas e do Epilogo.

L. F. DA VEIGA.



INDICE

Introdução.	Pag.	5
Epistola a Critillo.		21
Prologo.		33
Carta 1ª		35
Carta 2ª		49
Carta 3ª		63
Carta 4ª		77
Carta 5ª		93
Carta 6ª		108
Carta 7ª		127
Carta 8ª		132
Carta 9ª		148
Carta 10ª		166
Carta 11ª		180
Carta 12ª		200
Carta 13ª		213
Epilogo.		215

Errata.

À pag. 25, verso ultimo, onde diz — *nosso hyeoso*, lêa-se — *hoje os nossos*.

À pag. 200—depois de *longa historia*, onde diz: *fugida que fez*—lêa-se—*Da fugida que fez*.

Os outros erros, quasi todos de pontuação, serão facilmente rectificados pelo leitor.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).